UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPEP
ESCOLA DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
– PPGHCA –
Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes

“A Ciência salvou minha alma”:
neoateísmo no YouTube

Rogério Fernandes da Silva

Duque de Caxias
2021

Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”
UNIGRANRIO

Rogério Fernandes da Silva

“A Ciência salvou minha alma”:
neoateísmo no YouTube

Tese Apresentada ao Programa de Doutorado em Humanidades, Cultura e Artes, da Universidade do Grande Rio – Prof. José de Souza Herdy – UNIGRANRIO, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientador: Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

Coorientador: Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça

Duque de Caxias
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

S586c Silva, Rogério Fernandes da.
"A Ciência salvou minha alma": neoateísmo no *YouTube* / Rogério Fernandes da Silva. – Duque de Caxias, 2021.
147 f. : il. ; 31 cm.

Tese (Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2021.
"Orientador: Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Coorientador: Prof. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça".
Referências: f. 140-147.

1. Educação. 2. Religião. 3. Ateísmo. 4. Redes sociais. 5. *YouTube*. 6. Cibercultura. I. Oliveira, Joaquim Humberto Coelho de. II. Vilaça, Márcio Luiz Corrêa. III. Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy". IV. Título.

CDD – 370

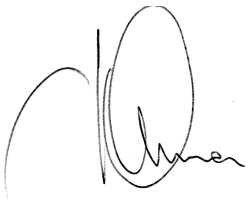
ROGÉRIO FERNANDES DA SILVA

“A CIÊNCIA SALVOU MINHA ALMA": O NEOATEÍSMO NO YOUTUBE

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Doutor em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 30/06/2021

BANCA EXAMINADORA



_____

Prof.. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO

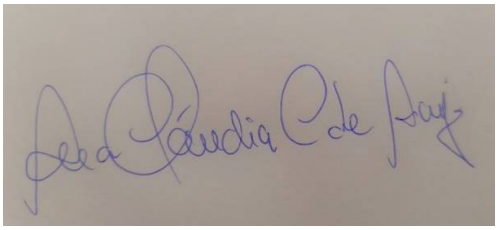
_____

Prof. Dr.Renato da Silva
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO

_____

Profa. Dra.Anna Paula Soares Lemos

Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO



Profa. Dra.Ana Cláudia Condeixa de Araújo
UNIFESSPA

Profa. Dra. Denise Tavares da Silva

Dedico esta tese à minha família, aos amigos, colegas de trabalho e mestres que muito me auxiliaram para ultrapassar esta etapa da vida.

AGRADECIMENTOS

Novamente gostaria de agradecer a todos que me apoiaram nos projetos, amigos e familiares, que me acompanharam na minha trajetória acadêmica. Foram momentos difíceis e de muitos sacrifícios. Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO, que fizeram e fazem parte da minha caminhada. Neste caso desde os docentes que integram desde 2016 até o presente momento, como os doutores Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima, Rosane Cristina de Oliveira, José Carlos Sebe Bom Meihy, Rosane Cristina de Oliveira, Cleonice Puggian, Renato da Silva, Jurema Rosa Lopes, Daniele Fortuna, Anna Paula Lemos, Denise Franca Barros, Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis, Idemburgo Pereira Frazão Félix, João Felipe Rammelt Sauerbronn, Rejane Prevot Nascimento. Em especial, agradecimento ao meu orientador, professor doutor Joaquim Humberto Coelho de Oliveira, e ao professor doutor Márcio Luís Corrêa Vilaça, coorientador.

Também agradeço a todos os funcionários da PROPEP, pelo dedicado trabalho sem o qual não seria possível terminar esta pesquisa. Agradeço aos colegas e amigos do curso. Agradeço ainda à UNIGRANRIO pela oportunidade e paciência, pela bolsa de gratuidade e por ser um local de excelência acadêmica. Não posso deixar de citar a turma do doutorado de 2016, colegas que contribuíram com diálogos, análises e sugestões.

Enfim, agradeço a Deus por um tema tão instigante, como também ter conhecido profissionais altamente qualificados e alunos interessados, que estimulam a seguir em frente.

Para citar antigos clichês, a ciência se interessa pelo tempo, e a religião pela eternidade; a ciência estuda como funciona o céu, a religião como ir para o céu.

Stephen Jay Gould

RESUMO

A percepção do aumento aparente do tema ateísmo nas redes sociais Youtube e Facebook estimulou a pesquisa desenvolvida nesta tese. Os usuários, motivados pelo sucesso das páginas ateístas nas redes sociais, reproduzem o discurso recorrentemente identificado como neoateísta. O neoateísmo é identificado como um movimento iniciado por escritores anglo-saxões que se projetaram no cenário editorial logo após o atentado terrorista contra os EUA, em 11 de setembro de 2001. Na visão desses intelectuais, como Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens, a ciência deve substituir a religião principalmente no plano moral. Nos debates online, os vídeos do YouTube e de vlogs são responsáveis pela divulgação dessas ideias nas páginas ateístas do Facebook. Alinhados com a sociedade da informação, surgem notoriedades no assunto com expressiva quantidade de seguidores e compartilhamentos, como PC Siqueira, Daniel Fraga, Yuri Grecco, Pirulla e Clarion. A interatividade considerada nos comentários é uma das características ressaltadas nessas realizações próprias da internet, como destacam as referências responsáveis pela orientação teórica deste trabalho acadêmico. Consideramos, portanto, importante compreender as características próprias da militância neoateísta na rede. Para tanto, se faz necessário observar como a radicalidade dos pensadores neoateus é recepcionada pela cibercultura. Desse modo, é possível questionar como o ativista militante se apropria das ideias retiradas de vlogs e, por sua vez, como eles se apropriam do conteúdo divulgado nos livros neoateus, e, por fim, como essa prática interfere na concepção de humor recorrente nas manifestações atéias. Recorremos, para o cumprimento da problemática proposta, à metodologia qualitativa indicada no método da análise documental. Nos vídeos selecionados são decompostos seus elementos formais, visuais e sonoros, e analisados em relação aos seus aspectos de conteúdo temático. As interações nos comentários também são analisadas como etapa integrante na formação final da mensagem. Como hipóteses podemos encontrar muitos vídeos sobre ateísmo/neoateísmo e sobre divulgação da Ciência. Muitos desses produtores de conteúdo no começo do *YouTube* viam ou se veem como divulgadores científicos. Basta uma pesquisa no *Google* e no *YouTube* para ver diversos vídeos que relacionam a ideia de conflito entre Ciência e Religião, que é um tema recorrente entre eles. Esses produtores antirreligiosos são um fenômeno da pluralidade cultural que se firmou no Brasil na década passada e perceptível nas redes sociais. Nestes vídeos encontram-se na parte de comentários opiniões contrárias a qualquer conciliação entre Ciência e Religião. Nesta pesquisa colocaremos a produção desses vídeos do *YouTube* feitos por brasileiros, sobre *vlogs* e *youtubers* em português e a produção relacionada a Religião e Ciência através de uma construção identidade baseada no conflito.

Palavras-chave: Neoateísmo. YouTube. Ciência. Religião. Humor.

ABSTRACT

The apparent increase perception of the theme atheism in YouTube and Facebook social networks stimulated the research developed in this thesis. Users, motivated by the success of the atheistic pages on social networks, reproduce the discourse repeatedly identified as neoatheistic. New atheism is identified as a movement initiated by Anglo-Saxon writers that projected themselves in editorial scene shortly after the terrorist attack on the US at 11 September 2001. In the intellectuals view, as Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett and Christopher Hitchens, science must replace religion primarily on the morally. In online debates, videos from YouTube and vlogs are responsible for spreading these ideas on the atheistic Facebook pages. Aligned with the information society, there is notoriety in the subject with an expressive amount of followers and shares, such as PC Siqueira, Daniel Fraga, Yuri Grecco, Pirulla and Clarion. The interactivity in the comments is one characteristics highlighted in these achievements of Internet, as highlighted by the references responsible for the theoretical orientation of this academic work. We therefore consider the important to characteristics understand of new atheist militancy in the network. Finally, is necessary to observe how the neoatheist thinkers radicality is beneficial by cyberculture. Thus, is possible to question how the militant activist appropriates the ideas taken from vlogs and, in turn, how they appropriate the content disseminated in the books new atheist, and, finally, how this practice interferes with the conception of recurrent humor in the atheistic manifestations. In order to comply with the proposed problem, we use the qualitative methodology indicated in the document analysis method. In the selected videos, visual and sound elements formals, are decomposed and analyzed in relation to its thematic content aspects. The interactions in the comments are also analyzed as integral stage in final message formation. As hypotheses, we can find many videos about atheism/newatheism and about science dissemination. Many of these content producers in YouTube's early days saw or see themselves as scientific communicators. A search on Google and YouTube is enough to see several videos that relate the idea of conflict between Science and Religion, which is a recurrent theme between them. These anti-religious producers are a phenomenon of cultural plurality that has established itself in Brazil over the past decade and is noticeable on social networks. In these videos, in the comments section, opinions against any conciliation between Science and Religion can be found. In this research we will place the production of these YouTube videos made by Brazilians, about vlogs and youtubers in Portuguese and the production related to Religion and Science through an identity construction based on conflict.

Keywords: Neoatheism. Youtube. Science. Religion. Humor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Interface do YouTube em 1º de julho de 2005 57
Figura 2. Imagem da página inicial (atual) do YouTube 58
Figura 3. Foto de um cartaz com a propaganda da "profissão do momento": ser *youtuber* 64
Figura 4. Grande preocupação com a pesquisa sobre edição de genes, mas a maior parte do apoio é pelo uso de bebês para tratar doenças 78
Figura 5. Metade ou a maioria dos públicos dizem que há conflito geral entre ciência e religião 80
Figura 6. Vídeo *A ciência salvou a minha alma* 88
Figura 7. Pirulla em seu quarto/estúdio 95
Figura 8. A primeira aparição de Pirulla no YouTube 96
Figura 9. O novo visual de Pirulla 100
Figura 10. Produção, transmissão e respostas 105
Figura 11. Imagem do vídeo com a barra de graduação de sua conversão 107
Figura 12. Daniel Fraga no vídeo em questão 112
Figura 13. Imagem de nossa Senhora do Crack 115
Figura 14. Imagem do vídeo do PC Siqueira 118
Figura 15. Yuri Grecco 124
Figura 16. Grupo Liga Racionalista e o militante Antônio Miranda 137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estado da arte: publicações importantes 39
Tabela 2. Planilha de pagamento do YouTube para canais (2018)..... 63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro esquemático sobre ateísmo e do surgimento dos *vlogs*..... 74
Quadro 2. Esquema das análises..... 87

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARPA	Advanced Research and Projects Agency
ATEA	Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos
BBC	British Broadcasting Corporation
Blog	*Web log*
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID	*COrona VIrus Disease*
EUA	Estados Unidos da América
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FullHD	*Full High Definition*
HTML	*Hyper Text Markup Language*
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCT-CPCT	Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais
ONG	Organização Não Governamental
PCB	Partido Comunista do Brasil
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UEM	Universidade Estadual de Mariana
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
URL	*Uniform Resource Locator*
Vlog	*Videoblog*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....17

1. RAZÃO *VERSUS* FÉ: NEOATEÍSMO, RELIGIÃO E CIÊNCIA 23

1.1. RAZÃO *VERSUS* FÉ: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS 25

1.2. RAZÃO *VERSUS* FÉ: ASPECTOS CULTURAIS 30

1.3. ATEÍSMO E NEOATEÍSMO: DEFINIÇÕES GERAIS E SUAS INFLUÊNCIAS NOS MOVIMENTOS EM *TERRAE BRASILIS*..... 34

1.4. SAM HARRIS: A CIÊNCIA COMO PARÂMETRO MORAL 46

1.5. O CIENTIFICISMO NO MUNDO ATUAL 49

1.6. RICHARD DAWKINS: CIÊNCIA E REENCANTAMENTO DO MUNDO..... 51

2. YOUTUBE E NEOATEÍSMO: FÉ E CIÊNCIA NA SOCIEDADE EM REDE 55

2.1. *INTERNET* E *WEB* 2.0 55

2.1.1 *YouTube* 56

2.1.2 *Blogueiros* e *vlogueiros* 59

2.1.3 *Youtuber*: a profissão do momento? 62

2.1.4 Ciberespaço e ciberativismo..... 66

2.2. MÍDIAS SOCIAIS E NEOATEÍSMO 70

2.2.1. *Blogs* e ateus..... 70

2.2.2. *Vlogs* e ateus..... 71

2.2.3. *Facebook* e o papel do neoateísmo 72

2.2.4. *YouTube*, entre os pioneiros: ateus 73

2.3. PESQUISA DO INSTITUTO *PEW RESEACH CENTER* 77

2.4. PESQUISA SOBRE JOVENS E O ENTENDIMENTO DA CIÊNCIA..... 81

3. O MOVIMENTO NEOATEU NO YOUTUBE: ANÁLISE DOS VÍDEOS.....84

3.1. ANÁLISE DOS VÍDEOS E DOS COMENTÁRIOS 85

3.1.1. *A ciência salvou minha alma*: análise do vídeo sobre neoateísmo..... 88

3.1.2. Doutor Pirulla: ateu, acadêmico e *youtuber*..... 94

3.1.2.1. Análise do vídeo *Ateísmo – origem do pensamento religioso* 95

3.1.2.2. Análise do vídeo do Pirulla: *Ateu, neoateu ou antiteísta? (ou exemplo de intolerância ao ateísmo?)*..... 100

3.1.3. Vídeo *Como me tornei ateu*, produzido por Clarion de Laffalot 106

3.1.4. Análise do vídeo de Daniel Fraga: *Religião é pior que crack* 111

3.1.5. Vídeo de PC Siqueira: *Por que sou ateu?*..... 117
3.1.6. O canal “Eu, ateu” de Yuri Grecco: *E se eu estiver errado?*..... 123
3.2. SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS..... 126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....132
REFERÊNCIAS.....140

INTRODUÇÃO

O mundo conectado ou em rede (CASTELLS, 2017) amplia para um grande público a audição de vozes anteriormente não representadas. Entre as que se fazem ouvir, soam as dos jovens motivados pela polêmica ateísta, com forte influência do movimento neoateu, criado por Sam Harris e Richard Dawkins – ambos parte dos Brights, palavra em inglês cujo significado assemelha-se a "iluminado", utilizada para designar movimento internacional da causa ateísta e da explicação naturalista (GORDON, 2011).

No momento atual, sob o alcance massificante dos meios de comunicação *online*, é difícil mantê-los distantes para aferir o quanto são capazes de influenciar os comportamentos sociais. Confrontando-se com esses limites, destacam-se os esforços teóricos de Castells (2015) e Pierre Lévy (2000) em busca de entender a potência transformadora da virtualidade e das redes sociais. Nesse aspecto, é interessante notar que houve mudanças no campo religioso, pois muitas religiões tradicionais tiveram que se adaptar aos novos meios de comunicação, além de sofrer mudanças internas diante do surgimento de novos atores e demandas sociais. Para entendermos todo esse processo, ou pelo menos parte dele, várias disciplinas podem nos ajudar, ainda mais quando dialogam entre si. Como caráter interdisciplinar, História, Antropologia, Geografia, Psicologia e Sociologia fornecem metanarrativas capazes de traçar um caminho para o conhecimento das mudanças atuais.

As subdisciplinas Sociologia da Religião, História das Religiões e Ciência(s) da(s) Religião(ões) lançam suas bases teóricas e metodológicas, impossibilitando continuar a definir a Religião segundo a exclusiva orientação antiga baseada no paradigma cristão. Com as novas opções religiosas, para não dizer antirreligiosas, o trabalho do pesquisador se multiplica, se complica e exige maior fundamentação teórica. A religião, ou melhor, as religiões, neste começo do terceiro milênio, passam por diversas transformações socioculturais e paradigmáticas. Na década dos anos 60 do século passado, a teoria da secularização captou muitos adeptos, a ponto de fortalecer a opinião contrária à relevância da religião.

Entretanto, no final do século XX, houve um reencantamento pela religião, notadamente pelo cristianismo, motivado por novos movimentos que o impulsionam para o lado mais carismático e menos institucional. Também se percebe que as grandes confissões perderam espaço para uma forma de viver o fenômeno religioso; formas mais subjetivas e

individuais (LUCKMANN, 2014). As religiões, nesse aspecto, continuam presentes e importantes e ainda determinantes para os movimentos sociopolíticos.

As teorias de secularização, por sua vez, se prestam a analisar os novos movimentos de religiosidade, cabendo nesta tese discutir uma de suas vertentes: o ateísmo contemporâneo, mais especificamente o que se convencionou chamar de neoateísmo, como um subproduto desse movimento. Dentro da grande corrente do ateísmo, nas últimas duas décadas surgiu o neoateísmo. Para os defensores do ateísmo, era preciso inovar e dar resposta ao fundamentalismo religioso, principalmente no contexto cultural anglo-saxão. Entretanto, alguns contestam essa subdivisão de ateísmo e neoateísmo; para muitos críticos, o neoateísmo não trouxe nada de novo.

É necessário, primeiro, esclarecer a seguinte questão: o que seria o ateísmo moderno? A definição de ateu, da Antiguidade à Idade Moderna, era vaga e funcionava mais como uma acusação genérica (MATA, 2010). Ateu, nessa concepção particular, era todo aquele que possuía uma religião diferente e não necessariamente descrente em Deus. O ateísmo surge na Antiguidade como forma de difamar, tanto que Sócrates foi acusado de ateísmo para sua condenação. O ateísmo tinha um sentido muito mais de iniquidade do que a simples negação de Deus ou deuses.

Rabelais, Maquiavel, Descartes já foram classificados como ateus. No século XVII, muitos eram assim denominados devido a uma classificação imprecisa que a palavra ateísmo tinha até então (PIVA, 2006). A definição moderna de ateu, como aquele que não crê em um Deus (ou deuses) é própria do Iluminismo. Somente a partir dos filósofos iluministas que a não crença em Deus se estabelece como definição exclusiva de ateu. O ateísmo, como se entende no século XXI, é, perante a história, um acontecimento recente. O desenvolvimento do ateísmo acompanha a racionalização e a desmistificação propostas pelo Iluminismo nos séculos XVII e XVIII, participando das influências favoráveis a uma sociedade secular em defesa da educação laica na Europa. Para combater a influência cultural das igrejas, era necessário vencê-la no cultivo das mentes. O ateísmo cresce e desenvolve-se e, a partir do século XVIII, ele é defensável pelos libertinos.

Essa definição se presta ao tema desta pesquisa, de modo a comparar como o ateísmo é veiculado na rede social *Facebook*. Com a análise dos comentários dos usuários, busca-se traçar o perfil do ateísta no meio virtual. Consideramos, nesta busca, os temas selecionados pelos vlogueiros e os modos como eles são repassados. A temática da laicidade e os conflitos entre ciência e religião, bem como o recurso ao humor, serão postulados iniciais a serem observados na análise proposta.

Tendo a temática neoateísta influenciada pela internet como o eixo central desta pesquisa, propomos analisar a construção simbólica dos neoateus na rede. Em destaque, também serão analisadas as suas visões da laicidade com base no conflito entre ciência e religião, de suma importância para a construção identitária ateísta.

Pensando no *YouTube,* com seus *vlogs* e *hangouts*, é possível delinear a influência que exerce sobre o *Facebook* no que concerne à formação neoateísta. Percebemos que o ativista militante usa mais as ideias retiradas de *vlogs* do que de livros neoateus, que são muito pouco citados. Os *vlogs* são importantes, pois através deles vários jovens expõem suas opiniões – não apenas aqueles mais conhecidos, como muitos outros desconhecidos à procura de fama ou mesmo aqueles que apenas buscam se expressar. Nomes como PC Siqueira, Daniel Fraga, Yuri Grecco, Pirulla, Clarion, entre os mais conhecidos, além de uma centena de outros que não alcançaram a mesma visibilidade.

O *YouTube* é importante na discussão, visto que, frequentemente, seus vídeos são citados no *Facebook*. É bastante comum eles serem compartilhados pelos militantes e, muitas vezes, serem usados com argumentos de debate, contribuindo para a divulgação de diversas ideias neoateístas. O *YouTub*e pertence ao *Google* e não ao *Faceboo*k, mas não deixa de influenciar a rede social. É comum, nos debates, o usuário do *Facebook* usar um *link* de um vídeo para responder a alguma indagação.

Há muitos vídeos sobre ateísmo e neoateísmo e sobre divulgação da Ciência. Muitos desses produtores de conteúdo se viam ou se veem como divulgadores científicos. Basta uma pesquisa no *Google* e no *YouTube* para encontrar diversos vídeos que relacionam a ideia de conflito entre Ciência e Religião, que é um tema recorrente entre eles. Nesses vídeos encontram-se, na parte de comentários, opiniões contrárias a qualquer conciliação entre Ciência e Religião.

Nesta pesquisa colocaremos a produção desses vídeos do *YouTube* feitos por brasileiros, por considerar que o que interessava era a produção sobre *vlogs* e *youtubers* em português e a produção relacionada a Religião e Ciência. Pode-se observar que há uma falta de pesquisa na área sobre irreligião no *YouTube*, o que causa estranheza, pois a quantidade de vídeos sobre religião e irreligião dos vlogueiros e *youtubers* já é considerável.

Neste caso, a justificativa é, diante da pouca pesquisa sobre religião e irreligiosidade nos meios virtuais, contribuir com uma pesquisa empírica para o conhecimento do campo religioso brasileiro recente, por causa da pouca produção em português sobre a influência dos *vlogs* no campo religioso brasileiro, ainda mais sem muitas pesquisas na área de Religião, e contribuir, de maneira interdisciplinar, para o surgimento e aprofundamento das pesquisas.

Jean Burgess e Joshua Green escreveram um livro, cujo nome em português é *YouTube e a revolução digital*, que se torna um valioso apoio para a análise do meio digital (BURGUESS; GREEN, 2009). O *YouTub*e tornou-se um fenômeno de cultura participativa e um dos meios de visibilidade da cultura jovem. Muitos desses jovens vlogueiros discutem Religião em seus vídeos; há uma infinidade de vídeos que trabalham a tese de conflito entre Ciência e Religião. Neste caso, Ian Barbour (2004) seria a referência para definir o conflito entre Ciência e Religião, além do historiador inglês Peter Harrison (2017) e do teólogo anglicano Alister McGrath (2017).

Também constam referências às obras de Manuel Castells como orientação. Para esse autor, a comunicação entre os seres humanos está ancorada nos meios de produção de seu tempo, no relacionamento entre o homem e a natureza e entre ele e seu semelhante. Isso se faz em territórios determinados (físicos ou virtuais) e, assim, gera culturas e coletividades específicas (CASTELLS, 2005, p. 52). A tecnologia tem como base várias relações com os meios de produção, conhecimentos e informação. As novas tecnologias de informação – neste caso o surgimento das redes sociais – criaram várias comunidades virtuais com identidades próprias.

Pierre Lévy (1996) escreve que pode haver um engano ao pensar que há oposição entre o virtual e a realidade (LEVY, 1996, p. 15). O virtual não se opõe ao real; contudo, percebo que certas atitudes não são reproduzidas fora do contexto virtual: muitos ateus, principalmente mais jovens, se ocultam atrás de *fakes*, escondendo de amigos e familiares suas crenças. O *YouTube* torna-se um espaço de expressão e uma forma de assumir para além do seu espaço territorial e familiar. A grande rede conecta; o *YouTube* dá visibilidade.

As hipóteses centrais são primeiramente que a produção dos vlogueiros/*yourtubers* costruíram inicialmente muita produção antirreligiosa relacionada a um ateísmo prático influenciado pelo movimento neoateu e muito vinculada de que esses eram divulgadores da Ciência. Estes produtores de conteúdo no começo do *YouTube* veem como divulgadores científicos. Segundo, diversos vídeos relacionam que há um conflito entre Ciência e Religião. Nos comentários dos vídeos nos canis específicos veremos opiniões contrárias a qualquer conciliação entre Ciência e Religião. A pesquisa desta tese visou à produção brasileira, porque seria grandioso demais estender para outros países. Para está pesquisa a construção identidade baseada no conflito foi determinante para conseguir os resultados. Terceiro é que esses produtores antirreligiosos são um fenômeno da pluralidade cultural que se firmou no Brasil na década passada e perceptível nas redes sociais, seu campo de projeção, divulgação e proselitismo.

Como metodologia, neste trabalho propomos pesquisar os vídeos do *YouTube* e seus discursos antirreligiosos baseados nos mitos do conflito. Como método, propomos um recorte selecionando um grupo específico de vídeos e por eles analisarmos o discurso. A partir desses vídeos e da análise proposta, debatemos a influência do movimento neoateu e como a tese de conflito se torna pertinente para a popularização do movimento via *YouTube*. Observamos com certo estranhamento um grupo minoritário (mas ativo). Por ser um grupo menor, é tão fácil de ser percebido, ainda mais devido ao preconceito contra os ateus. Porém a tese de conflito é amplamente difundida em muitos vídeos. Diante disso, coletamos discursos sobre a questão do conflito entre ciência e religião no neoateísmo, com seus conteúdos antirreligiosos, por entender que a identidade desses divulgadores científicos se faz mediante a alteridade. Além de tudo, pretendemos usar e analisar a bibliografia atualizada sobre o ciberespaço no mundo globalizado, mas cada vez mais individualizado e virtual.

Podemos dizer, sobre análise do discurso, que está inserida numa lógica de como *vlogs*, *youtubers*, *blogs* nas redes sociais visam a exteriorização de sua mensagem, de suas ideias. Essa exteriorização visa ser consumida por interessados; esse consumo é também para uma luta pela hegemonia de determinados grupos, neste caso o neoateu. São embates culturais. A vontade do receptor de reconhecer o texto como parte de suas concepções está inserida na prática social; sem ela, o texto, claro, tem seu valor, mas não alcança seu objetivo.

A prática discursiva é criativa e reproduz a sociedade com todos os seus sistemas. Claro que está aberta a transformações; portanto, essa reprodução não é meramente passiva (FAIRCLOUCH, 2016, p. 92). Desse modo, ao analisar um pequeno grupo de vídeos, serão estudados os discursos veiculados, sua amplitude de compartilhamento e os *feedbacks* nos comentários.

Como recorte, propomos a análise destes vídeos e canais:

1. *A ciência salvou a minha alma*, tradução de D-Dimensões
2. *Ateísmo - Origem do pensamento religioso*, de Pirulla
3. *Como me tornei ateu*, de Clarion Laffalot
4. *A religião é pior que crack*, de Daniel Fraga
5. *Porque sou ateu*, de PC Siqueira
6. *E seu estiver errado?*, de Yuri Grecco

Esses vídeos de maior repercussão podem ser considerados bem representativos do movimento. As amostragens serão muito importantes, pois servirão como base para

configurar as minhas hipóteses, estudando os casos. Como já foi escrito, pretende-se analisar seus discursos produzidos nos vídeos do *YouTube*.

No Capítulo 1, abordamos a discussão sobre a definição atualizada de religião. As opções teóricas desse capítulo são um pouco abrangentes, pois precisamos de um cenário para a apresentação dos atores sociais que influenciaram e influenciam o campo religioso brasileiro virtual. Nesse campo religioso, deve-se também incluir a irreligiosidade.

No Capítulo 2, procuramos entender o processo de construção das bases históricas da religião, percebendo como é a relação do suposto conflito entre Ciência e Religião. A Ciência moderna não começou nesse limite histórico; ela tem seus antecedentes no período medieval e transforma-se na Idade Moderna. Passou pelo Iluminismo e se consolidou fortemente no século XIX.

Além da preocupação com o recorte histórico que, de certa forma, interpõe-se à radicalização do conflito sustentado entre Ciência e Religião, também nos preocupamos em analisar como se deu a transferência dessa temática para o ambiente virtual, com a criação da *internet*, suas fases e suas transformações sofridas nas duas últimas décadas.

A criação da *Web* 2.0, mais interacional com o surgimento do *YouTube*, pode ser considerada uma revolução na cultura jovem, sendo um instrumento cultural para uma juventude que nasceu na era da conexão virtual. Os jovens usam as redes sociais como local de interatividade, sociabilidade e de expressão de identidade. Contudo, o *YouTube* é um instrumento de lazer e de ciberativismo, ambos têm suas fronteiras embaraçadas durante a interação. Nessas duas décadas, vemos o surgimento dos *webvlogs* e, devido a um processo dinâmico de profissionalização, os vlogueiros passam a ser *youtubers*.

No Capítulo 3, examinamos os sete vídeos propostos, percebendo a evolução dos mecanismos de comunicação dos produtores de conteúdo do *YouTube* e como é a resposta dos seus seguidores. A análise visa perceber as características dos produtores de conteúdo e as respostas dos seguidores, acompanhada de alguns quadros que sistematizam o trabalho. Também nesse capítulo, na parte final, são oferecidas interpretações de algumas pesquisas recentes que trazem uma compreensão do fenômeno do conflito entre Ciência e Religião nas redes sociais. Em destaque, consideramos a hipótese da repercussão gerada por esse conflito na própria maneira de se manifestar o humor nos movimentos ateus, considerando a mudança do significado do riso nas recentes tendências neoateístas. Ao fim, entendemos que essa pesquisa se inclui entre aquelas que acabam por mostrar o comportamento da sociedade brasileira diante das novas mídias de informação.

1. RAZÃO *VERSUS* FÉ: NEOATEÍSMO, RELIGIÃO E CIÊNCIA

Neste capítulo, abordamos o fenômeno secularista em vista de considerar a oposição entre o pensamento religioso e ateu. Consideramos importante definir os conceitos que por ora analisamos para estudar suas possíveis influências no fenômeno ateu dentro do ciberespaço. Não propomos, portanto, e se faz necessário que isso fique claro, estudar a história do ateísmo ou mesmo as suas concepções filosóficas.

O recorte temático conferido neste capítulo atende às expectativas que foram depositadas na ciência para substituir as especulações religiosas. Questões sobre a vida e a morte, o bem e o mal, consideradas misteriosas para o método científico, foram reivindicadas pelos cientistas como de domínio das suas práticas. Importante, então, salientar que, se há no movimento neoateu a defesa contundente da substituição da Religião pela Ciência, não só como modelo explicativo, mas como orientação completa para as nossas vidas, é necessário nos desviarmos para considerações que tragam à baila pontos desse confronto.

Atentamos para o secularismo como um ponto de inflexão do debate entre Religião e Ciência. O secularismo é um fenômeno que assumiu variadas faces no planeta, embora seja muito presente em várias sociedades, apesar de ter diferentes graduações de influência em cada uma. Todavia, sabemos os limites desta tese. Impossível contemplar toda a realidade em um estudo. Então, faremos um recorte específico em nossa cultura moderna ocidental, mais especificamente a brasileira, para traçar parte da evolução do pensamento religioso e de seu antagonista principal: o pensamento ateu. Para traçar esse aspecto tão fundamental sobre o fenômeno religioso e todos os problemas envolvidos no restrito espaço deste estudo, reincidiria em considerar o seu trajeto linear, concepção historiográfica que pode ser herança da própria tradição religiosa e de sua narrativa teológica.

> Rigorosamente, não foi Santo Agostinho quem “inventou a retilinearidade do movimento histórico. Essa ideia já estava na lógica dos textos sagrados do judaísmo, que o cristianismo veio consolidar. Em Daniel, Isaías e outros profetas do Antigo Testamento já estava, em germe ou explicitada, a concepção escatológica teleológica da história, isto é, a ideia de início, transcurso linear e final da história em um futuro longínquo (MANOEL, 2006, p. 58).

Com esse fragmento, lanço a base do que é a religião para este estudo, para fazer um contraponto a ela. Como se percebe, a religião é pensada, por nós, ocidentais, com bases estritamente cristãs. O paradigma cristão na religião é difícil de superar, é possível associar que o ateísmo ocidental também sofre desse mal, pois existe como derivado e dependente do

conceito predominante de religião. Contudo, diante dos limites próprios do trabalho acadêmico aqui apresentado, farei algumas opções teóricas.

A priori, optamos por estudar apenas um fragmento determinado, selecionando algumas teorias e rejeitando outras. O período discutido é da formação do conceito de religião como objeto de estudo laico pelas academias, principalmente europeias. A tese do conflito incide de maneira decisiva nas considerações do que poderia definir o ateísmo contemporâneo, pois, ao longo da história, ele passou por várias definições no Ocidente. Procuramos, neste capítulo, entender o processo de construção das bases históricas da Religião, percebendo como é a relação do suposto conflito entre Ciência e Religião.

Precisamos conferir o pesquisador de religião Ian Babour (2004) a categorização dos modelos de relacionamento entre Ciência e Religião. Segundo o autor, eles se dividem em quatro: o modelo de conflito, que mencionamos; o de dialogo, o de independência e o de integração. Há ainda o modelo de magistérios não interferentes (MNI) que será muito importante para a discussão desta tese de doutoramento. É preciso ressaltar que o modelo de magistérios não interferentes não é contribuição original de Babour, mas do paleontólogo e biólogo evolucionista norte-americano Stephen Jay Gould (2002). Conforme o ponto de vista de Gould (2002), a Ciência e a Religião caminham lado a lado sem interferir uma na outra, pois são dimensões humanas diferentes.

O modelo de conflito nasce necessariamente no século XIX influenciados por dois escritores americanos que são J.W. Draper e A.D.White[1], segundo Barbour a imagem de conflito além do peso desses autores também é influenciada pela mídia moderna. Sobre a tese de conflito ao peso do materialismo científico, cuja ideia é que a matéria é realidade do universo (BARBOUR, 2004, p. 25). O Modelo de conflito faz parte do senso comum atual. A tese de independência, onde se encaixa o MNI, de clara que religião e a ciência estão separadas em seus devidos magistérios, ou seja, áreas de influência que as vezes se tocam ou não. Os magistérios seriam separados e com diferentes funções. O modelo de diálogo acredita em relações mais construtivas entre as duas áreas (BARBOUR, 2004, p. 38). Esse pensamento deve ao que os historiadores da ciência percebem sobre o desenvolvimento do pensamento científico ocidental que nasceu dentro da perspectiva de uma cultura judaico cristã. O modelo de diálogo enfatiza as semelhanças entre os pressupostos, métodos e conceitos entre os dois magistérios. Já o modela de independência enfatiza as diferenças. Por

[1] Os autores escreveram respectivamente os livros: *History of the Conflict between Religion and Science* e *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom*. Os dois livros são do século XIX e tiveram uma influencia enorme no imaginário sobre a tese de conflito.

fim temos o modelo de integração, que seria algo mais complexo, pois tenta articular com a teologia natural e com a teologia da natureza uma síntese sistemática entre as duas, pois veem as duas contribuindo para o desenvolvimento de uma metafísica includente e da filosofia do processo (BARBOUR, 2004, p. 44).

Em respeito à cultura cristã ocidental, identificamos no ateísmo moderno, radicado no processo da Revolução Científica, considerações distintivas entre os domínios da fé e os do conhecimento. O contrário se revela nos pensadores neoateus, que recrudescem os conflitos entre Ciência e Religião. Organizados em torno dos ideais protagonizados pelo zoólogo inglês Richard Dawkins, os novos ateístas propõem extirpar a fé religiosa de todos os domínios da vida. Outro destaque do neoateísmo, o neurocientista americano Sam Harris, divide com Dawkins os principais lugares na vendagem de livros sobre o tema. Os dois são os mais ativos do movimento em defesa do valor da Ciência para substituir a Religião. Em outras palavras, ambos procuram desencantar a Religião e (re)encantar a Ciência.

Antes dessa abordagem, no entanto, voltamo-nos para o tópico a seguir, quando são expostas considerações da perspectiva laica sobre a religião que requer a qualificação histórica sobre o que é ciência. Mesmo porque, nos debates observados no mundo virtual, pouco se conhece sobre o que seria filosofia ou história da ciência. Esse enquadramento inicial permite considerar outra consequência advinda da perspectiva laica sobre a ciência, ou seja, a tese que alimenta um conflito insolúvel entre o pensamento científico e a fé religiosa assumido como central no pensamento neoateísta.

1.1. RAZÃO *VERSUS* FÉ: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS

A definição de ciência no Ocidente tem suas raízes no mundo medieval, com as descobertas da nova Matemática. Perdura pela Renascença e se impõe definitivamente no século XVII, com o que se denomina Revolução Científica. Os séculos XVII e XVIII foram definitivos para o surgimento da ciência moderna.

Toda opção histórica é um recorte condicionado a escolhas que, inevitavelmente, ocultam alguns assuntos para ressaltar outros. Não há por que, então, empreender esforços em vão na tentativa de suprir esses limites com uma ampla história da ciência. Portanto, a ideia principal aqui requer tratar do surgimento da ciência experimental no limiar entre o medieval e a Renascença. Assim, edificamos uma ponte entre os dois períodos, já consagrados por uma historiografia tradicional.

Antes de tudo, é necessário tratar o conceito do que é a História. Nesse caso, ela é

> entendida aqui como uma narrativa sequencial e sistemática de eventos e acontecimentos relevantes no domínio da Ciência. Tal exposição não deve ser limitada, contudo, à mera cronologia dos fatos científicos, como a sucessão de descobertas, mas deve abranger o complexo entrelaçamento e interdependência da evolução da atividade humana nos diversos campos. Trata-se, portanto, de examinar a evolução da Ciência tendo presente o contexto geral em que se desenvolve, como o social, o político, o econômico, o religioso e o cultural (ROSA, 2012, p. 27).

O risco imposto pela necessidade de contextualizar qualquer definição da Ciência e de considerar o contexto científico variável e historicamente definido justifica a tentação de tratá-la de modo evolutivo e sem muitos percalços. Abrindo mão desse recurso simplificador, chamamos a atenção para a questão inicial sobre o próprio significado do que se investiga:

> A questão mais difícil de ser respondida ao se tratar da temática "ciência" é a que se relaciona com a sua definição. Como definir ou conceituar ciência? Essa pergunta permeia grande parte do itinerário bibliográfico no campo das ciências, mas nem sempre é respondida (FRANCELIN, 2004, p. 27).

A ressalva é feita justamente porque se entende que raramente os filósofos da ciência se propõem a definir ciência, devido à falta de acordo sobre o que a define. Contudo, é preciso esclarecer alguns pressupostos antes de seguir com pontos norteadores deste capítulo. Neste caso, cabe definir a ciência moderna como oriunda dos paradigmas que surgiram na Idade Média e na Renascença, até o surgimento do que comumente definimos como Revolução Científica do século XVII.

O francês Alexandre Koyré, filósofo da ciência, em seu livro *A história do pensamento científico* (2011), também considera equivocada a historiografia que pretende estabelecer datas fixas para o surgimento do pensamento moderno. A fixação de limites temporais convencionados como Antiguidade e Idades Média, Moderna e Contemporânea, não condiz com acontecimentos e ideias. Os próprios historiadores são levados a admitir, por exemplo, a modernidade das posições de Francis Bacon em pleno século XIII. Ou são obrigados a retroceder o tempo de Descartes da Modernidade para o período escolástico, considerando que suas teorias estão plenas de concepções medievais (KOYRÉ, 2011, p. 7-8).

Pensadores contemporâneos da História da Ciência, como Ronald Numbers (2012) e Peter Harrisson (2017), integram o grupo dos que reconhecem as impressionantes contribuições da Alta Idade Média, antes dos adventos do protestantismo. Os católicos, para eles, contribuíram para a Revolução Científica. As suas observações sobre Ótica, Cinemática, Astronomia, matéria e outros campos forneceram a base para o desenvolvimento do que veio a seguir. A instituição medieval das universidades, o desenvolvimento da cultura da

argumentação e o rigor lógico da Teologia escolástica, juntos, ajudaram a criar um clima propício para a Revolução Científica dos séculos XVI e XVII (PRINCIPE, 2012, p. 132).

Com o advento do século XVII, surgiram profundas mudanças no pensamento científico ocidental, além de mudanças político-econômicas, sociais e culturais (ROSA, 2012, p. 26). A área que se chamava Filosofia natural teve forte impulso diante das transformações dos saberes (CHIBENI, 2011). A partir desse momento, é possível descrever o surgimento da ciência moderna, identificado com o ponto significativo que foi a constituição de um espírito investigativo e crítico. Nesse caso, é a Europa que toma a frente das transformações nas quais a base do novo pensamento científico se estabelece.

> Do ponto de vista do pensamento científico e do desenvolvimento das diversas disciplinas científicas, a Europa ocidental assumiria definitivamente a liderança, ultrapassando o nível de compreensão e conhecimento dos fenômenos naturais, físicos, humanos e sociais de outras culturas contemporâneas. Mesmo que a distância do conhecimento acumulado tenha se tornado maior com relação às civilizações orientais, no decorrer dos próximos séculos deve-se registrar, no entanto, o paulatino avanço na mentalidade e nas pesquisas científicas em outras culturas (eslava, por exemplo) e em outras partes da Europa, como a oriental e a Escandinávia (ROSA, 2012, p. 28).

O Iluminismo exerceu grande influência sobre a ciência moderna nascente, e a crítica dessa vertente ao misticismo e à superstição acompanha a produção de diversas obras. O século XVII marcou o rompimento com o paradigma escolástico, principalmente com o pensamento aristotélico-tomista e seus mundos imóveis e hierarquizados, postos em cheque pelo mecanicismo newtoniano. O século XVII também foi fértil no campo da Filosofia, pois nos legou filosofias que se diferenciavam dos conceitos teológicos cristãos. Pode-se dizer que a partir desse momento há um divórcio entre a Teologia – que, no Medievo, era considerada a rainha de todas as ciências – e a Filosofia.[2]

Seja como for, no destacado século se concretiza a ruptura ontológica e epistemológica com o modelo da ciência aristotélica, que até então manteve a sua hegemonia

[2] Rosa (2012, p. 33) assim considera, por ordem cronológica, os mais importantes e influentes filósofos do período considerado crucial para o afastamento da ciência da teologia: "Francis Bacon (1561-1626), autor de *Novum Organum*, *Da Proficiência e do Progresso do Saber Divino e Humano*, *Sobre a Dignidade e Desenvolvimento das Ciências*, *História Natural* e *Nova Atlântida*; Thomas Hobbes (1588-1679), que escreveu *Leviatã*; René Descartes (1596-1650), considerado por muitos como o fundador da Filosofia Moderna, autor de *Discurso sobre o Método*, *Meditações e Objeções* e *Respostas*; Blaise Pascal (1623-1662), autor dos *Pensamentos*; Baruch Espinosa (1632-1677), autor de *Princípios da Filosofia Cartesiana*, *Tratado da Correção do Intelecto*, *Ética* e *Tratado Teológico e Político*; John Locke (1632-1704), autor de *Carta acerca da Tolerância*, *Primeiro Tratado sobre o Governo Civil*, *Segundo Tratado sobre o Governo*, *Ensaio sobre o Entendimento Humano* e *Ensaios sobre a Lei da Natureza*; e *Gottfried Wilhelm Leibniz* (1646-1716), autor de *Teodiceia*, *Monadologia*, *Sobre o Verdadeiro Método em Filosofia e Teologia*, *Discurso de Metafísica* e *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*".

na filosofia escolástica e nas academias de ensino. A atividade científica não é mais apropriada às ações contemplativas da natureza. Ao contrário, ela passa a exigir participação ativa, técnica e de solução, apropriada à visão mecanicista da natureza no lugar de suas qualidades intrínsecas (ROSA, 2012, p. 5). A Ciência Moderna mecanicista se estabelece no século XVII e, posteriormente, no XVIII e passa a ser o padrão de pensamento da civilização europeia ocidental.

No século XIX, chamado também de século das ideias, rompem-se novas epistemologias. É um período marcado pelos posicionamentos dos Estados na busca por formar técnicos e cientistas para o desenvolvimento de seus países. Caminha-se, nesse momento, para a segunda fase da Revolução Industrial, com a consolidação burguesa e liberal.

> À medida que a ciência amadurecia e se consolidava socialmente como empreendimento, o que se verificou de forma decisiva por volta da virada para o século XIX, seus praticantes foram levados a refletir sobre uma poderosa noção subjacente ao conhecimento. Refiro-me à unidade entre as diferentes ciências que compõem o saber, uma ideia que tinha sido longamente acalentada, reaparecera no Renascimento e fora objeto de considerações desde então, especialmente durante o período do Iluminismo, em que o racionalismo e a ideologia do progresso são considerados traços importantes. Algum tempo depois, em meados do século XIX a ideia de unidade parecia ter praticamente desaparecido no torvelinho das tendências de especialização do conhecimento, cada vez mais presentes e legitimadas por ideologias como a do Positivismo, por razões provenientes de questões epistemológicas que emergiram então e que vêm sendo reencontradas nas ciências (MAGALHÃES, 2003, p. 1).

O Romantismo alemão, que ainda se pronuncia no início desse século, é responsável pelos últimos suspiros de metafísica religiosa a soprar na ciência europeia. É notável, nesse aspecto, a influência dos pensadores alemães. A França, por sua vez, posiciona-se a meio caminho dos empiristas britânicos e do grupo do Romantismo alemão. O Positivismo filosófico de Auguste Comte retrata, de certo modo, essas características do pensamento francês típico desse momento.[3]

O Positivismo dá origem a uma nova forma de síntese, ao propor uma ciência positiva liberta dos traços religiosos que insistiam em existir no saber acadêmico (MAGALHÃES,

[3] A doutrina positivista nasceu no século XIX e estabeleceu que o conhecimento científico deva se ater aos fatos observáveis. Ora, com isso nega a metafísica. O francês Auguste Comte (1789-1857), seu fundador, também é considerado "Pai da Sociologia". O Positivismo teve grande aceitação no Brasil, a partir da década de 1870, e influenciou líderes civis republicanos e as Forças Armadas. No século XX, surgiu o "positivismo lógico" encabeçado pelo Círculo de Viena, cujo objetivo era construir uma ciência unificada, rejeitando a metafísica, pois acreditava que o conhecimento é fruto da observação e fundado sobre verdades lógicas (NOGUEIRA, 2015, p. 340-341). O Positivismo não é ateísta no rigor da palavra, mas antissobrenaturalista. Comte propõe em determinado momento de sua vida uma religião da humanidade. Ele se dispôs a criar "um teísmo ou deísmo imanentista, um humanismo religioso, mas sem Deus sobrenatural" (TISKI, 2006, p. 12); sua obra é influenciada pelo anticlericalismo iluminista da Revolução Francesa.

2003, p. 25). A “facção positivista triunfou, em geral, na ciência, especialmente com a reação irada na Alemanha contra a influência da *Naturphilosophie*, num movimento capitaneado pelo químico Justus von Liebig” (MAGALHÃES, 2003, p. 26). Por fim, o pensamento de Comte viria a se tornar um ponto de convergência para o pensamento das ciências humanas, no século XIX, mostrando-se fértil e influente com críticas à religião.

Avesso à ideia de uma história da ciência que a perceba como um empreendimento único, monolítico e unificado, Thomas Kuhn (2011) postulava que ela se desenvolve segundo determinadas fases: estabelecimento de um paradigma; ciência normal; crise; ciência extraordinária; revolução científica; estabelecimento de um novo paradigma.

A condição para o surgimento de um novo paradigma científico se dá a partir da consciência de uma anomalia, que justifica debates que a fazem evoluir.

> Consciência de uma anomalia prévia, a emergência gradual e simultânea de um conhecimento tanto no plano conceitual como no plano da observação e a consequente mudança das categorias e procedimentos paradigmáticos – muitas vezes acompanhados por resistências (KUHN, 2011, p. 89).

Quanto maiores a precisão e o alcance do paradigma, tanto mais sensível este será como indicador de anomalias e, consequentemente, a uma mudança de paradigmas (KUHN, 2011, p. 92). A formulação de novos paradigmas não acaba automaticamente com os velhos, pois os períodos de consolidação são geralmente longos. Mas, quando são estabelecidos, cria-se uma nova escola. Claro que há aqueles presos às velhas concepções, porque, segundo Kuhn, os cientistas tendem a ser dogmáticos.

Outro ponto a se observar fora dos padrões comuns de consideração sobre a ciência é a ideia de que ela se desenvolve não pela sua capacidade de postular definitivamente a verdade, mas da capacidade de suas proposições teóricas serem *a posteriori* falsificadas pela experiência. Karl Popper é o expoente dessa definição da ciência, da qual decorre a necessidade de o cientista e a ciência estarem interligados pela teoria e pela prática.

> Um cientista, seja teórico ou experimental, formula enunciados ou sistemas e verifica-os um a um. No campo das ciências empíricas, para particularizar, ele formula hipóteses ou sistemas de teorias e submete-os a testes, confrontando-os com a experiência, através de recursos de observação e experimentação (POPPER, 2013, p. 27).

A sua definição de ciência exige pensá-la como sistema de enunciados que só serão científicos se puderem ser experimentados. O seu sistema teórico deve ter como primazia ser sistêmico e não contraditório, além de seguir um critério de demarcação não metafísico, isto é, baseado nas experiências ou no empirismo. As condições que Popper (2013) estabeleceu para o reconhecimento da ciência foram discutidas pelo seu discípulo Lakatos (1979).

Uma das suas demarcações que muito contribuiu para o avanço do debate sobre a ciência se posiciona em um nível paradigmático para além do falseacionismo popperiano:

> A concepção lakatosiana de ciência envolve um novo critério de demarcação entre ciência e não ciência. O critério tradicional, ainda hoje aceito por leigos, considera científicas somente as teorias "provadas" empiricamente. Tal critério é, como vimos, forte demais: não haveria, segundo ele, nenhuma teoria genuinamente científica, pois todo conhecimento do mundo exterior é falível. Também o critério falseacionista, segundo qual só são científicas as teorias refutáveis, elimina demais: nenhuma teoria pode ser rigorosamente falseada, nenhuma poderia classificar-se como cientifica. O critério de demarcação proposto por Lakatos, por outro lado, adequadamente situa no campo científico algumas teorias unanimemente tidas como científicas, como as grandes teorias da Física. Esse critério funda-se em duas exigências: uma teoria deve, para ser científica, estar imersa em um programa de pesquisas, e este programa ser progressivo (CHIBENI, 2006, p. 12-13).

A concepção mais abrangente de Lakatos sobre o que é a ciência evita os efeitos do falseacionismo de expulsar do rol das ciências muitas atividades humanas de conhecimento acumulativo e transformá-las em não ciência. Tais concepções transformam, por exemplo, a História, mola mestra desta tese, em uma não ciência, já que muito do que é produzido pelos historiadores não pode ser rigorosamente falseado.

De tal modo, faz-se importante considerar para os propósitos desta tese a concepção lakatiana de ciência. Lakatos é um norte para se pensar a ciência para além de uma visão restritiva como a de Popper. A principal crítica a Popper sobre sua concepção de falseacionismo é que, se seguirmos de maneira irrestrita o seu conceito, *a priori* nenhuma das ditas humanidades poderia ser considerada ciência. Todavia, dizia Lakatos, as ideias de Popper foram as mais importantes no desenvolvimento filosófico do século XX (SILVEIRA, 1996, p. 1). Seu conceito de que a ciência é um imenso programa de pesquisa para arquitetar conjecturas de maior poder empírico serve para demonstrar que não há ciências mais nobres ou menos nobres. Essa concepção quebra e enfraquece, por exemplo, o pensamento ateísta atual, muito vinculado à Matemática e, principalmente, às Ciências Biológicas, sobretudo, à Neurociência.

No próximo tópico, abordamos a importância do conflito entre Ciência e Religião nos tempos atuais e como ele se desenvolve no senso comum.

1.2. RAZÃO *VERSUS* FÉ: ASPECTOS CULTURAIS

A tese do conflito entre Ciência e Religião, portanto, é parte da cultura ocidental moderna. É possível observá-la em debates políticos, discursos científicos, em livros e filmes.

Essa perspectiva cultural afirma-se, comumente, como parte do período histórico moderno em oposição ao medieval. Ora ou outra, por exemplo, no âmbito dos discursos políticos, encontram-se críticas às posições contrárias de seus adversários acusando-as de medieval. Cientistas imunologistas, por sua vez, para dar mais ênfase e credibilidade ao seu discurso, criticam o movimento antivacina como uma "volta à idade das trevas".

A adjetivação medieval como oposta à moderna, como já observado no tópico anterior, é orientada por posições políticas e ideológicas alheias às práticas do historiador da ciência. As categorias de Ciência e Religião nos levam a refletir, por meio da História da Ciência, a importância do Medievo para pensar as duas categorias no mundo atual. Nem sempre as fronteiras entre elas foram bem definidas. Aliás, a evolução da linguagem foi importante para que tudo pudesse ser desenvolvido e chegar aos termos do nosso presente.

No início do desenvolvimento da ciência moderna, esses territórios não eram bem definidos. A propósito, essa afirmação já demonstra uma preocupação endereçada aos leitores modernos, pois, para os antigos, medievais e primeiros modernos, não havia necessidade de definição e de uma separação concreta e bem delimitada. É possível afirmar que, durante a Idade Média, a relação entre Ciência e Religião não admitia nenhum ponto de conflito ou concordância, devido à inexistência dessa relação. Importa salientar, portanto, que os medievais tratavam como Teologia e Filosofia natural as duas disciplinas.

> Por ora, contudo, vale observar brevemente que o termo "teologia" não era usado por pensadores cristãos antes do século XIII. A palavra *Theologia* aparece pela primeira vez em Platão (c. 428-348 a.C.), e é Aristóteles que usa no sentido formal para se referir à mais elevada das ciências especulativas. Em parte, por essa razão, os Pais da Igreja muitas vezes entendiam "teologia" como referência ao discurso *pagão* acerca dos deuses. Os escritores cristãos estavam mais preocupados com a interpretação da Escritura do que com "teologia", e a expressão doutrina sagrada *(sacra doutrina*) reflete o entendimento que eles tinham do conteúdo da Escritura. Quando o termo passa a ser empregado mais no fim da Idade Média, havia dois sentidos diferentes de "teologia" – ora uma ciência especulativa conforme descrita por Aristóteles, ora ensino das escrituras cristãs (HARRISON, 2017, p. 33).

Os filósofos escolásticos consideram a Teologia uma ciência. Segundo eles, a Ciência Teológica aperfeiçoava o entendimento e o intelecto e promovia o amor a Deus. Nesse caso, a Teologia era vista como um instrumento para o aperfeiçoamento das virtudes, entendimento que sofreu forte influência dos autores da Antiguidade clássica, principalmente Aristóteles. Aliás, foi esse autor grego que promoveu uma renovação nas ciências europeias, como até então eram entendidas. O crescimento das cidades e a criação das universidades, a partir do século XI, geraram um novo incentivo para o saber acadêmico. As universidades nasceram

como guildas de professores e alunos e logo receberam a proteção das administrações locais e da Igreja. Logo se espalharam por toda a Europa, aumentando as suas demandas por alunos e professores. Não era incomum, na concorrência que se estabelece entre elas, recorrerem à propaganda de oferta de leitura de textos de autores proibidos nas instituições de ensino rivais.

O mundo medieval conhecia apenas as vertentes religiosas do judaísmo, cristianismo, islamismo e paganismo. E, segundo os padres patrísticos, o culto cristão era o único realizado de forma correta. Conforme sucedem os contatos devido à expansão do capitalismo europeu por meio das navegações e implantação das colônias, o universo linguístico começa a se ampliar. Vale lembrar que o termo religião, quando usado no Ocidente, não era bem uma expressão designada de "a" religião, mas num sentido de piedade interior. O uso de artigo definido é algo que irá se impor com o tempo, durante o fim da Idade Média, pois uso de artigo definido mostra que a religião cristã não era mais considerada a única. Durante os períodos do fim da Antiguidade e o período medieval, com surgimentos dos autores da patrística e com a escolástica, respectivamente, a religião cristã não era apenas uma entre muitas, mas a religião por excelência.

> Uma diferença importante entre as trajetórias de *religio* e *scientia* está no fato de que, apesar de haver "ciências" na Idade Média, entendidas como conjuntos distintos de conhecimento sistemático, não havia" religiões" no plural (exceto no sentido estrito de diferentes ordens monásticas). Característica marcante da gramática em transformação de "religião" no período inicial da Modernidade é que, além da introdução do artigo "a" (a religião cristã), o termo plural "religiões" também veio a ser empregado (HARRISON, 2017, p. 109).

As guerras religiosas, após a Reforma Protestante, ampliaram o termo para "as" religiões. Propôs-se, então, para solucionar o conflito religioso, a intervenção da ordem estatal limitando a crença religiosa como prática privada.

Traçadas as fronteiras religiosas na Europa, tem-se o início dos estudos comparados, originalmente como manuais apologéticos. Uma das primeiras obras que se propõe a definir um estudo comparativo foi *The History of all Religions in the World*, de William Turner, em 1695. Somente no século XIX, mostrou-se necessário que a religião fosse mais bem definida por um observador desapaixonado (HARRISON, 2017, p. 113). Apesar de tal critério constituir senso comum entre historiadores e antropólogos atuais, nem sempre é observado com rigor.

Um dos mais célebres casos de mitos antirreligiosos é o julgamento de Galileu, que ganhou, no século XX, ares de infâmia praticada pela Igreja Católica contra a ciência moderna e experimental nascente. O conflito entre Ciência e Religião continua exercendo grande fascínio e

incentivo nas artes e em diversas mídias. A peça de Bertolt Brecht *A vida de Galileu*, escrita em alemão entre 1937 e 1938, é um ataque político à instituição Igreja e à intolerância[4], com pretensões alegóricas sobre o regime nazista. Contudo, apesar de não se basear na tese de conflito, o texto reproduz toda uma aura mitológica que o julgamento ganhou ao longo dos séculos.

Nos Estados Unidos, os conflitos religiosos e científicos recrudesceram no início do século XX, com o conhecido "julgamento do macaco", sobre o ensino da Teoria da Evolução darwiniana. Esse caso representa a disputa jurídica norte-americana sobre o sistema de ensino norte-americano, descentralizado e a cargo dos estados da federação. Exemplifica, portanto, o tipo de leitura da Bíblia entre os norte-americanos e o tipo de projeto educacional federalista e descentralizado do país.

O mesmo tema foi levado para as telas de cinema com o filme *Inherit the Wind* (*O vento será tua herança*), em 1960. O filme é adaptação da peça homônima de Jerome Lawrence e Robert Edwin Lee, e tanto a peça quanto o filme retratam um acontecimento real: o julgamento de um professor do Tennessee (EUA), com base na lei que proibia o ensino do darwinismo no estado. O tema do conflito, desde então, sempre reaparece na cinematografia americana e se apresenta em documentários e em séries, como *Cosmo*. Apresentado pelo astrofísico Neil de Grasse Tyson e produzido por Seth MacFarlane, também produtor da animação *Family Guy* (*Família da pesada*), declaradamente ateu e incentivador da tese de conflito, como demonstraram vários de seus projetos para a televisão.

No Brasil, pouco se produziu de forma específica sobre a temática do conflito. Nossa produção cultural que visasse à laicidade ou ao secularismo começou no século XIX por influência do Positivismo. Não é que não havia críticas à religião institucionalizada dentro dos períodos colonial e imperialista. As atas das visitações na Bahia, por exemplo, descrevem a atitude de pessoas que eram perseguidas por suas opiniões não conformistas diante da religião católica. Mesmo assim, tais resistências eram pontuais e nunca um ateísmo assumido ou declarado. O normal no país era a fé e, por vezes, de forma extremada ou messiânica. No final da transição do Império para a República, Canudos e, anos depois, o Contestado são exemplos do extremismo de ambos os lados. Mas de forma estranha se ignora a propaganda laicista extremada, muito bem descrita no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Na verdade, são lutas de memórias, e Canudos faz parte do imaginário do Brasil moderno, mas nunca pensado

[4] Mesmo sendo uma crítica ao totalitarismo nazista, a peça não deixa de reforçar todos os mitos surgidos após o julgamento de Galileu. Vale ressaltar que Brecht, apesar de sua crítica à ascensão do nazismo, apoiava, ao mesmo tempo, o terror stalinista.

como exemplo da visão extremada de um laicismo fundamentalista. Enfim, o caráter secularista, e por que não dizer antirreligioso, foi muito pouco estudado pela nossa historiografia.

Supondo que o entendimento do movimento neoateu requer posicionamento frente aos modelos de relacionamento entre Ciência e Religião, destacamos as opções de autores como Sam Harris e Richard Dawkins. A escolha desses dois autores entre tantos foi devido à sua combatividade, sua influência e seu sucesso editorial. No entanto, antes dessa incursão no neoateísmo, é necessário delimitar conceitualmente o significado de ateu.

1.3. ATEÍSMO E NEOATEÍSMO: DEFINIÇÕES GERAIS E SUAS INFLUÊNCIAS NOS MOVIMENTOS EM *TERRAE BRASILIS*

O ateísmo, de maneira introdutória, é definido como a descrença na existência de Deus ou de deuses; portanto, independe de a crença ser monoteísta ou politeísta. E não há necessidade de essa convicção ateia resultar de experiências traumáticas com a religião na infância. É possível tornar-se ateu na vida adulta, mesmo depois de a educação infantil ter sido marcada por alguma religião.

Em sua breve introdução ao ateísmo, o filósofo Baggini (2003) relata essas experiências no seu processo de abandono da fé religiosa. Do seu ponto de vista, qualquer concepção do ateísmo não pode deixar de se aprofundar no seu problema central. Mesmo considerando o historiador George Minois (1998), Baggini critica-o por sua abordagem superficial sobre a ideia de que o ateísmo é um conjunto de crenças especialmente negativas, identificando-o com o niilismo. Essa imprecisão é criticada, pois induz a pensar os ateus como meros fisicalistas. Não seria incorreto pensá-los dessa forma; no entanto, eles só o são num sentido muito genérico.

> Muitos críticos do ateísmo parecem imaginar que os ateus são fisicalistas (uma suposição em muitos casos verdadeira) e que fisicalismo é o mesmo que fisicalismo eliminativo (uma falácia lógica). Assim, valem-se do evidente absurdo do materialismo eliminativo para fazer um *reductio ad absurdum* da crença ateísta. Dito de maneira simples, os ateus são representados como niilistas que não apenas negam a existência de Deus mas também a existência de qualquer coisa além dos objetos físicos. Uma existência tão empobrecida teria poucos atrativos (BAGGINI, 2003, p. 15).

Portanto, a maneira como se justifica a crença exclusiva do ateísmo no mundo natural, ou seja, como praticante do fisicalismo eliminativo, é insuficiente para lidar com questões relativas à vida humana. Não há por que desacreditar em ideias e sentimentos humanos por não serem como os objetos físicos. Não há como negar, por exemplo, a realidade do

sentimento amoroso (BAGGINI, 2003, p. 15). O erro de não conceber a mente como matéria faz supor os ateus como niilistas e praticantes de uma existência tão pouco atrativa (BAGGINI, 2003, p. 15). Resultados de processos mentais, as ideias não são problemas metafísicos. Mesmo não existindo de fato no mundo real, elas não deixam de ser materiais nas suas condições de substância mental.

De tal maneira, as leis da natureza são os limites para essa visão do materialismo ateísta que se deve exigir às especulações metafísicas total subordinação aos pressupostos científicos.

> Quanto aos próprios ateístas, eles costumam deduzir da visão científica duas doutrinas metafísicas de imensa envergadura. A primeira é que tudo no mundo natural, incluindo o pensamento e a ação humana, acontece de acordo com leis científicas, de modo que essas leis governam acontecimentos no átomo e acontecimentos na galáxia, acontecimentos no oceano e acontecimentos na mente. A segunda é que tudo que acontece é contingente. Não existe razão para que algo aconteça, exceto que acontece na sequência ditada pelas leis da natureza. Não há uma explicação final de por que o mundo existe: ele simplesmente existe (SCRUTON, 2017, p. 21).

Ao se filiar às ideias do filósofo alemão Immanuel Kant[5], Scruton (2017), no trecho acima, considera que toda tentativa de explicar a origem do mundo é uma contradição, pois exigiria ultrapassar as condições humanas impostas contingencialmente ao entendimento. A existência de Deus não pode ser verificada pelas leis científicas, implicando no definitivo afastamento da ciência dos pressupostos religiosos da fé.

> Kant fechou o caminho direto, teórico, para Deus através da sua teoria do conhecimento. Sua filosofia inverteu a prioridade histórica da metafísica em relação à epistemologia conseguindo com isso demonstrar a impossibilidade de se conhecer teoricamente a Deus (SANTOS JÚNIOR, 2016, p. 75).

Na visão ateísta, portanto, as leis da natureza mostram-se suficientes para as ciências explicarem os fenômenos existentes. O que se conhece, desse modo, está desprovido de qualquer explicação para além da existência de tais leis (SCRUTON, 2017, p. 22). Comparada à fórmula inicial de Julian Baggini sobre o fisicalismo, sobressai a coerência dos argumentos de Scruton, um filósofo polemista de perfil conservador com uma obra inegavelmente mais densa.

O pensamento de Kant parece ser adaptável às duas linhas sobre a questão da existência de Deus – a teísta e a ateísta. Ao enfrentar um dos principais argumentos apologéticos contra as convicções ateístas, o da moralidade absoluta, o biólogo Richard Dawkins, autor de *Deus, um delírio*, recorre aos princípios da moral kantiana:

[5] Para o filósofo alemão Immanuel Kant, autor de *Crítica da razão pura* (1999), o conhecimento é limitado pelas formas puras do entendimento, as categorias, e da sensibilidade, o espaço e o tempo. As ideias próprias da metafísica tradicional, por estarem fora desses limites, não podem ser objeto do conhecimento ou da ciência.

> Embora fosse religioso, como era quase inevitável naquela época, Kant tentou basear a moralidade no dever pelo dever, e não em nome de Deus. Seu famoso imperativo categórico convoca-nos a "agir somente segundo a máxima tal que possamos ao mesmo tempo querer que se torne lei universal" (DAWKINS, 2007, p. 243).

O professor de Oxford é uma figura exemplar no universo ateísta atual. Sua militância é ativa e é notável a sua perspicácia na percepção sobre os pontos fracos do ateísmo. Mesmo a dúvida de que seja exitoso nas respostas aos seus adversários, é incapaz de abalar a sua confiança e a certeza triunfalistas. Não é exagero afirmar que, sem a sua contribuição teórica e sua militância, não teria se notabilizado o movimento atualmente reconhecido como neoateísmo.[6]

Pesquisas historiográficas, como as realizadas pelo historiador francês George Minois (1998), mostram-se convictas de que, na história, sempre houve manifestações latentes de ateísmo, de tal maneira que as sementes do ateísmo atual foram lançadas no solo da Filosofia grega. Nessa sua versão, assumida recentemente na trajetória do pensamento filosófico ocidental, o postulado atomista da negação total da existência divina é reconsiderado sem deixar margens para a possibilidade de uma verdadeira crença.

> Em um sentido estrito, o ateísmo filosófico é um fenômeno novo na história da filosofia. Apesar de atomistas como Epicuro e Lucrécio terem manifestado um tipo de rejeição mais global à noção de divindade e apresentado críticas à religião, o mais comum até antes do século XVIII era o ateísmo como rejeição de uma concepção de deus em favor de um modo mais adequado e verdadeiro de se compreender Deus. Esse ateísmo em sentido amplo, que não nega toda e qualquer forma de Deus e de prática religiosa, é uma posição muito mais tradicional na filosofia e mesmo no diálogo entre as religiões (PORTUGAL; COSTA, 2010, p. 127).

A principal crítica às posições do ateísmo moderno retruca que as suas convicções na descrença de deuses não deixam de requisitar um ato de crer na inexistência divina. O que, de certa maneira, é também uma fé, ao compartilhar de um pressuposto improvável. No sentido *stricto*, a fé é uma forma de acreditar em algo mesmo não tendo provas empíricas. Tal ideia de ateísmo como negação é, na verdade, muito recente, surgido há menos de trezentos ou duzentos e cinquenta anos. Surge claramente com o Iluminismo francês, apesar de o seu perfil ter sido basicamente anticristão, desenvolvendo como alternativa ao deísmo. Essa posição parecia muito mais racional do que a crença em um deus pessoal, preocupado com a vida de suas criaturas.

---

[6] Também poderia ser traduzido por novo ateísmo, por ser um movimento cultural de origem anglo-saxônica. Como, no Brasil, as academias têm optado pelo termo neoateísmo, o empregamos na tese. Há críticas ao termo, como ele não ser muito preciso, pois muitos indicam que não há nada de novo no movimento ou que ele não seguir o padrão acadêmico, por ser oriundo do jargão jornalístico americano.

Mesmo assim, os grupos ateus não deixaram de se posicionar durante o movimento iluminista francês (MINOIS, 1998). Apesar de minoritários, as suas influências foram sentidas anos depois, durante a Revolução Francesa, mais especificamente no período da ditadura jacobina. A Revolução, fruto do mesmo Iluminismo, foi campo fértil para a atuação desses grupos. Entretanto, eles enfrentaram forte resistência do pensamento majoritário coordenado em torno das ideias de Jean Jacques Rousseau. Estabelecidas as regras do "Contrato Social", é possível deduzir que, para um dos expoentes do Iluminismo, sem religião nenhuma sociedade é capaz de sobreviver.

> Nenhum povo já perdurou ou perdurará sem religião; se não tiver recebido uma crença religiosa, teria que criá-la para não ser destruído em pouco tempo. [...] De fato, a Religião é um fenômeno universal. A Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a Arqueologia e a História, entre outras ciências, têm demonstrado de forma convincente que a religião está presente em todas as culturas antigas e modernas. Por isso, podemos falar do homem como sendo um ser religioso (ROUSSEAU, 2013, p. 168).

Essa pode ser indicada como uma das razões pelas quais a linha majoritária dos revolucionários franceses não ousou destruir por completo o cristianismo, mas transformá-lo em uma religião submetida ao Estado. Como exemplifica a recordação da atitude dos radicais: nos seus últimos momentos, Maximilien de Robespierre tenta implantar um deísmo político racional com o culto ao Ser Supremo. Mais uma prova da incontestável influência de Rousseau sobre o grupo majoritário dos revolucionários que enfrentavam o fenômeno da Religião como claramente universal e necessário, o que se mostra de maneira inegável na preocupação de outra crença de imediato assumir o lugar religioso deixado pelo cristianismo.

O Iluminismo da Revolução Francesa e as revoluções europeias que varreram o século XIX eram todos anticlericais e críticos do misticismo religioso. No início do século XX, as revoluções liberais foram confrontadas pela experiência do marxismo soviético que, dessa vez, assume a defesa de um ateísmo prático e ativo. O comunismo da extinta União Soviética primou por um ateísmo de Estado nas fases mais combativas, mas nunca se impôs verdadeiramente sobre a população. Todavia, conseguiu evanescer muito do cristianismo ortodoxo. Findada a experiência soviética, a religião recrudesceu naquela região. No Ocidente, entretanto, o marxismo tendeu a se impor considerando os variados aspectos culturais locais.

Pesquisas atuais[7] relatam que o ateísmo se tornou, talvez, a terceira maior opção mundial, competindo com várias tradições religiosas. Os sem religião ocupam o terceiro lugar numa comparação com as demais religiões pelo planeta (HENEGHAN, 2012). O crescimento confirmado nessas estatísticas pode ser explicado sociologicamente pela relação entre padrão de vida e ateísmo (ZUCKERMAN, 2010). É possível que, no mundo europeu, a religião tenha perdido seu valor devido ao Estado de Bem-Estar Social, que possibilitou ao médio europeu segurança institucional com padrões de vida elevados. Em contraste, as Américas ainda permanecem com o bastião da religião no Ocidente. Tanto nos Estados Unidos como na América Latina, ainda se faz sentir a forte presença da religião na sociedade. Essa persistência do fenômeno religioso, que não se dobrou ao secularismo tipo europeu, explica ainda ser na região determinante no tocante à política.

No Brasil, apesar de haver muitos estudiosos sobre o fenômeno do crer, faltam fontes históricas para uma reflexão aprofundada do movimento ateu, ou seja, do não crer – se é que podemos falar de um "movimento" como o que aconteceu no mundo anglo-saxão ou russo/soviético. O ateísmo como movimento autônomo no Brasil é muito recente. Sempre na história do país tal ideia viveu em torno de grandes correntes de pensamento, como liberalismo, anarquismo, marxismo, entre outras.

Entretanto, mesmo com sua fé extremada na ciência, o Positivismo não tinha a pretensão de tornar-se uma doutrina ateia, mas uma nova religião para a sociedade, expurgada de todo misticismo e obscurantismo. No Brasil, em um período de mais de cem anos, desde a implantação da República, diversos movimentos políticos flertaram com o ateísmo, com o anarquismo e com o marxismo trazidos pelos imigrantes. O ateísmo brasileiro nunca deixou de estar associado a essas propostas políticas, de modo que só muito recentemente é possível verificar no país o experimento da militância ateísta em separado das grandes confissões filosóficas e políticas que tomaram conta do Ocidente nos últimos 250 anos.

A discrepância entre os movimentos ateístas em outros países e o praticado no Brasil é um indício da sua associação no solo pátrio com a *internet.* Antes do seu advento, os adeptos de tal confissão não tinham muito como se expor na sociedade sem estar defendendo bandeiras políticas principais. O ateísmo brasileiro sofria de timidez, se comparado ao europeu e ao anglo-saxão, cujas nações, desde o século XIX, deram origem a diversas

[7] A pesquisa organizada pelo sociólogo americano Phil Zuckerman, considerada referência no tema, deu origem ao livro organizado por ele, *Atheism and Secularity: issues, concepts, and definitions.* Vol. 1. Santa Barbara: ABC-Clio, 2010.

sociedades promotoras do ateísmo. Muitos ateus se escondiam ou não se interessavam em torná-lo um movimento autônomo. Reforçava-se, desse modo, o preconceito.[8]

Além da *internet*, avanços do secularismo na sociedade brasileira são percebidos no meio acadêmico. No início da segunda década do século XXI, alguns programas de pós-graduação do Brasil rompem a timidez institucional e começam a se interessar pelo fenômeno do ateísmo, sem dúvida motivados pelo surgimento do neoateísmo. Um marco desse movimento é a tese de Flávio Gordon, *A cidade dos Brights: religião, política e ciência no movimento neoateísta*, de 2011, defendida no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ).

Apesar desse crescente interesse pelo neoateísmo, o assunto ainda circula timidamente no interior dos programas de Teologia e Ciências das Religiões. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especificamente, tem produzido diversas publicações relacionadas ao tema. Não se pode deixar de mencionar também a publicação de uma revista eletrônica lançada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC-Minas). A revista *Horizonte*, de número 18, do ano de 2010, é um dossiê dedicado ao tema, intitulado "Neoateísmo: questões e desafios".

Com base em pesquisas no *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em 2018, o historiador Ricardo Oliveira da Silva, professor adjunto de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), chegou aos seguintes resultados reunidos na Tabela 1. Nela estão indicados 95 resultados sobre "ateísmo" e 47 relativos a "ateu" (SILVA, 2018, p. 291).

Tabela 1. Estado da arte: publicações importantes

Ano	Publicação	Autor	Instituição	Tipo
2007	O "novo" ateísmo em	Vários	UNISINOS	Revista

[8] Comprova-se esse ambiente hostil ao ateísmo com os relatos recolhidos em entrevistas que realizei durante a pesquisa para a minha dissertação no Mestrado em Ciência da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Nessa oportunidade, analisei o fenômeno do neoateísmo no Facebook. Procurei compreender o tipo de frequentador das comunidades virtuais que, na maioria das vezes, difere do perfil dos moderadores desse meio. Além do perfil, me preocupei com o uso do humor como estratégia de conversão. Foi possível constatar que poucos se expunham como ateus, e o que explica a omissão é o medo de ser estigmatizado e sofrer preconceito. Esse sentimento também é confirmado nas declarações recolhidas pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) e diversas outras entidades espalhadas pelo mundo, sobretudo nos Estados Unidos. O modo como o mundo virtual começava a se organizar possibilitou, portanto, o contato entre ateus de diferentes regiões do país. O primeiro *site* de que se tem notícia foi "A Sociedade da Terra Redonda", de 1999. Tal evento mostra que, no tocante à militância ateísta, estávamos muito mais atrasados que o resto do mundo. A pesquisa englobou os anos de 2013 a 2015. Nesta tese, consideramos como essas questões são influenciadas pela plataforma YouTube.

	discussão			
2010	Dossiê: Neoateísmo: questões e desafios	Vários	PUC-Minas	Revista
2011	*Aproximações entre o crer e o não-crer:* Avaliação de qualidade de vida em jovens evangélicos, ateus e sem religião	Camila Mendonça Torres	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Dissertação
2011	*A cidade dos Brights*: religião, política e ciência no movimento neoateísta	Flávio Gordon	Museu Nacional (UFRJ)	Tese
2013	*Estado Constitucional e neutralidade religiosa:* entre o teísmo e o neoateísmo	Jónatas E. M. Machado	Livraria do Advogado	Livro
2014	*Comunicação e ateísmo:* novas contexturas no Brasil	Sérgio Luís Martin	Universidade de São Caetano do Sul	Dissertação
2014	*Ainda encantados?* Neoateísmo e desencantamento do mundo	Leonardo Vasconcelos de Castro Moreira	PUC-SP	Dissertação
2014	*O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*	Clarissa de Franco	PUC-SP	Tese
2014	*Ateísmo virtuoso*: experiência e moral em Pierre Bayle	Marcelo de Sant'Anna Alves	UFBA	Tese
2015	*Graça a Deus sou ateu*: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook	Rogério Fernandes da Silva	PUC-SP	Dissertação
2016	*Uma introdução ao*	Valmor Ferreira	UFS	Dissertação

	movimento do neoateísmo	Santos		
2016	*Ciência moderna, religião e os novos ateístas*	Roney de Seixas Andrade	UFJF	Tese
2017	*Ateísmo, neoateísmo e o "problema" da religião no século XXI*	Maria Helena Azevedo Ferreira	UEM	Dissertação
2018	*Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado brasileiro*	Danilo Monteiro	UERJ	Dissertação
2018	*Ateísmos e irreligiosidades*: tendências e comportamentos	Edênio Valle (Org.)	Paulinas	Livro
2020	*O ateísmo no Brasil*: Os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI	Ricardo Oliveira da Silva	Paco Editorial	Livro

O professor doutor Edênio Valle, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é responsável pela organização do livro que reúne artigos sobre pesquisas do seu grupo de estudos sobre o ateísmo (VALLE, 2018, p. 13). Nesse livro, os autores dos artigos são, em sua maioria, oriundos da pesquisa e atuação na Psicologia. Eles são mestres e doutores graduados em Psicologia e pós-graduados em Ciência da Religião. No início do livro, o professor organizador concorda que os meios de comunicação modernos – nesse caso, as redes sociais e a grande mídia – são responsáveis pela inserção cultural dos novos ateus (VALLE, 2018, p.13). Além dessas iniciativas, pouco se tem discutido sobre o papel revolucionário das novas mídias na disseminação das ideias do novo ateísmo.

O trauma do dia 11 de setembro de 2001 na sociedade norte-americana contribuiu para torná-las mais receptivas ao discurso neoateu. Os atentados fizeram com que parte da população americana aderisse a um discurso antirreligioso motivado pela crença de a motivação do atentado ter sido religiosa. Abriu-se uma brecha no mercado editorial para um público ávido por consumir uma literatura que desse suporte às suas concepções. Contrário a tal motivação inicial, constatamos que, no entanto, mesmo o trauma do atentado, ao que parece, não ter sido superado até hoje, o consumo de literatura antirreligiosa diminui. Entretanto, é inegável que o discurso já existente dos novos ateístas alcança outra dimensão após o atentado terrorista.

Fazer uma história do ateísmo no Brasil é uma tarefa espinhosa, porque as várias fontes sobre esse tema se encontram em textos e periódicos de movimentos ideológicos como anarquistas e comunistas. O ateísmo brasileiro como movimento autônomo, sem estar ligado a grandes linhas ideológicas, só apareceu no fim do século XX. Só então e no começo do XXI vemos o ateísmo se firmar sem precisar outras linhas de pensamento para se sustentar. O professor Ricardo de Oliveira da Silva, docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, se propôs a estudar a origem do ateísmo brasileiro no seu livro *O ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI*. Para o autor, as fontes dos movimentos operários são as referências da consolidação do ateísmo em nossas terras. Seu trabalho visa suprir a ausência historiográfica brasileira sobre o assunto. O historiador também é *youtuber*. Ele possui um canal (desde 2011) de temática ateísta, onde se apresenta como historiador Ricardo Russell.[9]

Para esse autor, o ateísmo brasileiro começou especificamente nas décadas iniciais do século XX. O movimento anarquista operário trouxe consigo forte anticlericalismo. Na Europa do século XIX, o anticlericalismo anarquista estava bem estabelecido. Com o incentivo para a vinda de imigrantes europeus, feita pelos regimes imperial e republicano do Brasil, o anarquismo planta suas raízes no movimento operário nascente (SILVA, 2020, p. 31). A pesquisa de Ricardo Silva mapeia as opiniões anarquistas feitas no jornal *A lanterna* (1901 e 1935), criado para difundir a causa. Segundo o autor, o anarquismo tinha como base um anticlericalismo que moldou o itinerário do movimento. Podemos entender anticlericalismo como um movimento crítico à tendência do poder eclesiástico católico de invadir e dominar a sociedade civil e o Estado. Como era esse ateísmo anticlerical anarquista? A teoria do anarquismo em Mikhail A. Bakunin explica:

> A história das religiões, para Bakunin, não seria outra coisa senão um capítulo da história do desenvolvimento da inteligência e da consciência coletiva dos Homens, à medida que os indivíduos descobriram, seja neles, seja fora deles, como na natureza uma força e uma capacidade extraordinária, atribuíam isso aos deuses, apequenando-se mediante essa compreensão. Sendo assim, a existência de Deus foi a negação da liberdade humana e resultou em uma escravidão não apenas teórica, mas também prática: "Deus existe; portanto, o homem é escravo. O homem é inteligente, justo, livre; portanto, Deus não existe" (SILVA, 2020, p. 45).

No trecho destacado, percebe-se que Bakunin não acreditava na existência de Deus, por ser uma ideia castradora da liberdade. Segundo ele, a *revolta* era uma das mais antigas

[9] É provável que o nome Russell seja uma homenagem ao filósofo britânico Bertrand Russell, notadamente um famoso ateu histórico.

manifestações do gênero humano. Bakunin considerava a Bíblia como uma das manifestações da sabedoria e fantasias humanas (SILVA, 2020, p. 47). Porém, não poderíamos dizer que as expressões do anticlericalismo trazidas pelos anarquistas eram algo novo em nossas terras; as críticas anticlericais já eram sentidas desde a Independência, em 1822, especialmente em função de o catolicismo ter se tornado religião oficial do Império na Constituição de 1824 (SILVA, 2020, p. 49). Os intelectuais da época eram os principais adversários, e o sentimento anticlerical recrudesceu com o movimento republicano no final do século XIX (SILVA, 2020, p. 50). Enfim, quando o anarquismo se instalou no país, já havia um sentimento anticlerical que, todavia, não tinha o ateísmo em sua base.

O autor, depois de descrever o processo do movimento anarquista, passa a caracterizar como o ateísmo tipo científico comunista iria suplantar o anarquismo. Para Ricardo Silva, a concepção materialista da história produzida pelos filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) no século XIX criou uma visão ateísta que se espalhou pelo mundo, incluindo o Brasil (SILVA, 2020, p. 87). A Revolução Russa de 1917 foi um acontecimento que abalou e encheu de esperanças intelectuais e o operariado.

O materialismo histórico, ou marxismo, não nasceu do nada; ele é resultado do que Ricardo Silva define como contribuições filosóficas de Georg Wilheilm Friedrich Hegel (1770-1831); sem este não haveria Marx e Engels, herdeiros de seu pensamento. Hegel influenciou muitos outros que deixaram seus nomes na História – alguns mais conhecidos, outros menos. O autor escreve:

> Os estudos da Filosofia levaram Hegel a entender que o devir era o traço característico da realidade, sendo tarefa do pensamento explicar as condições da modificação e o sentido que as mudanças apresentariam em todos os aspectos dessa realidade, desde a percepção sensível até as chamadas revoluções políticas (SILVA, 2020, p. 90).

O pensamento de Hegel influenciou rapidamente a disciplina de História na Alemanha. Todavia, após "a morte de Hegel teve início uma cisão dos herdeiros", abrindo brechas para crítica ao Estado alemão e, principalmente, à religião (SILVA, 2020, p. 87). Uma das posturas de crítica foi a Ludwig Feuerbach (1804-1872); esse autor poderia ser considerado da chamada esquerda hegeliana – seu livro *A essência do cristianismo* (1841) impulsionou a crítica à religião institucionalizada na Alemanha e influenciou a obra de Karl Marx. Feuerbach procurou demonstrar no livro o objetivo central dessa essência da religião, que deveria ser a divina, e é, na verdade, a essência do próprio homem e que a Teologia nada mais é que simplesmente Antropologia (SILVA, 2020, p. 93). Karl Marx utiliza os postulados de Feuerbach e afirma que nesse autor a crítica à religião estava concluída.

Lembramos sempre quando Marx afirma que a religião é o ópio do povo, mas esse filósofo achava que, além de legitimar as estruturas sociais miseráveis, poderia criticá-las (SILVA, 2020, p. 98). No Brasil, o Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922, foi um dos divulgadores das ideias de Marx, Engels e Lenin. Os intelectuais comunistas brasileiros foram responsáveis pela divulgação do ateísmo. Abrem-se parênteses aqui: nesta obra não poderemos estudar todas as facetas peculiares do nosso comunismo, que nem sempre levou ao ateísmo, e muitos intelectuais brasileiros tiveram estreita amizade e cooperação com a Igreja Católica e outros segmentos cristãos progressistas; fecham-se os parênteses.

No entanto, este não é o espaço adequado para debatê-los exaustivamente, não só devido à extensão requisitada, mas, principalmente, para não se desviar da linha investigativa perseguida nesta tese. Orientando-se pela direção teórica determinada nesta pesquisa, percebe-se que a divulgação do discurso neoateu não teria alcançado os índices observados sem o "elemento *internet*". Ainda se tem "novo ateísmo" como sinônimo de neoateísmo, termo que nasceu no meio jornalístico para designar o grupo de cientistas ateus envolvidos na promoção do ateísmo para o público leitor em língua anglo-saxã[10] e surgiu com a publicação do livro *Carta a uma Nação Cristã*, de Sam Harris (2004). Em pouco tempo ultrapassou os limites do discurso escrito com o lançamento de *pop-stars* no mundo todo, graças ao empenho de militantes abnegados e dispostos a sacrificar tempo de suas vidas legendando vídeos para os telespectadores no *YouTube*. Em seguida, a mensagem deixou de ser passiva e os admiradores dos novos ateístas começaram a produzir conteúdo próprio.

O emprego do termo "neo" pelos ateístas atuais encontra respaldo nas ciências naturais, sobretudo na Neurociência, área da especialização de seus principais divulgadores na atualidade (FRANCO, 2018, p. 26). Apoiado nesse campo epistemológico, Richard Dawkins (2010) acusa, por exemplo, a religião de ser uma patologia, um delírio, uma crença persistente, mesmo sem evidências. No pano de fundo dessa afirmação estão os pressupostos do neodarwinismo que influenciou a Psicologia evolucionista e a Filosofia da mente.

Os debates neoateístas geralmente ultrapassam o meio acadêmico, visto que muitos são televisionados ou gravados e colocados nas redes sociais. Todavia, no meio acadêmico, são muitos os que se opõem ao modelo neoateu de confronto, vendo nele um empobrecimento do debate. Alguns não veem nada de "novo" no neoateísmo. O problema seria ainda o

[10] O termo neoateísmo nem deveria ser usado, como propõe Thomas Zenk, por não ser um movimento uniforme, pelas diferenças de autores e por acreditar que o novo ateísmo não tem um programa; portanto, não seria um movimento. Além de que o prefixo não indica algo novo. Entretanto, o termo já está bem disseminado, tanto dentro quanto fora da academia (SILVA, 2018, p. 286).

naturalismo defendido, pois, afinal, o que seria natural dentro do sistema cultural humano? Como separar o que é biologicamente natural da cultura? (FRANCO, 2018, p. 27).

Na ótica dos estudiosos evolucionistas, a religião seria um condicionamento natural, em vista da sobrevivência da espécie. Deus, metafísica, transcendência, entidades etc. seriam derivações de processos mentais. Para os evolucionistas, uma das causas de identificar a religião como uma forma adaptativa seria "o dispositivo de detecção de agências hiperativas, que é a forma de os seres humanos identificarem seres a partir de situações e objetos inanimados" (FRANCO, 2018, p. 29). Para os evolucionistas, esse mecanismo teria sido desenvolvido para facilitar a empatia e a identificação entre os seres humanos. Segundo os seus critérios, a tendência do homem em antropomorfizar a natureza é uma forma de considerá-la intencional (FRANCO, 2018, p. 30). Nessa linha, nós naturalmente estamos preparados para essa interação cognitiva, pois, quando crianças, o pensamento religioso manifestava-se como fruto da mentalidade dualista de enxergar correspondentes em matéria e corpos imateriais. Nesse sentido, o pensamento religioso seguiria tendências infantis e não amadurecidas da mente.

Evolucionistas como Dawkins (2010) parecem contradizer a tese naturalista da religião ao considerar que os humanos não nascem religiosos e qualquer imposição que advenha dos pais obrigando os filhos a serem religiosos é condenada como abuso, uma contradição com os seus próprios pressupostos evolucionistas, pois, ao mesmo tempo que consideram a religião com bases naturais, algo do processo evolutivo, também afirmam que não nascemos religiosos e a religião não seria natural. De certa forma, a teoria de Dawkins sobre religião e sua transmissão, nesse caso, requer explicações para a sua contundente crítica à educação religiosa (FRANCO, 2014). Tais inconsistências, no entanto, não inibem a tendência neurocientífica de adaptar a religião ao sistema neoevolucionista.

> A despeito do quadro apresentado acerca da religião como um subproduto de outros mecanismos evolutivos, alguns autores consideram que a religião seria adaptativa, por contribuir diretamente para questões evolutivas como sobrevivência e reprodução. Para ser considerado adaptativo, um comportamento deve ter uma função que se reverte em vantagens seletivas para a espécie. Tal comportamento teria sido moldado pela seleção natural para a manutenção das vantagens (FRANCO, 2018, p. 35).

Com essa definição, mostra-se de maneira clara a função religiosa em promover a solidariedade entre os grupos humanos. Tal visão confere à religião uma competência funcionalista. O neodarwinismo pensa a religião no sentido de vantagem evolutiva para a sobrevivência e a adaptação do homem. De certa maneira, há uma tendência à biologização de conceitos sociológicos e antropológicos que não ficam imunes a diversos questionamentos.

> Aqui cabe um parêntese acerca do papel que o darwinismo ocupa no contexto do processo do conhecimento. Muito além de ser uma teoria explicativa sobre os seres, a evolução darwinista por vezes é apresentada como teoria. Sua aplicabilidade é tão extensa que se poderia dizer que tal teoria quase se configura como uma posição paradigmática de explicação válida sobre a vida (FRANCO, 2018, p. 46).

Enfim, é possível identificar a religião como uma predisposição evolutiva, não só na definição de Dawkins (2010), mas em todas as que, de maneira geral, seguem as tendências darwinistas. Essas concepções sobre religião, principalmente as referendadas por Dawkins, influenciam em demasia o recente movimento ateísta no Brasil. Essa influência local que o ateísmo recebe das concepções darwinistas origina-se em solo europeu e mostra-se em franca expansão:

> Mas é insensato pensar que as religiões organizadas poderão num futuro próximo ser extirpadas e substituídas por uma paixão racionalista pela moralidade. O mais provável é que isso aconteça gradualmente, como vem ocorrendo na Europa, impulsionado por diversas tendências atuais. A mais potente das tendências é a reconstituição científica cada vez mais detalhada da crença religiosa como um produto biológico evolutivo (WILSON, 2013, p. 301).

Mais adiante, quando citaremos alguns pensadores do movimento neoateu, será possível entender a posição privilegiada que o darwinismo ocupa entre eles.

1.4. SAM HARRIS: A CIÊNCIA COMO PARÂMETRO MORAL

Do grupo principal do movimento neoateu se destacam Sam Harris, neurocientista americano, e Richard Dawkins, biólogo evolutivo inglês. Ambos têm movimentado o mercado editorial com suas ideias. Harris se compromete em demonstrar que a ciência pode orientar o discurso moral e ético, normalmente controlados pela religião. Para demonstrar essa possibilidade, o neurocirurgião escreve que o conceito de conflito entre ciência e religião ainda é importante e indispensável nessa sua luta.

> Ainda assim, para meu espanto, três dias não bastaram para que se fechasse acordo em torno de uma questão simples: se existe algum conflito entre Religião e Ciência. Imagine um encontro de montanhistas incapazes de decidir se seu esporte envolve caminhar morro acima, e você terá uma ideia de quão bizarras nossas deliberações começam a parecer (HARRIS, 2013, p. 26).

O espanto de Harris com alguns de seus apoiadores, cientistas como ele, demonstra o total desapontamento com a perda de tempo com argumentos que ele considera ultrapassados. Ele visa, com suas críticas, ao posicionamento do biólogo Stephen Jay Gould, alinhado com o posicionamento típico dos “magistérios não intervenientes”.

> A comunidade científica é predominantemente secular [...]. Recentemente analisei todas as aparições do termo “religião” nos arquivos da revista em

> um período de dez anos, e descobri que os editores da *Nature*, no geral, têm aceitado a noção falida de "magistérios não intervenientes" de Stephen J. Gould — a ideia de que a Ciência e a Religião, se compreendidas adequadamente, não podem nunca estar em conflito, pois constituem diferentes domínios do conhecimento. Como um editorial observou, os problemas surgem apenas quando uma dessas disciplinas "invade o território da outra e causa confusão". A alegação por trás disso é que, enquanto a Ciência é a maior autoridade no funcionamento do universo físico, a Religião é a maior autoridade nas questões de propósito, valores, moralidade e de como viver uma boa vida. Meu objetivo ao escrever este livro é convencê-lo de que não só isso não é verdade, mas não pode ser verdade de jeito nenhum (HARRIS, 2013, p. 11).

Harris busca, com suas críticas, uma atitude ativa e beligerante visando tomar o espaço antes destinado à religião, com bases na Teoria da Evolução e nas descobertas de sua própria especialização, a Neurociência. Para o autor, boa parte das atitudes dos homens pode ser explicada através do filtro evolutivo. E, para definir sua noção de cooperação humana e moralidade subsequente, Harris usa a noção de "bem-estar" como princípio norteador de sua teoria. Sua visão, próxima dos utilitaristas, não deixa de ser um argumento surpreendente para tentar demonstrar a plausibilidade da ciência como parâmetro moral.

> A situação é a seguinte: se as alegações básicas da religião forem verdadeiras, isso significa que a visão científica de mundo é tão obtusa e suscetível a modificação sobrenatural a ponto de se tornar ridícula; se forem falsas, significa que a maioria das pessoas está profundamente enganada sobre a natureza da realidade, deixando-se assoberbar por esperanças e medos irracionais e tendendo a desperdiçar tempo e atenção preciosos — muitas vezes com resultados trágicos. Será que essa é realmente uma dicotomia sobre a qual a ciência pode se declarar neutra? (HARRIS, 2013, p. 27).

Não tendo a religião condições de ter bases verdadeiras, é suficiente para Harris invalidar toda sua construção teórica. Essa total oposição entre suas ideias científicas e a religião é a delimitação de sua teoria – e, por que não dizer, de sua própria filosofia de vida. Essa atitude extremada pode ser vista também como um radicalismo fundamentalista, que supõe a ciência como base no lugar da religião. Para o movimento neoateu, a religião não deve ser só expulsa do espaço ou debate público, mas também do âmbito privado e de todas as esferas do conhecimento. Prevendo que não tardarão acusações de cientificismo, ele considera que,

> sem dúvida, algumas pessoas ainda rejeitarão qualquer descrição da natureza humana que não tenha sido feita antes em versos decassílabos. Muitos leitores poderão ainda temer que meu argumento seja vago ou explicitamente utópico. Não é, como há de ficar claro mais adiante (HARRIS, 2014, p. 46).

Segundo o seu ponto de vista, os cientistas não podem construir uma carreira inteira em subjetividades fracas e bases podres sobre o que acreditam ser a ciência. Para Harris, o

índice de qualidade de vida das nações mais secularizadas, por não dizer ateístas, é um indicativo para seu conceito de bem-estar:

> E, em quase todos os indicadores de saúde social, os países menos religiosos obtêm pontuação mais alta que os religiosos. Países como a Dinamarca, a Suécia, a Noruega e a Holanda — que são as sociedades mais ateias da Terra — consistentemente aparecem melhor que nações religiosas em medidas como expectativa de vida, mortalidade infantil, crime, alfabetização, PIB, bem-estar infantil, igualdade econômica, competitividade econômica, igualdade de gêneros, saúde pública, investimentos em educação, taxas de ingresso na universidade, acesso à internet, proteção ambiental, ausência de corrupção, estabilidade política, caridade com as nações mais pobres etc. (HARRIS, 2013, p. 131).

As condições de vida são o indicativo para o abandono da fé nos países europeus e sobre o avanço do secularismo nos Estados Unidos. Não nos cabe, nesta tese, contra-argumentar os pressupostos de Harris, com várias outras teorias sobre o secularismo e a ressecularização, muitas com ideias bem diferentes das defendidas por Harris, quando este afirma, por exemplo, que a religião está deixando de ser institucionalizada para ser mais individual, subjetiva. Mais importante aqui é destacar que o autor acredita na qualidade de vida para o fim da religião.

> Por mais que a mente humana possa ser predisposta a abrigar crenças religiosas, o fato é que cada nova geração recebe uma visão de mundo religiosa, em parte na forma de proposições linguísticas — muito mais em algumas sociedades do que em outras. Quaisquer que sejam os alicerces evolutivos da religião, parece incrivelmente improvável que os franceses, os suecos e os japoneses tendam a não acreditar em Deus, enquanto os americanos, sauditas e somalis acreditam. A religião é claramente uma questão daquilo que as pessoas ensinam a seus filhos sobre a natureza da realidade (HARRIS, 2013, p. 136).

A crença de Sam Harris se baseia no pressuposto de sua especialidade e na crença evolucionista sobre a religião como algo que já foi útil no passado, mas perdeu seu sentido.

> Ainda assim, as pessoas imaginam que em princípio não existe conflito entre Ciência e Religião porque muitos cientistas são eles próprios "religiosos", e alguns até acreditam no Deus de Abraão e na verdade dos antigos milagres. Mesmo os extremistas religiosos valorizam alguns produtos da ciência — antibióticos, computadores, bombas etc. —, e essas sementes da curiosidade, dizem-nos, podem ser pacientemente regadas de uma forma que não ofereça nenhum insulto à fé religiosa (HARRIS, 2013, p. 142-143).

Sam Harris opta claramente pela tese de conflito entre Ciência e Religião. A partir de certo momento ele ataca a figura de Francis Collins, físico-químico, geneticista médico e ex-chefe do Projeto Genoma Humano, autor do livro *A linguagem de Deus* (2007). Ele é um claro exemplo, para Harris, de um cientista com fé e contrário à tese do conflito entre Ciência e Religião. Na verdade, Harris pratica o que se denomina "falácia do espantalho".

Supõe um inimigo imaginário adaptado aos seus conceitos a serviço do seu embate argumentativo.

> O que é irracional e irresponsável em um cientista e educador é fazer alegações injustificadas e injustificáveis sobre a estrutura do universo, sobre a origem divina de certos livros e sobre o futuro da humanidade com base em tais experiências. E, mesmo pelos padrões ordinários da experiência contemplativa, os fenômenos que Collins descreve em apoio às suas crenças religiosas mal merecem discussão (HARRIS, 2013, p. 148).

Várias páginas são dedicadas a Collins, nas quais fica implícito que esse é o seu exemplo negativo, o paradigma de cientista que se deve evitar. Como já foi escrito nesta tese, a luta de Harris contra a religião e seus portadores é devido ao seu próprio paradigma de conflito, pois, ao avaliar que os conceitos e preceitos da religião estariam certos, os dele estariam, por assim dizer, errados. Nada mais irracional para Harris do que um cientista religioso. Por fim, Sam Harris e a sua preocupação com a moralidade não estão sozinhos nesta pesquisa, pois vários pesquisadores evolucionistas preocupam-se com o desenvolvimento da moral. No Brasil, citamos como exemplo o professor de Filosofia e Sociologia do IFMG José Costa Júnior como um pesquisador motivado pelo mesmo tema.

> O principal objetivo é avaliar se as diversas investigações científicas baseadas no modelo evolutivo estruturado pelo britânico Charles Darwin produzem exposições esclarecedoras acerca de elementos como a capacidade humana de produzir juízos morais, o conteúdo de nossas crenças morais e o modo como pensamos sobre a moral. O trabalho se dá a partir da apresentação e da crítica das diferentes propostas que têm como objetivo compreender a moralidade e seus elementos partindo da perspectiva evolucionista (COSTA JUNIOR, 2018).

Consideramos falar mais um pouco sobre o cientificismo no próximo tópico, levando em conta que o termo é importante para esta tese. Abriremos um tópico para discutir de forma rápida o pensamento cientificista no mundo atual.

1.5. O CIENTIFICISMO NO MUNDO ATUAL

Apesar de ser um termo já consolidado, tendemos a achar que é muito antigo; porém para autores como Martim Vasques Cunha, doutor em Ética e Filosofia Política pela USP, o termo nasceu como movimento no século XVI diante da sofisticação do movimento intelectual que buscava sua autonomia diante da religião. Para Cunha, o cientificismo teria três dogmas, os quais ele retira da linguagem do historiador Eric Voegelin:

> 1) A crença de que uma ciência matemática do fenômeno natural é o modelo de todas as outras ciências; 2) Todos os estratos do Ser só podem ser acessíveis por meio dos métodos das ciências dos fenômenos; 3) Toda a

> realidade que não for acessível a essa ciência do fenômeno é irrelevante ou, em uma visão mais radical ainda, ilusória (CUNHA, 2014, s/p).

A crítica de Cunha, ao visar o polêmico filósofo Steven Pinker, rebate o cientificismo como base da opinião pública no século XX. Entretanto, apesar da longevidade que Cunha propõe, o termo em si é deveras recente. Para o professor universitário Dominique Raynaud,[11] da universidade francesa de Grenoble Alpes, o termo cientificismo (ou cientismo) apareceu em meados do século XIX:

> A origem do termo cientificismo (*scientisme*) está geralmente localizada em *O Futuro da Ciência*, de Ernest Renan, um texto escrito em 1848 e publicado em 1890, em um artigo de Félix Le Dantec de 1911 ou em uma obra de Romain Rolland de 1898 (Lalande 1926, p. 960-961; Boituzat, 1999, p. 850-853; Morfaux e Lefranc, 2011, p. 518). Cada uma dessas atribuições é discutível. [...] *El provenir de la ciencia* de Renan tem sido considerada o primeiro marco dessa história. Na realidade, seja qual for a doutrina apresentada nesse texto, a palavra "cientificismo" não aparece no livro. Foi Ferdinand Brunetière quem batizou a posição de Renan dessa forma em um artigo publicado na *Revue des Deux Mondes*, intitulado "*Après une visite au Vatican*", onde ele defende a ideia de um fracasso da ciência moderna (1895, p. 97-118) (RAYNAUD, 2015, p. 1, tradução do autor).[12]

Dominique trata cientificismo e cientismo como termos paralelos; os dois surgiram na consolidação do movimento científico no século XIX.

> Peter Schöttler (2013, p. 94-98) realizou o primeiro estudo historiográfico do cientificismo. Após constatar a coincidência entre os termos *scientifisme* e *scientisme*, Schöttler chega à conclusão de que o primeiro termo surgiu em 1845 e o segundo em 1880 (RAYNAUD, 2015, p. 2).

Neste caso, a palavra cientificismo é recente, mas a discussão sobre seus "dogmas" atravessa os séculos. Dominique continua sua reflexão estabelecendo que o *ismo* da palavra significa doutrina polissêmica. O cientificismo já foi visto de forma positiva, como uma ciência de solução para todos os problemas. Observe o que o autor diz: todos. Ele afirma que a tese é incompleta, pois a ciência, dedicada ao conhecimento, não resolve nenhum problema real. A solução dos problemas está no ponto de vista da técnica. Outra crítica é a confusão que se cria ao confundir a ciência com a tecnologia para a organização da sociedade. Também

[11] Esse professor francês ensina Sociologia e História da Ciência.

[12] Se suele situar el origen del término *cientificismo* (*scientisme*) en *El porvenir de la ciencia* de Ernest Renan, texto escrito en 1848 y publicado en 1890, en un artículo de Félix Le Dantec de 1911 o en una obra de Romain Rolland de 1898 (Lalande 1926: 960-961; Boituzat 1999: 850-853; Morfaux y Lefranc 2011: 518). Cada una de estas atribuciones es discutible. [...] *El provenir de la ciencia* de Renan ha sido considerado como el primer jalón en esta historia. En realidad, cualquiera que sea la doctrina expuesta en este texto, en el libro no aparece la palabra "cientificismo". Fue Ferdinand Brunetière quién bautizó de este modo a la postura de Renan en un artículo publicado en la *Revue des Deux Mondes*, titulado "Après une visite au Vatican", donde sostiene la idea de un fracaso de la ciencia moderna (1895: 97-118). [...] Peter Schöttler (2013: 94-98) realizó el primer estúdio historiográfico del cientificismo. Después de hacer notar la concurrencia entre los términos scientifisme y scientisme, Schöttler llega a la conclusión de que el primer término apareció em 1845 y el secundo en 1880.

crítica os que veem o cientificismo como substituto da religião; nesse momento ele descreve a tese de conflito para mostrar que a ciência é cada vez mais capaz de desconstruir crenças falsas, como terra plana, geocentrismo, lua com luz própria etc. Por fim, ele faz ressalvas à ideia da aplicação do método científico para todas as disciplinas humanas.

A partir dos próximos parágrafos, discutiremos outro cientista relacionado ao movimento neoateu, Richard Dawkins. Dawkins, assim como Harris, é cientista de língua inglesa e esteve na ribalta dos acontecimentos midiáticos durantes muitos anos.

1.6. RICHARD DAWKINS: CIÊNCIA E REENCANTAMENTO DO MUNDO

Como Sam Harris, o biólogo inglês transmite um encantamento pela ciência como mensagem prosélita. Ao começar seu livro *Deus: um delírio* (2006), Dawkins procura dar mais ênfase a esse encantamento pelo conhecimento científico. Dawkins tenta passar ao leitor um deslumbramento pela ciência. Talvez ele saiba que, sem a noção de descoberta e mistério, o leitor se cansa rapidamente do que ele quer divulgar.

> Todos os livros de Sagan tocam no nervo exposto do assombro transcendente monopolizado pela religião nos últimos séculos. Meus livros têm a mesma aspiração. Em consequência disso, muitas vezes me vejo descrito como um homem profundamente religioso. Uma estudante americana me escreveu dizendo que tinha perguntado ao seu professor se ele tinha uma opinião sobre mim (DAWKINS, 2006, p. 27).

Dawkins, assim como Harris, ataca a ideia de magistérios não interferentes de Gould, considerado por ele como um dos livros mais fracos do autor. Inclui em sua crítica Alister McGrath, por concordar com as justificativas favoráveis à separação entre Ciência e Religião.

> McGrath prossegue citando Stephen Jay Gould num tom parecido: “Dizer para todos os meus colegas e pela milionésima vez (de debates universitários até tratados complexos): a ciência simplesmente não é capaz (por seus meios legítimos) de adjudicar a questão da possível superintendência de Deus sobre a natureza. Nem a afirmamos nem a negamos; simplesmente não podemos comentá-la como cientistas”. Apesar do tom confiante, quase agressivo, da declaração de Gould, qual é, na verdade, sua justificativa? Por que não devemos comentar sobre Deus como cientistas? E por que o bule de Russell, ou o Monstro de Espaguete Voador, não são igualmente imunes ao ceticismo científico? Como argumentarei daqui a pouco, um universo com um superintendente criativo seria bem diferente de um universo sem esse superintendente. Por que não é uma questão científica? [...] Gould executou a arte de recuar a distâncias incríveis em um de seus livros menos admirados, *Pilares do tempo*. Ali ele cunhou a sigla MNI para o termo “magistérios não interferentes” (DAWKINS, 2006, p. 67).

Seguindo o seu próprio raciocínio, Dawkins é criticado por desmerecer o pensamento teológico, infantilizando suas questões. Acusa a obra *Deus: um delírio* de abordar de forma

muito superficial os seus temas. Mas não se pode deixar de considerar que o livro é uma *avant garde* de divulgação, sem necessidade de aprofundar os temas na sua escrita. Entretanto, ficou no imaginário dos críticos que a obra de Dawkins se especializa em sofismas e falácias.

> É um cliché chato (e, diferentemente de muitos clichés, não é nem verdade) dizer que a Ciência se preocupa com perguntas sobre como, mas só a Teologia está equipada para responder a perguntas sobre por quê. O que diabos é uma pergunta sobre por quê? Nem toda pergunta que começa com um "por que" é uma pergunta legítima. Por que os unicórnios são ocos? Algumas perguntas simplesmente não merecem resposta. Qual é a cor da abstração? Qual é o cheiro da esperança? (DAWKINS, 2006, p. 69).

São várias as páginas que ele dedica para críticas ao conceito de “magistérios não interferentes” (MNI) de Gould. Para Dawkins, o MNI protege os argumentos da religião e em vários de seus aspectos sobrenaturais; então, é preciso colocar um fim nos argumentos de Gould. Ao reduzir a religião a um magistério não interferente, para Dawkins, se impossibilitaria os cientistas de examiná-la e criticá-la.

No mesmo livro, ele também compromete o conceito de moralidade com o seu modo de pensar. Ajusta a sua concepção de moralidade ao conceito de *gene egoísta*, segundo o qual as espécies tendem a sobreviver perpetuando genes através da seleção natural darwinista. Observa que a sobrevivência desse gene também visa à cooperação dos indivíduos em sociedade, como as abelhas, ou à cooperação entre as espécies, por exemplo, flores e abelhas. Nessa cooperação estaria a origem da moralidade, com apelo para um sentido utilitário.

> É a estratégia “Comece sendo legal e dê aos outros o benefício da dúvida. A seguir pague as boas ações com boas ações, mas vingue-se das más ações”. Na terminologia da teoria dos jogos, essa estratégia (ou família de estratégias relacionadas) possui vários nomes, como Tit for Tat, olho por olho ou de replicadores. Ela é evolutivamente estável sob certas condições no sentido de que, tomando-se uma população dominada por replicadores, nenhum indivíduo traidor, e nenhum indivíduo incondicionalmente cooperativo, terá vantagem. Existem outras variações mais complexas de olho por olho que sob algumas circunstâncias podem ter vantagem (DAWKINS, 2006, p. 228).

Podemos perceber um discurso de encantamento em Dawkins, mas um encantamento reservado à Ciência, e não à Religião. No seu livro *A magia da realidade* (2012), usa no título algo próprio da experiência religiosa, a magia. No entanto, essa “magia” é científica.

> A noção de desencantamento do mundo para Weber está ligada primeiramente a essa desmagificação, como a promovida pela ética protestante. O termo foi usado pela primeira vez em 1913 pelo autor, em um artigo intitulado *Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva* [...]. Esta primeira utilização está ligada à perda de sentido atrelada à religião. Weber utilizaria ainda esse conceito em dezessete ocasiões, atrelando-o quatro vezes à ausência de sentido, nove vezes para desmagificação e quatro vezes nas duas acepções (MOREIRA, 2014, p. 15).

Na sua dissertação, o sociólogo Leonardo Vasconcelos Moreira se baseia em conceitos-chave do sociólogo alemão Max Weber para teorizar sobre o processo de desconstrução e reconstrução do movimento neoateu e sua convicção na capacidade da ciência como fonte de sentido.

> Tentarei indicar nesta pesquisa que há também a construção de um novo sentido pelos ateus e naturalistas que possuem uma visão de mundo em que tudo pode e deve ser comprovado empiricamente e que abdicam da religião tradicional, seja ela desmagificada ou não, para o seu entendimento de mundo. A própria ciência transforma-se, muitas vezes, em fonte de sentido para esses indivíduos (MOREIRA, 2014, p. 17).

Ele deduz que o neoateísmo procura esse encantamento em várias esferas da sociedade. Na luta contra as pseudociências, é preciso um novo encantamento que substitua o antigo. Baseando-se novamente em Weber, ele vislumbra essa possibilidade:

> O próprio Weber fala da possibilidade de um encantamento pela esfera erótica. Não obstante, ele não conceituou o (re)encantamento do mundo como os outros autores que analisei [...], mas abriu margem para tal. Melhor ainda, abriu margem para uma possibilidade secular de encantamento, como no caso do erotismo. Os diversos tipos de (re)encantamentos dos neoateus podem ser observados de diversas formas: apelo ao imaginário popular, utilização de práticas religiosas, substituição de verdades e valores religiosos pelas verdades e valores científicos, entre outros fatores (MOREIRA, 2014, p. 90).

Concluímos que tanto Dawkins quanto Harris vão por esse caminho de confiança na ciência como princípio moralizador de reencantamento; Harris, conforme os comentários anteriores. No caso de Dawkins, apoiamo-nos em *A magia da realidade* (2012) para nos certificarmos do seu otimismo frente ao (re)encantamento científico.

> Então essa é a realidade, e é assim que podemos saber se uma coisa é ou não real. [...] Agora quero falar sobre a outra palavra-chave do meu título: magia. É uma palavra ardilosa. Costumamos usá-la em três sentidos diferentes, e a primeira coisa que preciso fazer é distingui-los. Chamarei o primeiro de “magia sobrenatural”, o segundo de “magia de palco” e o terceiro (que é o meu sentido favorito e o que eu tinha em mente no meu título) de “magia poética” (DAWKINS, 2012, p. 11).

Dawkins descreve a realidade exclusivamente por meio dos fenômenos físicos. Para ele, a realidade é tudo que existe, e os nossos sentidos são as janelas dessa percepção. Preocupado, ele estabelece três parâmetros em seu livro para o que ele chama de magia: magia sobrenatural; magia de palco e magia poética. As duas primeiras, de certa forma, são tratadas como farsas. Ele se preocupa mais com a terceira, que é o objetivo de seu livro:

> O terceiro significado de magia é aquele que tenho em mente no título: a magia poética. Uma música bonita pode nos comover até as lágrimas, e por vezes dizemos que uma apresentação foi “mágica”. Fitamos as estrelas numa

> noite escura sem lua, longe das luzes da cidade, e, deslumbrados, dizemos que é uma visão de "pura magia". Poderíamos usar essa mesma palavra para descrever um maravilhoso pôr do sol, uma paisagem dos Alpes ou um arco-íris no céu. Nesse sentido, "mágico" significa profundamente comovente, estimulante, algo que nos deixa arrepiados e nos faz sentir plenamente vivos. O que espero mostrar a você neste livro é que a realidade – os fatos do mundo real como são compreendidos através dos métodos da ciência – é mágica nesse terceiro sentido, o sentido poético, o sentido de que é bom estar vivo (DAWKINS, 2012, p. 12).

Continua na mesma página:

> Agora quero voltar à ideia do sobrenatural e explicar por que ela nunca pode nos oferecer uma explicação verdadeira para as coisas que vemos neste planeta e no universo que nos cerca. Dar uma explicação sobrenatural para alguma coisa não explica nada e, pior ainda, exclui qualquer possibilidade de essa coisa vir a ser explicada no futuro. Por que digo isso? Porque, por definição, uma coisa "sobrenatural" tem de estar fora do alcance de uma explicação natural. [...] A ciência faz exatamente o contrário. Quando encontra alguma coisa que não sabe explicar, aproveita e faz perguntas, cria modelos possíveis e os testa; e assim vamos avançando, aos poucos, em direção à verdade (DAWKINS, 2012, p. 12).

A absoluta confiança de Dawkins na ciência se mostra de maneira nítida. Para Dawkins e, subsequentemente, Harris, a religião é vista como farsa e/ou autoengano. Essa rejeição combina com um encantamento pela ciência. Para os autores, a ciência pode ser fonte de explicação para a realidade, e, caso não haja uma explicação para o todo no agora, com certeza no futuro haverá. Nas suas obras, o desencantamento com a religião é substituído pelo encantamento com a ciência.

Apropriando-se desse encantamento científico como o motivo principal do movimento neoateu, destinamos o próximo capítulo à análise do meio virtual em que esse sentimento se propaga e se consagra. Serão, portanto, consideradas as teorias sobre virtualidade que orientam o presente trabalho em paralelo com a construção de um panorama histórico sobre as definições de *vlogs*, vlogueiros e *youtubers*.

2. YOUTUBE E NEOATEÍSMO: FÉ E CIÊNCIA NA SOCIEDADE EM REDE

Neste capítulo são ressaltadas as questões históricas e teóricas sobre o fenômeno do *YouTube*, desde seu período mais amador até a profissionalização de vários vlogueiros. Veremos que o *YouTube*, os *vlogs* e *youtubers* são consequências da interatividade proporcionada com o surgimento da *Web* 2.0. Importantes pensadores, como Pierre Lévy e Manuel Castells, se debruçaram sobre a cibercultura, tentando desvendar seus caminhos, ou até mesmo preveni-los. Com a cibercultura surgiram novas militâncias sociais oportunizando para a sociedade maior acesso à comunicação e projetando as identidades locais e remotos cantos do globo no grande mosaico multicultural. Nada disso aconteceu sem tensões – que ainda persistem. As redes sociais tornaram-se instrumentos de expressão, de consumo e de contestação, desafiando sociedades aparentemente estagnadas. No mundo de amplas potencialidades para o estudo da comunicação, antropologia virtual, educação e discussões filosóficas, surgem *blogs* e *vlogs* expressando vozes ativas que ressaltam as condições massificadas dos meios hegemônicos. Amplia-se, assim, a audição para além do circuito restrito das bolhas identitárias. É o caso, por exemplo, das redes sociais neoateístas, com alcance de público inimaginável antes da explosão da cibercultura.

2.1. *INTERNET* E *WEB* 2.0

As redes sociais são um fenômeno dentro da *Internet*;[13] elas mudaram muito com o desenvolvimento desse meio de comunicação. O termo *Web* 2.0 surgiu em duas conferências de empresas do setor da *internet* que aconteceram em 2004 e 2005, a *Web* 2.0 *Conference*, em San Francisco. Visando o valor comercial, gigantes haviam nascido, tais como *Amazon*, *Google*, *Microsoft* e *Yahoo*! Entre várias outras empresas, estas procuram aumentar seus lucros.

A partir daí, mesmo com os interesses comerciais das grandes empresas do meio, houve a generalização do uso social da *Web* 2.0. Entre as suas características, temos que ela é

[13] A *internet* surgiu como produto da Guerra Fria. A ideia era que os militares americanos tivessem um meio de comunicação que funcionasse sem a necessidade de um centro, pois, em caso de uma guerra nuclear, os primeiros alvos seriam os principais centros de comando. O domínio soviético da tecnologia de armas nucleares acelerou o desenvolvimento de uma nova forma de comunicação que não fosse tão vulnerável a ataques atômicos diretos. O desenvolvimento dessa nova forma de se comunicar foi feito pela ARPA (*Advanced Research and Projects Agency*), no ano de 1969, recebeu o nome *Arpanet* e visava conectar os departamentos de pesquisa. Antes dela existia uma ligação com o computador central, no Pentágono. Tal projeto começou, por sua viabilidade militar, com um sistema de computadores interligados que continuaria funcionando caso ocorresse um ataque direto ao Pentágono.

uma plataforma, com aproveitamento da inteligência coletiva e gestão de bases de dados; simplificação de *software* e aproveitamento das experiências dos usuários (ACEDO, 2012, p. 151).

> Segundo O'Reilly (2005), não há como demarcar precisamente as fronteiras da *Web* 2.0. Trata-se de um núcleo ao redor do qual gravitam princípios e práticas que aproximam diversos *sites* que os seguem. Um desses princípios fundamentais é trabalhar a *web* como uma plataforma, isto é, viabilizando funções *online* que antes só poderiam ser conduzidas por programas instalados em um computador. Porém, mais do que o aperfeiçoamento da "usabilidade", o autor enfatiza o desenvolvimento do que chama de "arquitetura de participação": o sistema informático incorpora recursos de interconexão e compartilhamento. [...] Dessa forma, quanto mais pessoas na rede, mais arquivos se tornam disponíveis. Isso demonstra, segundo O'Reilly, um princípio chave da *Web* 2.0: os serviços tornam-se melhores quanto mais pessoas o usarem (PRIMO, 2007, p. 2).

As novas perspectivas de participação na *internet* possibilitam a criação de diversificadas teorias. Entre os teóricos que mais contribuíram sobre as transformações da *Web* 1.0 para *Web* 2.0 incluímos Pierre Lévy, Horward Reingold, James Surowiecki, Tim Berners-Lee, Tim O'Reilly e Manuel Castells. As reflexões de todos os citados sobre a rede destacam suas influências sobre o tipo de participação interacional.

2.1.1 *YouTube*

O *YouTube* foi lançado oficialmente em junho de 2005. Em 2008, já era um dos dez *sites* mais visitados do mundo. Vários motivos são alegados para o seu rápido sucesso: capacidade de captação de recursos com as recomendações de vídeos relacionados, comentários de avaliação, *link* por *e-mail*, que permite o compartilhamento (hoje os *links* de compartilhamento estão em diversas redes sociais) e o reprodutor de vídeo incorporado (BURGESS; GREEN, 2009).

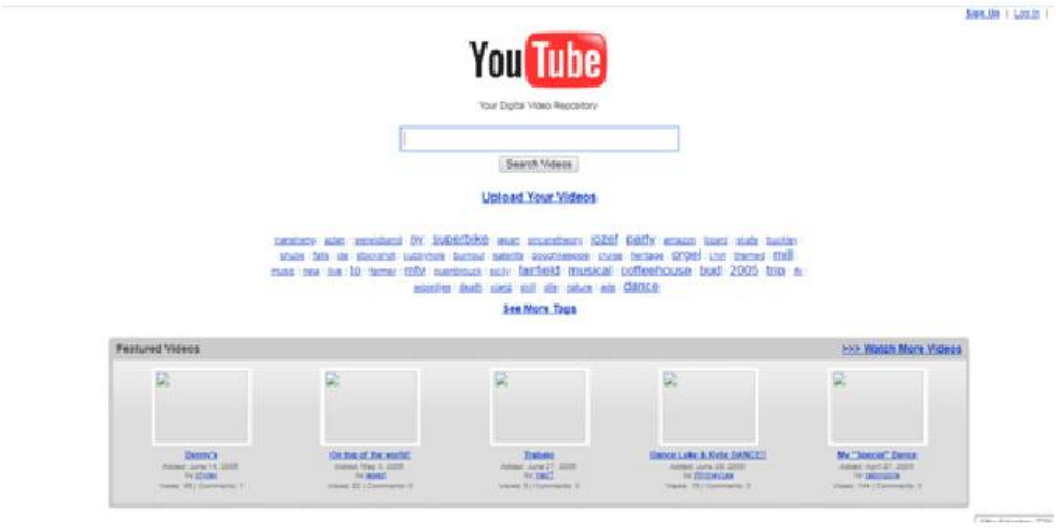


Figura 1. Interface do YouTube em 1º de julho de 2005[14]

A plataforma do *site* trazia, nos seus primeiros momentos, o slogan "Your Digital Video Repository". A produção de vídeos e suas postagens em rede seguem uma função colaborativa e interativa. Inserido no mundo virtual, o *YouTube* encontrou espaço mercadológico, mas também abriu espaço para muitos que não tinham voz nas mídias tradicionais se expressarem publicamente. A maior adesão foi da parte de jovens em busca de visibilidade para suas ideias e de popularidade. Os vídeos na plataforma, quando começaram, falavam de histórias pessoais.

> O vídeo inaugural do programa *Video Nation Shorts*, intitulado "Mirror", mostra Gordon Hencher, coronel aposentado do Exército, falando sobre envelhecimento e seu ódio por espelhos. Para Mandy Rose, citada por Matthews (2007), o foco particular do programa era o de documentar e celebrar a diversidade na Grã-Bretanha por meio do trabalho de *diarists16*, registrando em vídeo acontecimentos, assim como a prática histórica de escrevê-los em diários. O termo *diarists*, empregado aqui, foi utilizado por remeter ao projeto Mass Observation (MO) iniciado, em 1937, pelo antropólogo Tom Harrisson, o poeta Charles Madge e o cineasta Humphrey Jennings, juntamente com observadores e um grupo de colaboradores que incluía críticos, fotógrafos, pintores e escritores (MENEGON, 2013, p. 29).

Como se pode perceber, diversos "colaboradores" indiretos foram pensados para a ideia do *YouTube*. Distante dos seus momentos iniciais, o *YouTube* é hoje uma empresa com fins lucrativos, exceto para sua empresa proprietária, o Google, como analisaremos mais adiante. Essa empresa é uma plataforma agregadora de conteúdo, e não a principal produtora (MENEGON, 2013, p. 21), como indicam as mudanças na monetarização dos vídeos. Uma

[14] Baseado no trabalho de Érika Nogueira Menegon, *Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do YouTube*. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20050701000942/http://youtube.com/>. Acesso em: 12 abr. 2018.

das razões de seu sucesso é estar aberta a diversos trabalhos, inclusive os de amadores, a princípio, feitos com câmeras menos profissionais, o que tornou um atrativo essencial. Porém isso logo se tornou obsoleto, devido ao barateamento de câmeras profissionais.

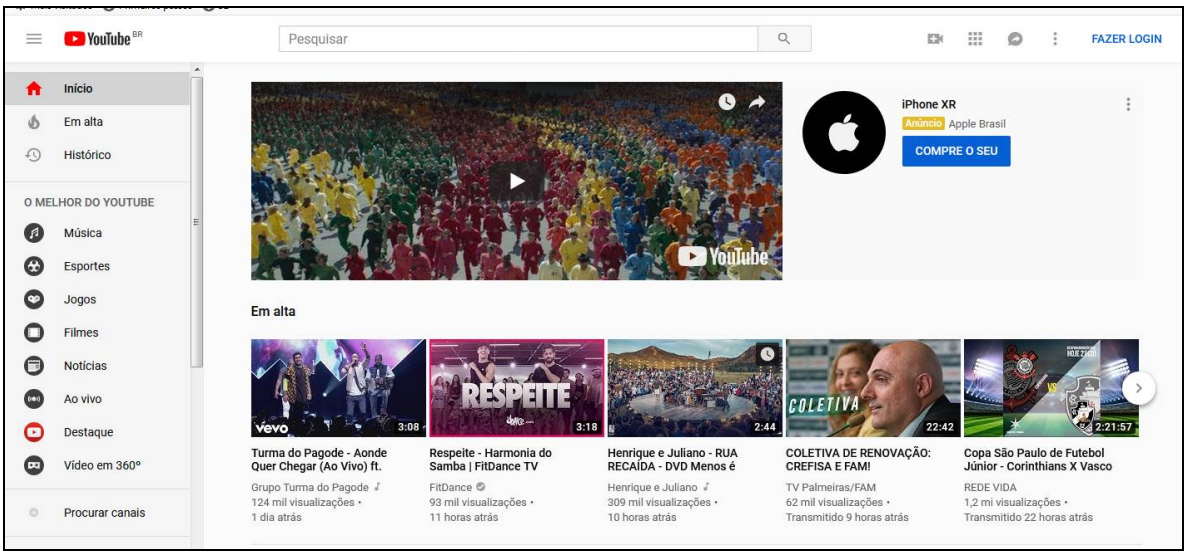


Figura 2. Imagem da página inicial (atual) do YouTube[15]

Retornando ao tipo de cultura gerada a partir do surgimento do *YouTube*, deparamo-nos com um tipo reconhecido como participativo, com conteúdo gerado pelos usuários e distribuído de forma viral. Não existem problemas em relação a essa cultura de participação. Vários vídeos produzidos não são de grande alcance e ficam circulando em nichos virtuais específicos. É exatamente para essas bolhas que se volta o interesse desta pesquisa.

Com a *Web* 2.0, houve um intenso otimismo devido às possibilidades de interações da plataforma. Logo abundaram matérias produzidas por educadores animados com as potencialidades de uso. O *YouTube* nasceu, então, nesse contexto de interação, dando espaço a vozes silenciadas fora das mídias tradicionais. No Brasil, o público consumidor de conteúdo do *YouTube*, em 2017, era de cerca de 98 milhões de usuários, sendo 96% jovens entre 18 a 34 anos (PACETE, 2017).

A tentativa de usurpação da *Internet* pelas grandes empresas de mídia é alvo de críticas e contestação (APARICI, 2012). O controle exercido por grupos como UOL, *Google*, *Yahoo*! e *Facebook* vai de encontro aos interesses da prevista interatividade e é alvo dos ativistas pró-liberdade de informação, que alertam para os perigos de grandes empresas monopolizarem e censurarem informações. Há poucos anos foi denunciado que o *Facebook*

[15] Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em: 23 jan. 2018.

censurou *sites* e notícias de grupos conservadores ou que havia feito teste para manipular o emocional dos seus usuários por meio de notícias selecionadas na *timeline*.

Não se pode pensar no *YouTube* apenas com as regras mercadológicas que movem seus proprietários. Ele não é apenas uma mídia dirigida por consumidores/produtores. Os pequenos canais ainda estão ativos, apesar de terem o interesse diminuído pelos seus produtores devido às regras de monetarização atual do grupo *Google*. Isso é uma indicação de que, mesmo com a falta de motivação financeira, a produção continua.

A rede mundial não é apenas mais um local de informação, mas um local de interatividade entre usuários e com grandes corporações do meio. Esse é o maior atrativo para os produtores de vídeos do *YouTube* e a criação de *blogs* e *vlogs*.

2.1.2 *Blogueiros* e *vlogueiros*

O termo *blog* é uma contração da expressão *weblog.* O *blog* é um diário na *internet* escrito por um ou mais autores regulares. O primeiro *blog* surgiu em 1999 (HEWITT, 2007). Em 2007, existiam mais de quatro milhões de *blogs*, gerando, assim, a necessidade de cunhar um novo termo para designar o alcance desses diários *online*: a *blogosfera.* Para Hugh Hewitt, o apresentador de *talk-show* de rádio americano e autor do *blog Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*, os *blogs* foram determinantes nas eleições presidenciais de 2004 nos Estados Unidos, com a publicação de matérias investigativas contra a candidatura democrata.

Cabe ressaltar que a terminologia revolução, usada no título do livro de Hewitt, denota excessivo entusiasmo com as novas vias de comunicação. Ao longo desta tese poderemos pensar como essa noção foi importante para os apreciadores e entusiastas das novas tecnologias. Hewitt é um pensador do Partido Republicano estadunidense, então sua preocupação na obra aqui citada é como o fenômeno dos *blogs* está relacionado com a questão política interna dos Estados Unidos. Para ele, houve uma infestação (termo oriundo do meio militar) *blogueira* determinante para a derrota do candidato John Kerry nas eleições presidenciais de 2004. O autor se surpreende com a falta de coordenação dos ataques a Kerry e a inexistência de um eixo comum que os unificasse. Eles provinham de diversas fontes da blogosfera. Hewitt, ele próprio um blogueiro, viu os *blogs* como uma arma que fez pender a balança política das eleições eleitorais estadunidense. Aliás, a mesma interatividade política é constatada por Manuel Castells (2018) no movimento denominado “Primavera Árabe”.

Dessa forma, os *blogs* não serviriam como diários virtuais. Eles ampliam suas interações e influências para círculos inalcançáveis e não requisitados pela escrita íntima dos

diários. Alex Primo, professor de comunicação da UFRGS, defende que os *blogs* tratados como diários são uma simplificação de toda a potencialidade do instrumento de comunicação, como antes percebeu Hewitt.

> Uma parcela de *blogs* de fato baseia-se na escrita de percepções e reflexões sobre o cotidiano e os sentimentos do autor. Contudo, essa prática não se aplica a tantos outros *blogs*, que apresentam estilos e objetivos diversos. A principal distinção entre diários e *blogs* os opõe de maneira inconciliável. Diários pessoais se voltam para o intrapessoal, tem como destinatário o próprio autor. *Blogs*, por outro lado, visam o interpessoal, o grupal (PRIMO, 2008, p. 122).

Com base em uma reflexão de diversas dimensões de estudo sobre a heterogeneidade dos *blogs* usados por organizações educacionais, indivíduos e empresas, foram propostos quatro grandes grupos classificatórios: pessoal e profissional (*blogs* individuais); grupal e organizacional (coletivos).

Sendo o *YouTube* um processo contínuo de participação e não somente um novo meio de comunicação, renova-se o que antes era feito *blogs* com a linguagem audiovisual dos *vlogs.*

> O *vlog* (abreviação para 'videoblog') é uma forma predominante do vídeo "amador" no *YouTube*, tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com pouco mais que uma *webcam* e pouca habilidade em edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos racionais a arroubos exacerbados sobre o próprio *YouTube* e detalhes triviais da vida cotidiana (BURGUESS; GREEN, 2009, p. 192).

Os *vlogs* são produções caseiras. Muitos vlogueiros começam com câmeras comuns de uso amador. Com o aumento do número de *vlogs*, algumas empresas de máquinas fotográficas digitais criam aparelhos especializados em gravação de vídeo com excelência de imagem. As marcas *Canon* e *Nikon*, que disputam esse mercado, possuem diversos modelos para a produção semiprofissional e profissional de vídeos. Os modelos de entrada dessas marcas são os mais populares, a maioria por ter visor articulado que proporciona aos *vlogueiros* a visão de sua imagem enquanto gravam e são as preferidas pelos *vlogueiros*[16] para fazer seus vídeos.[17]

---

[16] Como já foi explicitado, *vlog* é uma contração de *videoblog*, e vlogueiro é um neologismo da língua portuguesa.

[17] As câmeras digitais da marca Canon são preferidas pelos usuários por ter motor de foco embutido e melhor qualidade para vídeos. Os modelos mais usados são as T3i, T4i T5i, T6i; no momento, está sendo lançada a T7i, que promete significativas inovações. Já a marca Nikon é bem menos usada que a Canon. Os modelos de entrada dessa marca são as D5200, D5300 e D5500, que possuem visor articulado e são usados por alguns vlogueiros. No momento, há *webcams* que possuem alta resolução; o maquinário vai evoluindo sempre, mas devemos ter em mente que há preocupação com a apresentação e utilização de máquinas para isso.

Nessa profissionalização também é possível perceber o investimento em microfones melhores, já que os das máquinas não são ideais, pois gravam o eco nos ambientes fechados. Daí o investimento num microfone direcional ou de lapela. Também é visível o investimento em luzes, como os *softboxes* fotográficos de estúdio, pois não permitem sombras e melhoram a qualidade visual dos vídeos. E não basta apenas um, mas dois, às vezes três. Claro, se possível, num local independente e relativamente isolado para suas gravações em sua casa ou apartamento. Tudo isso vem com o tempo e a vontade de investimento do *vlogueiro*, do retorno dos seguidores e da sua profissionalização. Contudo, nenhuma dessas inovações tecnológicas é imprescindível para iniciar a criação de *vlogs*.

Como vimos, o *YouTube* surge como um subproduto da segunda fase da geração de serviços da *internet*, caracterizada por potencializar principalmente a interatividade. A plataforma possibilita criar mais inter-relações entre os produtores de conteúdos e os *feedbacks* dos usuários/seguidores. Nesse sentido, outra ferramenta interativa importante de citar, do *site Google+*, é o *Hangout*.

> O *Google* + possui ainda outra poderosa ferramenta que viabiliza a interação entre os formandos: o *Google Hangout*. Este componente, para além de permitir a comunicação entre os formandos através de conversações em tempo real de forma simultânea, possibilita a partilha de ecrã e facilita o trabalho colaborativo no âmbito da formação. Tendo em conta as dinâmicas propostas no plano de cada módulo, estes aspetos permitiriam a realização de atividades praticamente como se estivessem em regime presencial. No entanto, esta ferramenta apresentou a primeira limitação da formação: o *Google Hangout* não permite a conversação com mais de 10 pessoas simultaneamente (MIRANDA, 2012, p. 2.817).

No entanto, nem sempre o aperfeiçoamento tecnológico disponível é assimilado pelo *YouTube*. A observação dos direitos autorais para acesso aos conteúdos protegidos e a circulação excessiva de vídeos com baixa qualidade e de curta duração (de dez a vinte minutos) impõem limitações à modernização da plataforma.

> Embora no começo de 2008 o *YouTube* tenha começado a anunciar a introdução de vídeos em alta resolução, até o momento a baixa qualidade dos vídeos do *YouTube* e seu limite imposto de minutos para cada *upload* o apresentam como tecnologia equivocada para a distribuição “ilegal” de conteúdo protegido (BURGESS; GREEN, 2009, p. 73).

Essas limitações e regras estão sendo vagarosamente alteradas. Houve avanço e já é possível fazer *upload* de vídeos *FullHD*. As câmeras com melhores recursos tecnológicos encontram-se com preços mais acessíveis para o produtor de conteúdo com menos recursos, proporcionando melhora da qualidade dos vídeos.

2.1.3 *Youtuber*: a profissão do momento?

Se todo *vlogueiro* é um *youtuber*, o contrário não se confirma. A diferença sutil entre um e outro é salientada no conteúdo divulgado. Centrado mais na exposição do internauta, com sua vida, conselhos, gostos e preferências, o *vlogueiro* distancia-se do *youtuber* concentrado em temáticas mais diversas e gerais.

> A diferença entre *vloguer* e *youtuber* é bastante simples: o *vloguer* é um internauta que faz vídeos de si próprio, falando sobre assuntos específicos, direcionados a um determinado público-alvo e, de forma geral, ganhando dinheiro com esses discursos com propagandas em seus vídeos postados no YouTube. [...] O *youtuber*, por seu turno, é uma pessoa que faz vídeos sobre assuntos os mais diversos, também ganhando dinheiro em cima deles através de propagandas. Ou seja, o vlogueiro, na verdade, é um *youtuber*, enquanto que um *youtuber* não precisa ser um vlogueiro necessariamente (TREVISAN, 2017, *online*).

A profissionalização não diferencia o *vlogueiro* do *youtuber*. O aspecto financeiro não está ausente tanto no *vlogueiro* quanto no *youtuber*. Ambos ganham dinheiro com propagandas veiculadas nos seus vídeos, diferenciados apenas pelos conteúdos veiculados.

A monetarização dos *vlogs*, com seus conteúdos de humor e manifestações pessoais, no entanto, ocorre antes do surgimento da plataforma do *YouTube*, em 2005. A lucratividade, neste caso, provinha do patrocínio de empresas em troca de propaganda nos seus *sites*. Com o surgimento dos canais do *YouTube*, a monetarização dos vídeos se tornou mais fácil. O criador não precisaria correr atrás de um anunciante nem ser descoberto por algum. O próprio *YouTube*, por meio de rendas oriundas dos anunciantes, pagava os formadores de opinião e de consumo jovem.

No *site Marketing Games* (NOVO, 2018, *online*), são esclarecidas curiosas regras antigas de monetização dos canais (Tabela 2).

Tabela 2. Planilha de pagamento do YouTube para canais (2018)

Formato do anúncio	Posicionamento	Plataforma	Especificações
Anúncios gráficos	Aparece à direita do vídeo em destaque e acima da lista de sugestões de vídeo. Para players maiores, esse anúncio pode ser exibido abaixo do player.	Computador	970 x 250 e 300 x 250
Anúncios de sobreposição (Anteriormente: anúncios em vídeo)	Anúncios de sobreposição semitransparentes que são exibidos nos 20% da parte inferior do seu vídeo.	Computador	480 x 70 (Flash) ou texto
Anúncios em vídeo ignoráveis (Anteriormente: anúncios in-stream TrueView)	Anúncios de vídeos ignoráveis permitem aos espectadores ignorar anúncios depois de cinco segundos, se quiserem. Inseridos antes, durante ou depois do vídeo principal.	Computador, dispositivos móveis, TV e consoles de jogos	É reproduzido no player de vídeo.
Anúncios em vídeo não ignoráveis e anúncios em vídeo longos e não ignoráveis (Anteriormente: anúncios in-stream não ignoráveis)	É necessário assistir a anúncios em vídeo não ignoráveis para que o vídeo seja exibido. Os anúncios em vídeo longos e não ignoráveis podem ter até 30 segundos de duração. Esses anúncios podem ser exibidos antes, durante ou depois do vídeo principal.	Computador e dispositivos móveis	É reproduzido no player de vídeo. Possuem 15 ou 20 segundos de duração, dependendo dos padrões regionais. Os anúncios longos e não ignoráveis podem ter até 30 segundos de duração.

Contudo, a partir de 6 de abril de 2017, o *YouTube* resolveu não monetizar vídeos com menos de 10 mil visualizações (GOGONI, 2017). A medida visa responder à insatisfação de anunciantes inconformados de ver suas marcas veiculadas em canais de cunho extremista (PORTAL G1, 2017). Tal resolução acabou por ser um desincentivo a pequenos *vlogueiros* e *youtubers* interessados e motivados com a perspectiva de uma renda extra ou mesmo uma renda específica para a subsistência. Uma consulta rápida ao *Google* mostra que alguns

criadores de conteúdo já vendem seus canais com anúncios na página do Mercado Livre. Canais com 10 mil, 62 mil ou mais de 100 mil inscritos estão à venda a preços módicos.[18]

A Figura 6 apresenta a fotografia de um *banner* divulgando um curso para *youtuber* na cidade de São Gonçalo, município que faz parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Ser *youtuber* virou um atrativo comercial. Além da visibilidade, há a promessa de rentabilidade. Não é a única oferta desse tipo de curso livre; podemos achar mais deles nas redes sociais. As ofertas de cursos livres demonstram como o apelo audiovisual da cibercultura rompeu a bolha virtual e se apresenta no mundo real.

Figura 3. Foto de um cartaz com a propaganda da "profissão do momento": ser *youtuber*[19]

A rapidez dos vídeos, próprios para consumidores *online* impacientes, os textos ágeis e a técnica profissional foram essenciais para o sucesso da marca. Com a fama no *YouTube*, há alguma remuneração e, para os *youtubers* mais famosos, não é pouca.

> Chegar aos 3,5% dos canais mais vistos do YouTube - o que significa atingir um mínimo de 1 milhão de visualizações por mês – rende apenas de US$ 12 mil a US$ 16 mil (entre R$ 42 mil e R$ 56 mil) de faturamento anual com anúncios, segundo o estudo de Mathias Bartl, professor da Universidade Offenburg de Ciências Aplicadas, da Alemanha. O levantamento feito por Bartl é um dos primeiros a examinar dados do YouTube atrás de indícios de como ele funciona para criadores de conteúdo (FRANKEL, 2018, *online*).

[18] Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2019/01/24/investidores-novo-negocio-canais-youtube/>. Acesso em: 05 set. 2020.
[19] Foto feita por mim no centro da cidade de São Gonçalo/RJ, na Rua Feliciano Sodré, em 12 jan. 2018.

Contudo, como especificado, isso é para 3,5% dos canais. Ganhar dinheiro no *YouTube* não é mais como antes. Segundo o estudo de Mathias Bartl, é cada vez mais difícil atingir o sucesso e boa remuneração. Como toda empresa, a visão de futuro é o lucro; então, apesar de um discurso idealista, o que move a plataforma é a possibilidade de lucro para o empreendedor. O *YouTube* remunerou, no princípio, canais menores; isso acabou incentivando seu crescimento.

> Bartl descobriu que está cada vez mais difícil chegar ao topo, uma vez que, a cada minuto, 300 novas horas de vídeo são enviadas aos servidores do *YouTube*. Além disso, as grandes estrelas têm cada vez mais sucesso. A média de visualizações por vídeo caiu para 89 em 2016, de 10.262 uma década antes (FRANKEL, 2018, *online*).

Apesar de toda propaganda de plataforma participativa, o *YouTube* ainda é uma empresa que visa ao lucro e as mudanças de monetarização são uma das estratégias da empresa para gerá-lo. Porém essas regras praticamente "faliram" certos canais pequenos. Essa falência ficou perceptível quando os canais menores começaram a pedir apoio financeiro dos seguidores e criar esquemas de financiamento coletivo, como *apoiase.com.* Os canais com mais inscritos não entraram com essas medidas paliativas.

> Agora, o *YouTube* está adotando medidas que tornam ainda mais difícil a vida dos criadores de menor sucesso. Recentemente, a empresa decidiu que os canais têm de ter atingido pelo menos mil inscritos e 4 mil horas de visualização nos 12 meses anteriores para começar a receber dinheiro de anúncios. Segundo o *YouTube*, a mudança visa a desestimular vídeos com conteúdo problemático ou ofensivo, e apenas "um número insignificante de canais" seria afetado por ela (FRANKEL, 2018, *online*).

A principal motivação do *YouTube* ao criar essa dificuldade é a baixa lucratividade. Ora, ao prejudicar os pequenos canais a megaempresa visou maximizar seu faturamento. Isso gerou descontentamento e até casos de violência contra o *Google*:

> O *YouTube*, lançado há quase dez anos, atrai mais de 1 bilhão de usuários por mês e até gera receita para o Google, mas ainda não se tornou um negócio lucrativo. [...]. De acordo com o *Wall Street Journal*, o *site* de vídeos gerou US$ 4 bilhões no ano passado, uma alta de mais de 30% em relação aos US$ 3 bilhões de 2013. O faturamento do *YouTube* representou, então, 6% da receita do *Google* em 2014, que foi de US$ 66 bilhões. Entretanto, descontados os custos, a conta final do portal é praticamente um zero a zero, segundo a publicação, que afirma que o resultado "reflete a dificuldade do *YouTube* de expandir seu público principal, formado por adolescentes e pré-adolescentes" (FOLHA, 2015).

Vemos no texto que, apesar de ter um bilhão de assinantes, o *YouTube* possuía, em 2015, dificuldades de gerar lucro para o grupo *Google*. Para resolver parte desse imbróglio financeiro, houve mudanças nas regras sobre o pagamento aos canais dos *youtubers*. Tais

medidas dificultam muito a vida financeira dos pequenos canais. Muitos *vlogueiros* e *youtubers* se sentiram desestimulados, outros recorreram ao financiamento coletivo *online*. Por mais participativo e colaborativo que seja o *site*, ele é uma empresa. Também percebemos que ser produtor de conteúdo para *site* havia se tornado um negócio lucrativo, que podia ser apenas complemento do orçamento de alguns ou a única renda de outros. Essa desmonetarização de vídeos gerou certa revolta, ainda pelo caso de violência grave que aconteceu devido à política do *site* (BBC, 2018).

Hoje com a pandemia da covid-19, o uso de conferências *online* mudou bastante. O *YouTube* não permite mais que pequenos canais com menos de mil seguidores façam conferências ao vivo. Outros instrumentos começaram a ficar populares, como o *Zoom*, que permite acesso a vários conferencistas. As universidades e escolas também aderiram a esses instrumentos de comunicação. Ora para dar aulas remotas, ora para reuniões *online*.

2.1.4 Ciberespaço e ciberativismo.

A potencialidade interacional da Web 2.0 transforma o próprio *lócus* das inter-relações. Denomina-se, então, com o diferencial de ciberespaço, com as características de acolher relacionamentos desterritorializados e identidades fluidas. O ciberespaço é um "não lugar" de entretenimento individual e coletivo. Nesse sentido, que o define por negação, mais pelo que não é do que pelo que venha a ser, é um lugar anárquico que, aos poucos, se assemelha com o mundo real (LÉVY, 2014, p. 33).

Sem centro e em fluxo constante, o ciberespaço não acolhe identidades previamente formadas em outros modos de encontro. Ele é visto como integrante dessas identidades que não existiriam fora da sua esfera de ação. Pierre Lévy (2014) reforça essa ideia ao defender a virtualização dos corpos, das mensagens e da própria economia. A linguagem virtualiza um tempo real, mantendo vivo o aqui e o agora.

Nesse sentido, é importante constatar que, em 2013, o celular já era um instrumento de transformação e divulgação de mensagens e informações. Claro que, na época, havia uma boataria ruidosa na *internet*, mas não é possível pensar as jornadas de 2013 sem o *smartphone*. Em 2014, o celular já era o principal meio para entrar na *web*.

> O celular para navegar na rede era usado em 80,4% das casas com acesso à internet, já o computador para esse fim estava em 76,6% desses domicílios e teve queda na comparação com 2013 (88,4%). A maior proporção desse uso foi registrada no Nordeste, com 92,5% dos domicílios com o celular como meio de acesso à internet (VILELA, 2016, *online*).

O *smartphone* deu capacidade de articulação e de denúncia; diversos vídeos eram lançados na rede (como exemplos, os grupos *Anonymous* e *Mídia Ninja*), de grupos vinculados às esquerdas e lutando por uma cultura anticapitalista. Essa luta muitas vezes tinha como alvo a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e as agências de bancos nacionais e internacionais.

Porém, que fique claro que há limites para a ação e a colaboração via *Twitter*, *Facebook*, *WhatsApp* ou *e-mails*. Diante de um olhar pessimista, como o do jornalista britânico Malcolm Gladwell (2010), é necessária uma reflexão sobre o porquê de as manifestações terem rapidamente começado e rapidamente terminado. A ameaça ao *status quo* e a violência podem ser uma explicação. Outra seria a falta de vínculos além desses instrumentos sociais de mídia. No caso do Irã, em 2009, o jornalista deixou claro que o governo dos EUA retirou o *Twitter* do ar com a desculpa de deixar nas mãos de uma rede social uma revolução social em seu país. Contudo, no caso do Brasil, é evidente que as redes sociais tiveram papel preponderante e deram evidência para as lutas sociais como voz para setores liberais e conservadores de nossa sociedade.

> O ativismo associado às redes sociais nada tem em comum com isso. As plataformas dessas redes são construídas em torno de vínculos fracos. O *Twitter* é uma forma de seguir (ou ser seguido por) pessoas que talvez nunca tenha encontrado cara a cara. O *Facebook* é uma ferramenta para administrar o seu elenco de conhecidos, para manter contato com pessoas das quais de outra forma você teria poucas notícias. É por isso que se pode ter mil "amigos" no *Facebook*, coisa impossível na vida real (GLADWELL, 2010, *online*).

Mesmo que os vínculos sejam fracos, como constata Gladwell, as ações fora do mundo virtual acontecem. E, mesmo que sejam transitórias e efêmeras, dão possibilidade para transformações futuras. O grande fruto das "Jornadas de Junho de 2013" foi o desgaste político de um ou de vários modelos político-econômicos. Nesse caso, podemos fazer um paralelo com o pensamento de Pierre Lévy, o qual defende que o virtual é uma potenciação da realidade, as atitudes no meio virtual se tornam mais extremas. Sobre isso, ele escreve:

> A virtualização pode ser definida como movimento inverso da atualização. Consiste em passagem do atual para o virtual, em uma "elevação à potência" da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado (LÉVY, 2014, p. 19-20).

A mudança dos espaços interacionais motivada pelas tecnologias comunicacionais também se faz sentir no conceito de sociedade em rede. O novo paradigma tecnológico acompanha-se de mudanças socioculturais responsáveis por novos laços relacionais.

> Nossa sociedade, a sociedade em rede, é construída em torno de redes pessoais e organizacionais movidas por redes digitais e comunicadas através da internet e de outras redes de computadores. Essa estrutura social específica historicamente resultou da interação entre o novo paradigma tecnológico, centrado nas tecnologias de informação e comunicação, e algumas outras mudanças socioculturais. Uma primeira dimensão dessas mudanças é a que passou a ser classificada como a ascensão da sociedade Eu-centrada, ou, nas minhas terminologias sociológicas, tomando emprestado Anthony Giddens, o processo de individuação, o declínio das formas tradicionais de comunidades entendidas em termos de espaço, trabalho, família e atribuição em geral. Esse não é o fim da comunidade nem o fim da interação com base local, mas há uma mudança no sentido da reconstrução das relações sociais, incluindo laços culturais e pessoais fortes que poderiam ser considerados uma forma de comunidade, fundada nos interesses, valores e projetos individuais (CASTELLS, 2015, p. 37).

A *internet*, por meio de aparelhos móveis, contribui no processo não só aumentando o poder de participação dos ativistas, mas também no próprio modelo de sua organização. Por fim, discutimos o papel da cibercultura e do ciberespaço como intermediadores de uma nova percepção do eu-real. Essas redes podem dar vazão a um ciberativismo no qual os corpos distantes encontram-se no espaço virtual. Tudo isso faz parte da herança histórica dos pioneiros da criação da *internet*, que segue atualizando o seu poder interacional com a fase da *Web* 2.0.

Um ciberativismo espontâneo, vibrante e indignado brotou das telas dos celulares. De acordo com Silveira (2010), podemos definir ciberativismo como

> um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na internet. O ciberativismo se confunde com a própria expansão da rede mundial de computadores. Ele influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet. É possível posicionar os diversos grupos e atividades do ciberativismo situados mais à esquerda ou mais à direita. Todavia, esse enquadramento tradicional, que orientou a divisão política das ações e ideologias no mundo industrial, encontra crescente dificuldade operacional diante de muitas ações na sociedade informacional (SILVEIRA, 2010, p. 31).

No seu livro *O poder da comunicação* (2015), o pensador espanhol Manuel Castells teoriza sobre a sociedade em rede e o novo paradigma tecnológico. Ele concebe esse novo paradigma não como um local de ampla liberdade, mas de confluências. A sua reflexão aplica-se aos fenômenos de expansão e influência das redes sociais, como se mostra, por exemplo, no processo político brasileiro, nas recentes “Jornadas de Junho de 2013”.

O clima de revolta no Brasil foi motivado por questões fiscais, impostos que pesavam muito sobre a classe média e a baixa qualidade dos serviços públicos. A experiência árabe e a

brasileira se assemelham com relação ao poder que tem uma sociedade em rede, como nos lembram aqueles eventos no Brasil, com manifestações que colocaram em dúvida os caminhos políticos. Os eventos recentes, logo no princípio, foram disputados tanto pela esquerda quanto pela incipiente direita brasileira. Afinal, o que aconteceu? Quais foram as propostas iniciais dos protagonistas e como, no desenrolar da ação, tais propostas mudaram de tom e viraram uma multiplicidade de reivindicações?

As "Jornadas de Junho de 2013", logo de início, foram controversas. No seu final, viraram alvo de disputas de memória[20]. Afinal, foram movimentos progressistas ou tiveram caráter conservador? Prontamente é possível afirmar que foram ambos, apesar de que, no final das manifestações, seu caráter conservador reivindicatório de melhorias dos serviços públicos quase foi abafado pela ação dos *black blocs*. O leitor, em sua memória recente, deve lembrar que as manifestações no governo Dilma aconteceram primeiramente em locais[21] dominados pelos adversários políticos do Governo Federal, mas tomaram vulto maior. Espalharam-se pelo país, afetando aliados e desafetos do governo de Brasília, dominado pelo PT (Partido dos Trabalhadores). A crise política se generalizou, jogando sementes para uma crise de popularidade que culminou no *impeachment* da presidente Dilma em 2016. Evidente que as jornadas não foram os únicos motivos para a crise petista, mas consideradas como o evento inicial para a derrocada final.

Elas também contribuem para elevar o tom dos debates sobre as cidades. Não se pode esquecer que o estopim dos eventos foram as reivindicações do movimento do passe livre para estudantes em São Paulo. Jovens ligados aos movimentos estudantis das universidades públicas e estudantes de Ensino Médio cobravam do prefeito e do governador do Estado que liberassem as catracas do ônibus para que os estudantes não pagassem e que os órgãos públicos arcassem com as despesas. Essas propostas reivindicatórias foram o ponto de partida para os eventos que modificaram o panorama político na nação.

Apesar da leitura de senso comum de que as grandes mídias financiadas sempre serão conservadoras não poder ser completamente descartada, é preciso entender que a dinâmica das jornadas foi influenciada pela *internet*, principalmente a móvel, muito utilizada em aparelhos celulares, por meio dos quais se tem acesso também às redes sociais. As "Jornadas de Junho" tiveram um aspecto muito ativo: milhares de pessoas se organizaram e motivaram protestos por meio de contas no *Facebook* e filmavam os acontecimentos com seus

[20] As disputas de memória começaram a aparecer nos comentários das redes sociais e nas publicações que quase imediatamente surgiram tentando explicar as Jornadas de Junho de 2013.

[21] Como São Paulo, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro (este, aliado do governo, mas já sofria distanciamento político).

smartphones. Os aparelhos com acesso à rede mundial tornaram-se uma arma de propaganda para os diversos segmentos envolvidos.

2.2. MÍDIAS SOCIAIS E NEOATEÍSMO

O ciberativismo político se confunde com a expansão da rede mundial de computadores, e o mesmo pode-se afirmar do ciberativismo neoateísta. A verificação dessa coincidência se mostra justamente com a influência das mídias sociais não só na divulgação de suas ideias como nas trajetórias de seus influenciadores digitais.

No quadro temático apresentado na Figura 4 é possível acompanhar cronologicamente os canais digitais sobre ateísmo em suas diversas mídias sociais. Mas antes, faremos um apanhado histórico e teórico das transformações das redes sociais e de como são importantes para entender o ateísmo *online*.

2.2.1. *Blogs* e ateus

Os *blogs* nasceram como uma narrativa "íntima", mas extrapolaram há muito tempo essa característica. Muitos trabalhos acadêmicos, no Brasil, parecem ter optado por analisar os fenômenos dos *blogs* na perspectiva de serem instrumentos pedagógicos e seu uso didático, mas o uso didático é somente a ponta do iceberg.

> A análise dos *blogs* estudados visa entender suas potencialidades como mecanismo de comunicação; entender o que faz um anônimo expor-se com tanta facilidade em seu espaço; levantar os motivos que unem determinados blogueiros em comunidades, algumas vezes não explicitamente definidas, mas que carregam características claras de rede social, como a solidariedade, a participação, a intenção de pertencer a um grupo e até mesmo a incluir blogueiros nas comunidades já existentes (PEREIRA, s/d, p. 516).

Os contextos dos *blogs* são diversos: jornalísticos, educacionais, empresariais etc. (PEREIRA, s/d, p. 516). Na dissertação de mestrado (SILVA, 2015), um dos trabalhos usados para compor o quadro teórico foi da pesquisadora e blogueira Desideria Cempaka Wijaya Murti.[22] Esta foi uma referência, pois discutia a presença ateísta dentro dos *blogs*, coisa que não foi percebida na blogosfera brasileira, já que a tendência aqui foi a criação de *sites*. Não

[22] O nome da disssertação é *The new atheist movement in the blogosphere: Burlesque and carnivalesque as rhetorical strategies in visual productions* (MURTI, 2013)

estamos dizendo que houve influência dos *blogs* brasileiros, a questão é a visibilidade. No entanto, tais *blogs* vão ser um espaço para que haja comunicação entre os pares.[23]

Há algumas versões para o surgimento do fenômeno *blog*;

> a principal versão é de que Jorn Barger - autor de um dos primeiros FAQ teria sido o primeiro usuário de um *blog* e que este era um espaço utilizado para descrever *sites* pessoais atualizados frequentemente com comentários e *links*. O *blog* de Barger, de aparência diferente dos atuais, mantém a mesma interface de quando foi criado e não poderia ter sido criado por quem não entendesse de linguagem (PEREIRA, s/d, p. 517).

A história dos *blogs* e seu papel na divulgação do movimento ateísta, especificamente no Brasil, são difíceis de ser dimensionados, pois as pesquisas ainda estão em andamento. Porém, a academia avançou muito na segunda década do século XXI.

2.2.2. *Vlogs* e ateus

Os *vlogs* são diários audiovisuais, mas tornaram-se em pouco tempo locais de experimentações e aproximações do eu midiático. A midiatização do eu mostra bem claro que o produtor de conteúdo é um indivíduo que precisa se sobressair em relação à massificação anônima. Em 2006, a revista *Time* trouxe uma publicação com uma capa espelhada onde se dizia que a personalidade do ano seria "você", como "também todos nós". Numa época de uma sociedade individualizada, o *vlog* reflete o momento atual (SIBILIA, 2016, p. 15).

Em 2017, o *YouTube* era a segunda plataforma mais acessada no Brasil (CORUJA, 2017, p. 46). Em 2020 ainda continua sendo a segunda preferência do brasileiro, perdendo apenas para o *Facebook*.[24] A jornalista Paula Coruja escreveu um artigo interessante sobre a questão como um gênero e discute a profissionalização do conteúdo gerado pelos usuários. Para a autora, há também uma diferenciação entre *vloggers* e *youtubers*; os primeiros são os que produzem *videoblog*, diários *online*, que não necessariamente estão somente no *YouTube*.

Já *youtubers*, ela define como produtores de conteúdo que se refletem em profissionalização, até contando com apoio da plataforma. Sua pesquisa vasculhou a produção dos *vloggers* e *youtubers* e a resposta acadêmica entre os anos de 2010 e 2015. Como pensamos, a plataforma configura um espaço de diálogo: "ponto importante sobre esse *site* de rede social é que ele é mais do que um lugar de entretenimento; configura-se como espaço de

[23] Alguns blogs ateus estão disponíveis em: <https://sites.google.com/site/vizenteoateu/blogs-ateus>. Acesso em: 06 out. 2020. Muitos *blogs* ateus do *link* se encontram desativados.
[24] Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 07 out. 2020.

diálogo – que, muitas vezes, começa pelo entretenimento" (CORUJA, 2017, p. 47). Esta tese não visa discutir muito a espetacularização midiática dos usuários ateus, mas demonstrar que há, sim, um sentimento de pertencimento entre os seguidores, e não de que os produtores de conteúdo não são apenas ídolos, mas também formam uma espécie de comunidade.

> Temos observado que a caixa de comentários de cada vídeo, e dentro de cada canal, tem funcionado como espaço de interação – e disputas – da audiência. Ainda que a plataforma tenha sido desenvolvida para fomentar a participação individual, a lógica de uso e apropriação que os usuários fazem subverte os usos propostos pelos criadores. Seja qual for o canal, nota-se que nele e a partir dele são estabelecidos coletivos de usuários que interagem e se articulam formando uma espécie de comunidade. Tanto é que, por conta desse tipo de agrupamento em torno dos canais e vídeos disponibilizados no *site*, os desenvolvedores do mesmo precisaram adaptá-lo e criaram, por exemplo, espaços específicos para que os novos usuários se integrem rapidamente (CORUJA, 2017, p. 48-49).

Claro que a autora observa que a lógica de comunidade está inserida nos interesses mercadológicos da empresa *Google*. Vale a pena notar neste trabalho que a percepção comunitária dos canais foi salientada por outro autor. Os vídeos ateus acabam sendo bolhas identitárias. Contudo, os seguidores são também consumidores, e a monetização dos canais segue adiante.

2.2.3. *Facebook* e o papel do neoateísmo

Mesmo o *YouTube* pertencendo ao *Google*, este e o *Facebook* mantêm uma relação intrínseca entre si. O *Youtube* influencia a rede social, pois é comum, nos debates, o usuário do *Facebook* usar um *link* de um vídeo para responder alguma indagação. O *YouTube*, como os *vlogs* e os *hangouts*, são importantes na participação interativa, visto que, frequentemente, seus vídeos são citados e incorporados ao *Facebook*. Este, portanto, também conta como responsável pela divulgação dos vídeos neoateístas. Contudo, diferentemente da dinâmica dos *feedbacks* do *Youtube*, os vídeos não geram tantos compartilhamentos e comentários. Se os debates se tornaram mais acalorados, imediatamente intensificaram-se os compartilhamentos dos vídeos. Entre os anos de 2011 e 2015, os debates arrefeceram na rede social de Zuckerberg. Nesse mesmo período, é perceptível o esfriamento e certo desinteresse dos *vlogueiros* em produzir conteúdo original para o *YouTube*.

No *Facebook*, o debate entre Ciência e Religião se mostrou um subfenômeno da onda neoateísta que afetou as redes sociais na segunda década do século XXI. Com o surgimento e a ampliação da plataforma *Facebook* houve interatividade maior. Muitos estiveram no

protagonismo de uma vanguarda de *youtubers*[25] que nasceu, criou público e perdeu força durante o tempo. Seriam produtos de uma sociedade de espetáculo ou de consumo imediato e fugaz.

2.2.4. *YouTube*, entre os pioneiros: ateus

Os debates *online* sobre problemas sociais e políticos geralmente são bem acalorados, com muita presença de *ciberbullying* ou ciberintimidação, como escrevem Burgess e Green (2009), o que se tornou uma preocupação constante de governos e da empresa *YouTube*, a ponto de cancelar canais (infratores ou politicamente de oposição) devido às denúncias. Diversos vídeos antigos foram feitos com muita ironia e depreciação dos adversários, isso por ambos os lados, crentes ou descrentes. Os riscos oferecidos pela plataforma eram percebidos desde o início do *site*, todavia o espaço virtual parece soltar as amarras éticas das pessoas.

Para Burgess e Green (2009), seria um comportamento normal em toda plataforma, e os medos que uma nova mídia pode causar sempre apareceram na história conforme surgiam inovações. Foi assim com o jornal, com a câmera portátil etc. Sempre que os meios de comunicação modernos se popularizaram, houve resistências moralizantes e medos infundados (BURGESS; GREEN, 2009, p. 41).

Essa diferença é tênue, já que a busca pela fama e por ter seus vídeos vistos, compartilhados e curtidos é a esperança de todo vlogueiro. Com isso, a monetização acontece e o veículo no qual transmitia suas ideias se torna um meio de renda. Vale ressaltar que nem todo vlogueiro terá "sucesso" e conseguirá um número expressivo de seguidores – a maioria desiste no meio do caminho. Outros, motivados por sua carga ideológica, continuam seu trabalho. Alguns, mesmo dispondo de canais pequenos, conseguem ser conhecidos por uma ampla maioria. Neste caso, cito os canais de catequistas e/ou de apologética cristã católica e evangélica.

No quadro a seguir, traçamos um esquema do avanço da cultura vlogueira no mundo, e mais especificamente no Brasil. No quadro, demonstramos que o avanço se faz também em relação aos temas sociopolíticos do momento que se enquadram no recorte temporal. A cultura vlogueira se preocupa com as temáticas atuais que geram discussão, opiniões e curtidas.

---

[25]Muitos dos *youtubers* mais famosos começaram como vlogueiros e depois passaram para uma profissionalização de seus trabalhos e monetização de vídeos. A interpretação é meio vaga já que nos primórdios do *YouTube* todos recebiam algum rendimento pelas visualizações. Entretanto, no momento, o *YouTube* só paga aos canais com mais de 100 mil inscritos.

1999	Surge a página da Sociedade da Terra Redonda, uma das primeiras sociedade brasileiras exclusivamente para a divulgação do ateísmo no Brasil.
2000	Aparece o primeiro Vlog, de Adam kontra (EUA).
2003	Surge o primeiro vlogueiro brasileiro: Thiago Fialho.
2005	Nasce o YouTube em fevereiro.
2006	Surgem os primeiros vlogs no YouTube.
2008	Lançamento de uma nova comunidade ateista: Associação de Ateus e Agnósticos do Brasil (ATEA). Criada em 31 de agosto de 2008 por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli.
2009	Surgem os primeiros vlogueiros de divulgadores da ciência com ênfase no ateísmo; Yuri Grecco sendo um dos pioneiros; Bematemática, Pirula, Antifé, Salatiel Júnior, Merlin das Trevas, Hugo Cagasso, Clarion de Laffalot entre outros.
2011	Surge a página do Facebook da ATEA. A página teve enorme sucesso devido a sua crítica às religiões, misturando humor, indignação e proselitismo. De 27 mil, início de 2012, para quase 700 mil, em 2017.
2011	Surgimento e crescimento de diversos canais amadores, entre outros assuntos, sobre ateísmo. Motivados principalmente pelo sucesso da ATEA. Grande fervor ateu. Também é época do surgimento dos primeiros youtubers marcando uma profissionalização dos vlogueiros e mudanças de temas.
2013	O deputado federal Marcos Feliciano assume a presidência da comissão de Direitos humanos, oposição cresce um ativismo virtual em defesa da laicidade.
2014	Há uma diminuição nas postagens de cunho no YouTube. Crise financeira para pequenos canais, pois o YouTube muda a forma de pagá-los.
2015	Esfriamento nas atividades ateísta e neoateístas nas redes sociais. Entretanto, vários continuam com novas formulas e roupagens.
2016	Luc Anderssen (pseudônimo) cria um canal próprio para tradução de vídeos com temática ateísta.
2017	Novas regras de monetização dos vídeos, contra o discurso de ódio.

Quadro 1 - Quadro esquemático sobre ateísmo e do surgimento dos *vlogs*[26]

Em 1999, surgiu o *blog* Sociedade da Terra Redonda – um dos primeiros *sites* ateus do Brasil; era mantido por Leandro da Silva Nunes Vieira. O *blog* já não existe mais. Mas de lá saíram alguns ativistas ateus, como o engenheiro Daniel Sottomaior, presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Sottomaior considera a inauguração do *site* o começo do ativismo ateu no nosso país.[27] Discutiremos mais sobre a ATEA nos parágrafos seguintes.

Em 2000, surgiu o primeiro *vlog* nos Estados Unidos, de Adam Kontra; no Brasil o primeiro *vlog* foi de Daniel Fialho. O *YouTube*, vale novamente ressaltar, nasceu em 2005,

[26] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_personalidades_do_YouTube> e em: <https://factoagencia.wordpress.com/2013/09/05/o-mundo-dos-vlogs/>. Acesso em: 01 jan. 2019.
[27] Na época, Sottomaior recebeu diversos apoios. Disponível em: <http://possivelextraordinario.wordpress.com/category/laicismo/page/2/>. Acesso em: 08 jul. 2014.

com proposta de compartilhamento de vídeos. O sucesso foi tanto que, no ano seguinte, a plataforma foi comprada pelo *Google*.

> Lançado em junho de 2005, o *YouTube* foi criado para facilitar o compartilhamento de vídeos na internet. Apresentado com uma plataforma simples, no início do funcionamento do *site*, os usuários podiam fazer *upload* de arquivos, assistir a vídeos em *streaming*, dentro das possibilidades técnicas da banda larga da época. Não havia limite para o número de vídeos de que os usuários poderiam fazer *upload* e ainda trazia funções básicas de comunidade importantes, tais como a possibilidade de se conectar a outros usuários como amigos, comentar e responder outros vídeos, além de gerar URL e códigos HTML que permitiam – e ainda permitem – que os vídeos pudessem ser facilmente incorporados em qualquer tipo de *site* (CORUJA, 2017, p. 48).

A ideia de compartilhamento e produção de vídeos alcançou um grupo de jovens com certo capital cultural oriundo muitas vezes dos cursos de graduação da academia brasileira. Graduandos e recém-formados viram na plataforma um local para a divulgação de suas ideias. Logo, os pioneiros da plataforma no Brasil surgiram – nomes como Yuri Grecco, Pirulla, Canal Antifé, Salatiel Junior, Clarion Laffalot, Bematematico etc.

Em 2008, começou a trajetória da página da ATEA no Facebook; em poucos anos tinha se tornado a maior *fanpage* de ateus da América Latina. Em 22 de outubro de 2018, dez anos depois, o *Facebook* despublicou a página porque feria os “Padrões da Comunidade”. A página tinha mais de 750 mil seguidores, mas tornou-se alvo de investigação do Ministério Público brasileiro por intolerância. Os vlogueiros brasileiros surgiram no ano de 2009; ainda são poucos, mas já com bastante influência.

Ao mesmo tempo que surgiram os primeiros vlogueiros antirreligiosos, surgiu também a resistência a eles. Aparecem os primeiros canais de apologética leiga, pois quem primeiro se posicionou contra são jovens que não eram propriamente pastores, seminaristas e padres. É uma resistência laica e um tanto improvisada, que também diminuiu conforme o movimento neoateu perdeu força.

O ano de 2010 consolidou a presença ateísta nas redes sociais; muitos estão preocupados em demonstrar e dar testemunho de sua incredulidade; é uma época em que a sociedade brasileira torna-se plural não somente na questão da religião e da irreligiosidade. Até a década de 80 do século passado, o cenário religioso era dominado pelo catolicismo. A partir de então, vemos decrescimento no número de católicos e crescimento das igrejas protestantes. Neste caso, pentecostais e neopentecostais. Mas também vemos aumento no número de não filiados às religiões cristãs. Os censos do IBGE demonstram essas transformações nos últimos 40 anos. A porcentagem de sem religião era de 8%, segundo o

Censo de 2011; isso representa que a sociedade brasileira tornou-se mais plural em ideias, com mais ideologias, diferenças socioeconômicas, questões religiosas etc.; no fim da segunda década do século XXI, a porcentagem de católicos caiu para 50% e de sem religião foi para 10%.[28] A parcela de ateus no Brasil subiu para 1%, o que significa que na última década houve mais transformações no cenário religioso brasileiro.

As questões políticas e as polêmicas que estão nas mídias tradicionais definem as pautas. Um acontecimento importante de 2013 e que gerou muita movimentação nas redes sociais foi o a indicação do deputado/pastor Marcos Feliciano para a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Houve diversos protestos de comunidade LGBT, de ativistas de direitos humanos, pois o órgão geralmente era comandado por deputados de esquerda política. Dessa vez ficou nas mãos de um político evangélico ligado a questões morais conservadoras. Com esse exemplo, procuramos qualificar que, além de gerar muita movimentação nas redes, o clima político afeta os *blogs* e *vlogs*, já que muitos destes se identificam com as esquerdas no Brasil.

A partir de 2014, os empresários do *Google* repensaram sua estratégia financeira no *YouTube*, em busca de melhores resultados financeiros. Pequenos canais deixaram de ser monetizados; o que acarretou uma sensível desmotivação para os pequenos canais e seus produtores. Em 2017, houve uma preocupação da empresa com o discurso de ódio dentro de sua plataforma. A questão é que não há regras claras sobre o que seria discurso de ódio. Racismo, homofobia, misoginia são problemas concretos, mas, dependendo do número de denúncias, qualquer discurso poderia ser enquadrado desse modo. Um exemplo brasileiro seria o canal do "Conde Loppeux", mantido pelo advogado paraense Leonardo Oliveira, que foi bloqueado por causa de seu linguajar impróprio e ofensivo; porém, mais adiante, conseguiu autorização para o seu retorno. A citação desse canal se explica por ter sido um dos mais longevos que combateram os vlogueiros ateus.

Em, 2019, apareceram as novas versões para transmissões ao vivo, visando grupos corporativos.[29] Em 2020, o *Google* liberou novamente o uso gratuito dos *hangouts* por causa da pandemia.[30]

---

[28] Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 08 out. 2020.

[29] Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/138142-google-hangouts-comeca-transicao-novas-versoes-outubro.htm>. Acesso em: 08 out. 2020.

[30] Disponível em: <https://ead.ucs.br/blog/o-que-e-hangout>. Acesso em: 08 out. 2020.

2.3. PESQUISA DO INSTITUTO *PEW RESEACH CENTER*

Os dados inseridos agora são baseados numa pesquisa internacional do *Pew Research Center*.[31] A pesquisa foi feita com público de idade igual ou maior que 18 anos em diversos países, incluindo o Brasil. Foi publicada no *site* da instituição no dia 10 de dezembro de 2020.

O instituto procura descobrir o grau de confiança da população em relação à ciência, principalmente sobre a biotecnologia. A publicação indica que os dados mostram que as pessoas tendem a ter certas ressalvas nas pesquisas com genes humanos. A pesquisa trata de vários temas, como ética em relação à clonagem e edição de genes, mas o instituto perguntou também sobre a evolução e sobre ciência e religião.

[31] Disponível em: <https://www.pewresearch.org/science/2020/12/10/biotechnology-research-viewed-with-caution-globally-but-most-support-gene-editing-for-babies-to-treat-disease/>. Acesso em: 24 dez. 2020.

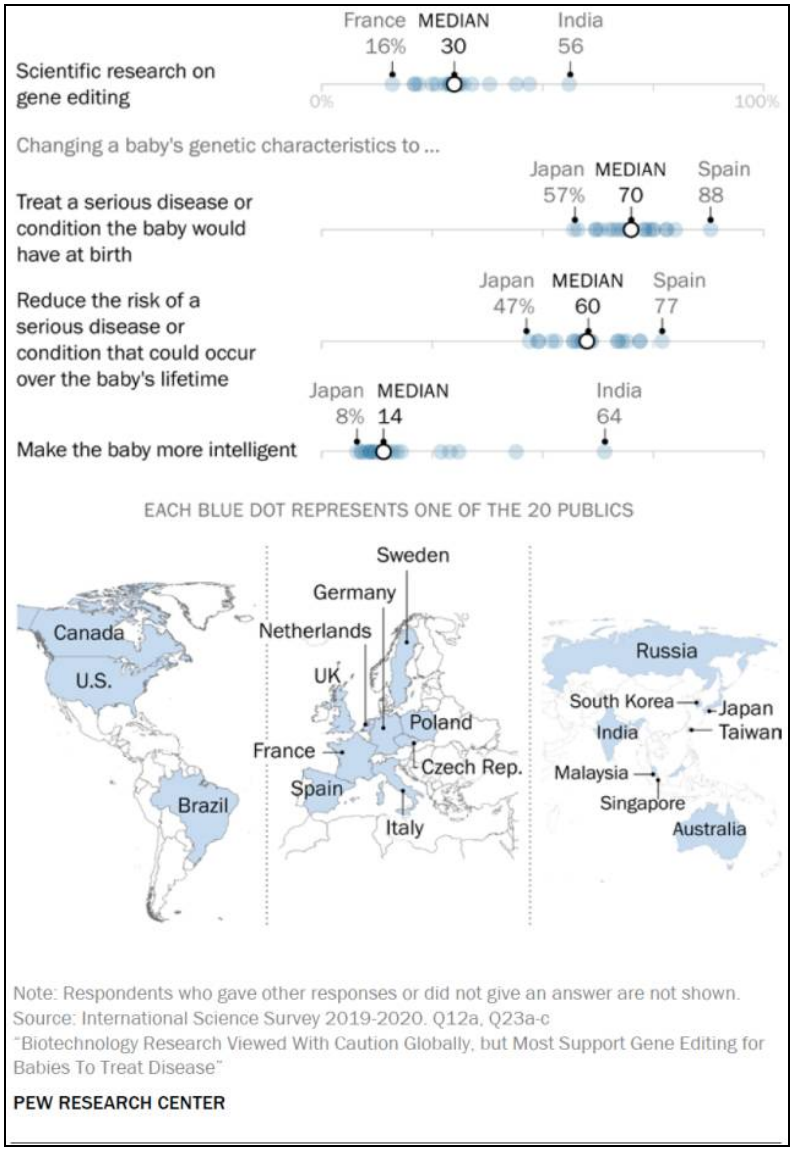


Figura 4. Grande preocupação com a pesquisa sobre edição de genes, mas a maior parte do apoio é pelo uso de bebês para tratar doenças[32]

Na Figura 4 estão os países pesquisados. Também foi descoberto, segundo os dados da pesquisa, que mais de 50% da população acreditam num conflito entre Ciência e Religião. No Brasil, a desconfiança e a crença no conflito sobem para 70%. Também o público se mostra cauteloso sobre a manipulação de genes. Foi constatado que os adultos mais jovens sem afiliação religiosa são mais entusiastas dos novos caminhos das Ciências Biológicas. Podemos ver na pesquisa desta tese que os adultos mais novos que ocupam seu tempo nos canais supracitados são entusiastas da Ciência. A pesquisa do "Pew Research Center" foi feita nos anos de 2019 e 2020.

[32] Tradução própria.

> Os resultados da pesquisa são baseados em entrevistas por telefone e face a face conduzidas sob a direção da Kantar Public UK, Kantar Public Korea, Langer Research Associates e Abt Associates. Os resultados são baseados em amostras nacionais, salvo indicação em contrário.

O desenho da amostragem foi o seguinte:

> As unidades primárias de amostragem (UPAs) são municípios estratificados por Unidade Federal. Sete UPAs (Manaus, Salvador, Fortaleza, Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo) são selecionadas com certeza devido ao tamanho; Brasília selecionou com certeza por ser a única unidade do estrato. O número de UPAs efetivas é 102. Nessas unidades, as UPAs são setores censitários. As famílias são selecionadas por meio de caminhada aleatória. Os indivíduos dentro das famílias são selecionados usando a randomização por computador com base em todas as pessoas com mais de 18 anos que vivem na casa. São feitas até três tentativas para completar a entrevista com o respondente selecionado.

Os resultados obtidos interessavam para delimitar a opinião dos entrevistados sobre a pesquisa de genes. Para esta tese, no entanto, o que nos interessa mais claramente é a relação do conflito entre Ciência e Religião. Vejamos, neste sentido, os dados da pesquisa:

> Há um debate de longa data sobre se ciência e religião são compatíveis uma com a outra [...]. Solicitados a relatar a frequência com que suas crenças religiosas pessoais entram em conflito com a ciência, uma média de apenas um em dez afirma que muitas vezes há conflito. Uma média de 31% entre os 20 públicos pesquisados afirmam que esse conflito ocorre pelo menos às vezes. A maioria desses públicos afirma que raramente ou nunca há conflito entre os dois. [...]
> Mas quando as pessoas pensam sobre a ideia ampla de se Ciência e Religião estão em conflito, parcelas maiores veem as duas como estando em conflito (média de 20 públicos, de 53%). Esse ponto de vista é particularmente comum entre pessoas que não se identificam com um grupo religioso.

Percebe-se que a ideia de conflito é muito mais aceita pelos que não têm filiação religiosa, porém não necessariamente são ateus, mas formados principalmente pelo que chamamos de sem religião.

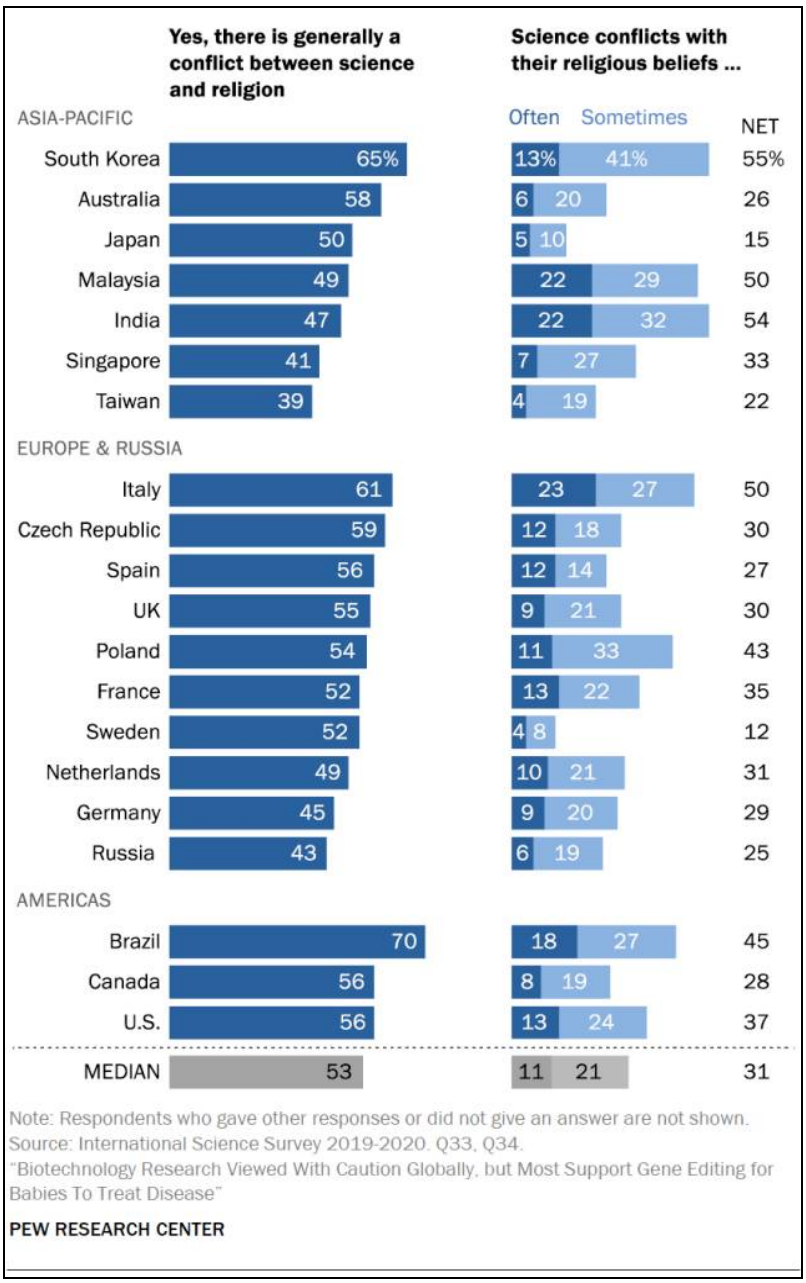


Figura 5. Metade ou a maioria dos públicos dizem que há conflito geral entre ciência e religião[33]

Como foi descrito, a ideia de conflito tornou-se um elemento da identidade dos grupos que se formam nas redes sociais. No *YouTube* percebemos a exaltação da Ciência em relação à Religião. Sem o conflito, a alteridade ateísta parece não se firmar. Então, temos nos produtores de conteúdo e nas respostas dos seguidores uma afirmação do conflito. A pesquisa global mostra que é um fenômeno mundial e não pode ser desprezado diante das altas porcentagens. O reflexo disso sobre a sociedade brasileira é que a crença do senso comum

[33] Tradução própria.

consolidou a tese de conflito. Na imagem a seguir está a porcentagem dos brasileiros que acreditam na tese de conflito: 70%. A possibilidade deste alto índice decorre da própria natureza da consolidação científica no Brasil. Desde que o positivismo brasileiro foi a filosofia do Exército e da República nascente, o conflito com a religião estabelecida tornou-se algo corrente no nosso imaginário.

Esta pesquisa dá um suporte para entender como como a tese de conflito é tão disseminada. Esta percepção não é exclusiva desta tese, mas se mostra uma preocupação mundial. Neste momento de crise sanitária global, as relações entre Ciência e Religião estão presentes em acirradas discussões de cunho extremamente política, pois num momento de pandemia gerada pela covid-19 a crença relativa à eficácia da ciência pode determinar a sobrevivência de milhões de indivíduos pelo planeta.

2.4. PESQUISA SOBRE JOVENS E O ENTENDIMENTO DA CIÊNCIA

Descrevemos no tópico anterior uma pesquisa feita por um instituto norte-americano e que comtemplou o Brasil. Agora vamos ver o resultado de outra, feita por um centro de pesquisa de excelência. “O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?” era a questão da pesquisa realizada em 2020 pelo “Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia” em “Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia” (INCT-CPCT). Foi publicada pela Editora da Fiocruz no início do ano de 2021. Como o título expressa, o tema é a percepção dos jovens brasileiros em relação à Ciência; o livro é uma contribuição para o debate. Aqui abordamos o tema específico da relação dos jovens com a ciência e a tecnologia a partir de um estudo – especificamente, para usar o termo técnico comum na literatura especializada, um *survey* – realizado com brasileiros entre 15 e 24 anos.[34] A pesquisa, inédita no país, dá sequência a um esforço de décadas para compreender atitudes e representações da população em geral sobre a ciência e a tecnologia (MASSARANI *et alii*, 2021, p. 12).

Foram entrevistados jovens daquela faixa etária, tendo em vista que estão ingressando no mercado de trabalho e que nasceram no momento em que a cultura *online* está consolidada no país. Com as metodologias usadas, chegou-se a diversos resultados, que são interessantes para esta tese. Um desses é, segundo os coordenadores: “No país do futebol, o interesse declarado pelos jovens em ciência e tecnologia é maior do que nos esportes – e comparável ao

[34] O s*urvey* é um método de pesquisa quantitativa. Esse método de pesquisa se forma pela coleta de informações e dados por meio das opiniões dos pesquisados através de um grupo representativo da população. Essa amostra apresenta um resultado, ou vários, que indicam uma ou algumas características da população. Disponível em: <https://www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/pesquisa-survey/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

interesse por religião" (MASSARANI *et alii*, 2021, p. 25). O interesse por ciência e religião é parecido no que toca a essa faixa de idade. Os meios pelos quais os jovens acessam informações sobre ciência e tecnologia são as redes sociais como *Google*, *YouTube*, *WhatsApp* e *Facebook*. Até aí nada de novo, que ainda não tenhamos percebido há algum tempo, mas a pesquisa consolida nossa percepção.

> Dos jovens entrevistados na etapa quantitativa, 67% declararam ter interesse ou muito interesse em ciência e tecnologia [...]. Em relação a meio ambiente e medicina e saúde – dois temas intimamente ligados à ciência –, as porcentagens sobem para 80% e 74%, respectivamente. Curiosamente, a parcela de jovens que manifestaram interesse ou muito interesse em religião e esportes, duas temáticas de grande apelo no Brasil, correspondem a 67% e 62%, respectivamente (MASSARANI *et alii*, 2021, p. 44).

Percebe-se que os jovens brasileiros têm interesses parecidos relativos à ciência e religião; talvez por isso o tema de conflito entre Ciência e Religião seja tão perceptível nas redes sociais, pois também é nessas redes que se encontra a maior parte de suas informações científicas. Os dados sobre o perfil do jovem que se interessa por ciência indicam que cresce conforme mais alta é a escolaridade, mas isso não indica que o nível de conhecimento científico seja alto. Entretanto, conforme foi perguntado que figuras de destaque do meio científico os pesquisados conhecem, entre os mais citados estão nomes históricos, como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Vital Brazil. Outros que aparecem são figuras que estão em destaque na mídia, como o astronauta e atual ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marcos Pontes. Também foi citado por 3% um *youtuber* como referência, Átila Iamarino, que recebeu muito destaque devido às suas projeções sobre a pandemia da covid-19 (MASSARANI *et alii*, 2021, p. 60). Sobre o conhecimento de alguma instituição no Brasil que faz pesquisa, os resultados foram baixos.

> Na *internet*, o *Google* desponta como meio mais utilizado para acessar conteúdos sobre ciência e tecnologia: seu uso foi apontado por 80% dos jovens. Em seguida, o *YouTube* aparece nas respostas de 73% dos entrevistados. Outras plataformas, como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *blogs*, *Twitter* e *podcasts* também apareceram na pesquisa (MASSARANI *et alii*, 2021, p. 74).

O *Google* e o *YouTube* são os principais canais de informação científica dos jovens, seguidos pelo *Facebook*, com 51%, e o *WhatsApp*, com 50%. Outras plataformas são mencionadas, porém, essas quatro são as principais. Note-se o peso do *YouTube* nessa formação científica popular.

No próximo capítulo, analisaremos as fontes propostas – os vídeos e os produtores de conteúdo. Também trabalharemos os comentários dos seguidores dos canais, além, claro, de uma análise das fontes e da importância da tese de conflito para identidade e alteridade.

3. O MOVIMENTO NEOATEU NO YOUTUBE: ANÁLISE DOS VÍDEOS

Neste capítulo são analisados os vídeos do *YouTube* sobre o neoateísmo com o propósito de traçar um panorama qualitativo. Postagens com esse conteúdo alcançaram seu auge entre os anos de 2010 e 2015, decaindo significativamente após esse período; observa-se que, inclusive, muitos deles não são mais atualizados. Inicialmente, esses vídeos são produzidos como *vlogs*. Dirigem-se, principalmente, para o público jovem oriundo do meio acadêmico das Ciências Exatas e Biológicas, predispostos a compartilhar as suas ideias.[35]

A desaceleração do fenômeno neoateu pode ser atribuída, entre outras causas, ao seu próprio esgotamento midiático. Os próprios vlogueiros diminuíram o interesse em produzir novos vídeos. No caso de alguns, observamos que o trajeto rumo à profissionalização, como o caso do Pirulla, inclui novos repertórios temáticos.

Constatamos não ser essa uma característica específica do cenário brasileiro. Em escala mundial, é perceptível o apelo da carreira profissional na transformação de vlogueiros em *youtubers*. Neste caso, o diário em vídeo torna-se um canal de entretenimento. Os canais que não aderiram a esse novo formato perderam o interesse dos inscritos.

Com o surgimento do *YouTube*, muitos ateus encontraram um espaço para expressar suas ideias. Na sua maioria, eles estavam fora das mídias tradicionais, não sendo divulgados, tampouco conhecidos do grande público. Mesmo assim, com um fenômeno excepcional, o vídeo ateísta *Science Saved My Soul*, do canal *Philhellenes*, alcançou popularidade. Foi produzido em 2010 e rapidamente se tornou um viral, espalhando-se como um *meme*.

Neste ponto, é interessante traçar um paralelo entre a acolhida significativa desse vídeo com a teoria *memética* de Richard Dawkins (2007). Segundo o cientista, analogamente aos genes que funcionam como replicadores biológicos, os *memes* seriam os responsáveis pela perpetuação de traços próprios da cultura. Dentre esses colaboradores, os vídeos comportam-se como *memes* na transmissão de repetições culturais.

A teoria *memética* de Dawkins tornou-se uma forte referência teórica para compreender a influência de vídeos, imagens, e personalidades das redes sociais no ambiente da cultura digital. Consideramos o vídeo ateísta um exemplo dessa transmissão *memética*, tendo sido traduzido, logo após o seu lançamento, para o português e imediatamente alcançando ampla repercussão no Brasil (FRANCO, 2014, p. 112).

[35] Cabe salientar que os próprios vlogueiros, em alguns casos, têm formação universitária nessas áreas do conhecimento acadêmico. Bi, por exemplo, é matemático; Pirulla, paleontólogo, e Eu Ateu é biólogo.

Considerando essas particularidades sobre as formas de criação e de divulgação dos vídeos, propusemo-nos a analisar também diferentes vídeos selecionados para entender o modo divulgação do neoateísmo nas redes sociais. Nada mais oportuno, neste caso, verificar o crescimento da influência dos *youtubers*, a ponto de a mídia tradicional os chamar de influenciadores digitais.

3.1. ANÁLISE DOS VÍDEOS E DOS COMENTÁRIOS

Como roteiro de investigação dos vídeos, seguiremos à análise documental com foco na análise temática. Esse método de análise de texto e imagem é aplicado nas pesquisas em Ciências Sociais empíricas. A sua culminância pode apresentar descrições numéricas de características selecionadas do *corpus* documental analisado. Mas a atenção prévia a quantificações pode ser deslocada para aspectos qualitativos, como tipos, qualidades e distinções destacadas nos documentos selecionados. Com essa finalidade, esse modelo de análise nos autoriza a reconstruir "indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades" (GASKEL; BAUER, 2013, p. 192).

O texto pode ser o meio de expressar a visão de mundo ou influenciar o seu público para aderir aos seus indicadores. Os procedimentos usados na análise documental reconstroem as representações veiculadas no texto de modo sintático ou semântico. Sintaticamente, destaca-se: o modo como é dito o texto. A "frequência de palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas" são "indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência" (GASKEL; BAUER, 2013, p. 193).

A análise dos vídeos, na perspectiva semântica, visa considerar o conteúdo e a expressão da mensagem (vídeo e postagens), "para evidenciar os indicadores que permitem inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem" (BARDIN, 2016, p. 46). Dentre as técnicas da análise de conteúdo selecionou-se, para esta pesquisa, a da análise categorial temática (BARDIN, 2016, p. 46). Com a análise temática, é possível destacar as unidades de sentido dos enunciados e compreender o seu significado em relação ao "objetivo analítico escolhido" (BARDIN, 2016, p. 105).

A extração temática aplicada nas análises dos vídeos sobre neoateísmo é considerada a partir da maneira como se apresenta a relação entre Ciência e Religião. Destaca-se, nesse

momento, a temática evidente nesses vídeos para em seguida considerar as reações das postagens ao tema selecionado.

A recorrência a essa técnica metodológica permite “produzir inferências de um texto focal para o seu contexto social” (GASKER; BAUER, 2013, p. 191). Sem almejar a verdade textual, a análise de conteúdo justifica-se como “categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (GASKER; BAUER, 2013, p. 191).

Em geral, duas etapas estão implícitas no ato de analisar: a decomposição para descrever e a interpretação, que relaciona os elementos resultantes da etapa anterior. Por se tratar de imagens, como no vídeo, no ato de decompor é necessário indicar os aspectos visuais e sonoros, a fim de destacar, além do conteúdo da mensagem, os seus aspectos formais.

Incluir esse exercício interpretativo no que se refere ao conteúdo significa amplificar a análise e evitar, assim, reduções esquemáticas. O mesmo cuidado analítico, cabe ressaltar, aplica-se ao conteúdo do vídeo com a manutenção dos dois procedimentos empregados: a decomposição seguida de interpretação (PENAFRIA, 2020).

A análise dos vídeos e dos comentários segue metodologia qualitativa em vista da problemática considerada nesta tese, ao indagar sobre como o neoateísmo é abordado na sociedade da informação, em particular no *YouTube*. Independentemente da quantidade de documentos analisados, investe-se nas questões subjetivas. Não há, portanto, preocupação de analisar dados sobre o número de *youtubers* e de seus seguidores num determinado recorte temporal.

A atenção recai sobre quem são os *youtubers*, de que modo eles se qualificam como referência e os recursos ativados no processo de interação com os seus seguidores. Os comentários também se prestam à análise, ao pontuar características sobre comportamento, atitude e maneiras de opinar.

Recorre-se, para responder a tais indagações, à análise documental dos vídeos e postagens a partir da elaboração de um roteiro prévio. Dividido em duas partes principais correspondentes à mensagem do *youtuber* e aos comentários da audiência, o roteiro se presta a considerar aspectos relevantes dessa interação.

Na primeira parte são incluídas as seguintes questões para orientar o resultado final apresentado como texto: 1. Qual o perfil de divulgação do *youtuber* ?; 2. Como a imagem do *youtuber* corresponde ao seu perfil de divulgação?; 3. Qual o destaque temático do *youtuber* na sua definição de neoateísmo?; 4. Que recursos visuais e argumentativos o *youtuber* emprega na sua mensagem ou como se articulam “a composição estética e a comunicacional?” (PENAFRIA, 2020, p. 7).

Na parte referente à recepção dos vídeos, consideram-se os comentários a partir da seguinte roteirização: 1. A participação dos comentários acontece por meio de comandos simples ou por meio de ferramentas discursivas (comentários e vídeos de respostas)?; 2. Nos comentários, observa-se a influência do tipo interação nas mudanças de opiniões?; 3. Como se dá a interação dos comentários sobre outros usuários? Atente-se para o fato de o roteiro referente à recepção considerar não só os comentários isolados, mas em interação com outros, de modo a perceber os efeitos decorrentes dessa prática comum nas atividades da *internet*.

Na seleção dos vídeos adotou-se, primeiramente, o critério do pioneirismo. Em sequência, qual vídeo manteve com o primeiro selecionado um diálogo interessado, e, por fim, seguem os vídeos com maior audiência articulados com os anteriores. Na seleção dos comentários, foram indicadas as vinte primeiras manifestações, sempre que foi possível obter com essa demarcação os resultados esperados no roteiro previamente organizado.

Período	2011-2020
Pesquisa	Doutorado
Descrição da amostragem	Amostragem qualitativa de vídeos/*vlogs* que fazem apologia à ciência e que foram importantes para formação de uma identidade do conflito entre Ciência e Religião nas redes sociais. Neste caso, o YouTube pensado como local de identidade e conflito.
Modo	Análise de vídeos e de *feedbacks*.
Tamanho da amostra	7 vídeos e principais comentários dos canais.
Variáveis de ponderação	Produção de conteúdo claramente antirreligioso, respostas que delimitam o conflito e identidade.
Fonte principal de consulta	*YouTube*

Quadro 2. Esquema das análises

Com o método adotado, espera-se compreender as características próprias do neoateísmo na rede. Comparam-se, portanto, as suas definições teóricas construídas no ambiente universitário e divulgadas no circuito acadêmico com as que se configuram no

circuito digital. Indaga-se, por fim, como o radicalismo teórico neoateu, comprometido no combate à religião e em sua substituição pela ciência também no campo moral, é recepcionado pela cibercultura. O primeiro vídeo selecionado para a análise é a tradução brasileira do *Science saved my soul.*[36]

3.1.1. *A ciência salvou minha alma*: análise do vídeo sobre neoateísmo

Figura 6. Vídeo *A ciência salvou a minha alma*[37]

A escolha do vídeo *A ciência salvou minha alma* não é aleatória. Este vídeo teve impacto determinante na divulgação do fenômeno neoateísmo, o que se comprova com o fato de seu original em inglês possuir mais de um milhão de visualizações, além de ter sido imediatamente traduzido para o português[38]. O vídeo, postado em 1º de novembro de 2010, alcançou, em 27 de janeiro de 2020, 69.098 visualizações. O canal pertence a uma pessoa que usa o pseudônimo "D-Dimensões" e conta com 7,85 mil inscritos. Porém o número de visualizações do vídeo ultrapassa o número de inscritos do canal.

---

[36] O quadro de análise privilegiou homens, brancos, heterossexuais, jovens a maioria com curso superior. Não que houvesse casos diferentes, mas a maioria dos *youtubers* pesquisados era desse perfil. Um caso de personalidade diferencial dos casos e a vlogueira/*youtuber* Julia Joli que fez alguns vídeos sobre neoateísmo que tiveram boa aceitação entre os jovens ateus. Joli vive nos Estados Unidos há vários anos. O canal passa por vários intervalos, muitos dos quais motivados por problemas médicos particulares, como a depressão.

[37] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6w2M50_Xdk>. Acesso em: 24 jan. 2020.

[38] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6w2M50_Xdk>. Acesso em 24 jan. 2020.

Situando o seu conteúdo a partir de um recorte temático, percebe-se a frequente vinculação entre indagações existenciais e a ciência. O trecho selecionado a seguir, traduzido do vídeo[39], é revelador dessa combinação.

> Há três anos atrás eu estava em um observatório[40], bem distante da cidade mais próxima e à noite, geralmente, tudo ao redor ficava completamente escuro. Era proibido fumar do lado de dentro, então à uma da manhã eu saí para fumar um cigarro. Depois de alguns minutos parado na escuridão, eu pude perceber que conseguia enxergar claramente minha mão; algo que eu não conseguiria fazer nas noites anteriores. Então eu olhei para cima esperando ver o brilho da lua cheia, mas a lua não estava à vista. Ao invés, havia uma longa e brilhante nuvem bem acima de mim. Os romanos a chamavam de "a via galáctica" (a estrada de leite), hoje a chamamos de Via Láctea. Para aqueles que perderam essa aula na escola, os fatos básicos são esses:
>
> - Lembre-se que um ano-luz equivale a 9,5 trilhões de quilômetros;
> - A nossa galáxia tem um diâmetro de aproximadamente 100 mil anos-luz;
> - O nosso Sol está localizado na extremidade de um dos braços espirais, a cerca de 26 mil anos-luz do núcleo da galáxia;
> - São necessários de 200 a 250 milhões de anos para o sol completar uma órbita em volta do núcleo;
> - Ao redor da galáxia, acima e abaixo do disco, numa auréola circular, existem aproximadamente 200 aglomerados globulares, que podem conter até um milhão de estrelas cada;
> - A via láctea contém 200 bilhões de estrelas, aproximadamente.
>
> Esses números são essenciais para compreender o que é uma galáxia. Mas, quando a contemplamos, uma parte da mente humana protesta que não pode ser assim. Mas uma investigação das evidências nos leva à conclusão de que é assim. E se você chegar a essa conclusão quando olhar para cima numa noite escura e limpa, você pode ver algo que irá mudar sua vida. É assim que uma galáxia se parece vista de dentro, dos subúrbios do nosso Sol. Através de um binóculo, para cada estrela que se consegue enxergar a olho nu, você verá mais 100 ao redor dela; todas suspensas através de uma névoa azul acinzentada. Se você olhar através de um telescópio barato e esperar que seus olhos se ajustem à escuridão e consigam se focalizar, você vai ver que essa névoa realmente é... MAIS ESTRELAS. Como poeira se estendendo até onde se parece ser O INFINITO. Mas você tem que ter o conhecimento, enxergar é só a metade. Naquela noite, há 3 anos atrás, eu sabia um pouco das coisas que estavam lá fora. O tipo, a escala e a idade das coisas, a violência e a destruição, a energia pulsante, a gravidade inexorável e o desespero da distância. Mas eu me senti seguro, pois sabia que meu mundo está protegido pela mesma distância que os outros temem. É como se o universo estivesse gritando na sua cara: "VOCÊ SABE QUEM EU SOU? QUÃO GRANDE EU SOU? QUÃO VELHO EU SOU? VOCÊ PODE SEQUER COMPREENDER O QUE EU SOU? O QUE É VOCÊ COMPARADO A MIM?". Mas quando você aprende ciência você pode sorrir para o universo e responder: "Cara! Eu SOU você!".

[39] Opto por esse texto por ser mais fiel ao texto original em inglês. Disponível em: <http://blog.leleleu.com/2011/01/ciencia-salvou-minha-alma.html>. Acesso em 24 jan. 2020.

[40] Nos vídeos é traduzido por caravana.

Com a análise da dimensão temática, o tema do deslumbramento diante da grandiosidade do universo sob a perspectiva de um ser humano isolado mostra a ideia central do texto. Pode-se perceber que a visão do autor é completamente mística. Diferentemente do cristianismo dos ascetas e místicos medievais, o impacto do infinito não vem da descoberta da grandiosidade de um Deus pessoal e exterior à natureza. O fenômeno de deslumbramento e magnificação confirma-se sem a visão religiosa adotando o ponto de vista do ateu. O tom místico da experiência funda-se sobre a natureza, cuja descoberta a ciência proporciona em associação com o domínio técnico.

Na continuidade do vídeo, a palavra *eu* aparece 41 vezes, em oposição a Deus ou deus, que aparece nove vezes, e deuses, que aparece em três ocasiões. O indivíduo se mostra centrado em si, rejeitando a experiência de uma crença teísta para entender sua dimensão no universo. Os dados astrofísicos são reforços para qualificar sua narrativa. Tais dados dão ao texto autoridade científica e são a base de seu deslumbramento "místico". Admite-se que, portanto, sem o prévio conhecimento adquirido, não se alcançaria o momento vislumbrado.

> Os meus olhos viram apenas pequenos pontos de luz, mas a minha mente enxergou muito mais. Eu vi as explosões de radiação gama das estrelas gigantes serem convertidas em energia pura pelas suas próprias massas. Vi também *flashes* de luz que brilharam do outro lado do universo muito antes de a Terra ter se formado. Eu vejo o brilho invisível das micro-ondas da radiação de fundo, deixado pelo *big bang*. Eu vejo estrelas vagando erroneamente a centenas de quilômetros por segundo e o espaço-tempo se curvando em volta delas. Eu consigo até mesmo ver milhões de anos no futuro. *Aquele brilho azul irá explodir um dia, aniquilando todos os sistemas solares próximos, em um apocalipse que, em uma comparação, faria a fúria dos deuses humanos parecer algo patético*. Mas foi a partir de uma destruição dessas que eu fui formado. Estrelas morreram para que eu pudesse viver. Eu sou um produto de uma SUPERNOVA... E você também! [grifo nosso]

A partir desse momento, percebe-se no vídeo, na sequência temática da diminuição da divindade frente aos deslumbres científicos, como apresenta a frase grifada na citação acima, questionamentos do autor sobre os deuses. Ele acusa as religiões de serem mágicas responsáveis por explicações inadequadas ao novo século coroado pela ciência.

> Na luz desses fatos indiscutíveis, dessa verdade parcial e reveladora, qual o espaço que há no século 21 e além para as alegações mágicas das religiões organizadas? As primeiras religiões eram, por qualquer definição, primitivas. Por motivo de limitação de população, comunicação e regiões geográficas, elas nunca haviam crescido para nada além de uma preocupação local. Mas as religiões sofreram mutação através dos tempos e se tornaram mais sofisticadas, como que a cada geração os homens sagrados aprendessem o que funcionava ou não, o que deixava as pessoas obedientes e o que causava revolta. De quais ideias as pessoas podem facilmente evadir e quais iriam assombrá-las até o ponto em que elas teriam de rezar para conter o medo

> crescente. Quando a população cresceu devido ao desenvolvimento lento, porém certo, do conhecimento, como se estivessem numa guerra, as religiões entraram numa corrida armamentista entre si. Dos deuses do vento, do trovão e do mar, as ameaças e as escalas de poder dos deuses cresceram a níveis supremos, a ponto de que toda religião organizada possuía um deus que era onipotente, onibenevolente, onisciente, e palavras como "infinito" e "eternidade" eram usadas sem escrúpulos, enquanto todas as outras palavras são abertas ao abuso até que signifiquem exatamente o que as religiões querem que elas signifiquem.

Para o autor, a religião só se tornou possível devido à ignorância primitiva do homem. É possível adiantar que esta será uma temática recorrente no discurso dos vídeos neoateus: a religião beira incontestavelmente a ignorância. A crença religiosa nasceu do medo, e sem o controle desse sentimento não poderia se sustentar.

> Naquela noite sobre a Via Láctea, eu que tive a experiência não posso chamá-la de uma experiência religiosa, porque eu sabia que ela não foi religiosa em nenhum sentido. Eu estava pensando sobre fatos e física, tentando visualizar o que realmente eu estava vendo e não o que eu gostaria que fosse. Não existe uma palavra que exprima esse sentimento provindo dessa revelação científica e não mística. O motivo disso é que, toda vez que alguém sofre esse deslumbre, a religião a rouba simplesmente dizendo: "Ah! Você teve uma experiência religiosa". E os espiritualistas vão dizer a mesma MERDA! E eles sempre ficam enfurecidos quando uma ateísta como eu diz que só pode ter essas experiências depois de ter rejeitado qualquer coisa sobrenatural. Mas eu admito que, depois dessas experiências, quando a realidade me atinge como um bilhete premiado de loteria, eu frequentemente penso sobre religião… E o quão sortudo eu sou por não ser religioso.
> Você quer aprender algo sobre deus? Ok…

A rejeição da ideia de que houve um fenômeno religioso em sua experiência sensorial é outro ponto a ser observado. A rejeição ao sobrenatural é uma defesa dos neoateus contra qualquer experiência metafísica. Contudo, não é aleatória a percepção que o autor tem da realidade, considerando-a não acessível a todos.

> Talvez você precise se afastar da mesquita, da igreja. Se afastar dos padres, dos imãs, dos livros, para ter qualquer chance de encontrar deus. Esprema uma fração ínfima de uma galáxia em sua mente e então você terá uma ideia melhor do que está procurando. Quando você compreende, mesmo que parcialmente, a escala de uma única galáxia, você tem a impressão de desaparecer. E quando você se lembra das outras galáxias, você encolhe novamente centenas de bilhões de vezes e então você se lembra do que você é. Os mesmos fatos que dizem o quão insignificante você é também explicam como você chegou até aqui. É como se você se tornasse mais real ou talvez o universo se tornasse mais real. Repentinamente você se encaixa, você pertence, você não precisa se ajoelhar, você não precisa temer. Nesses momentos, a única coisa que você tem que fazer é continuar respirando.

Uma das concepções recorrentes dos vídeos ateus é que a religião nasce do medo e que ensiná-la às crianças é um erro, pois induz a criança a temer o mundo.

> A matéria que o constitui desde que você nasceu é tão velha quanto o cosmos; a forma pode ser nova e única, mas os materiais já têm 13,7 bilhões de anos de idade. Processados pela fusão nuclear em estrelas, moldados pelo eletromagnetismo... palavras frias para processos tão impressionantes. E esse bebê, era você... É você! Você é impressionante; não só está vivo, mas também tem uma mente. Qual tolo trocaria isso por qualquer bilhete premiado que já existiu? Quando eu comparo o que o conhecimento científico fez comigo com o que a religião tentou fazer... Às vezes eu sinto calafrios. A religião diz às crianças que elas podem ir para o inferno e que elas têm de acreditar, enquanto a ciência diz que elas vieram das estrelas e apresenta motivos nos quais elas podem acreditar. Eu já contei a diversas crianças sobre estrelas, átomos, galáxias e o *big bang* e eu NUNCA vi o medo em seus olhos, apenas o encanto e a curiosidade. Elas querem mais! Por que as crianças nadam enquanto os adultos se afogam? O que aconteceu com a realidade entre a infância e a idade adulta? Será que alguém prometeu algo que é tão lindo que o nosso universo parece estúpido e vazio... e até assustador em comparação? Isso tudo ainda pode ter sido feito por algum criador, mas a religião fez parecer que é algo desagradável. A religião define tudo que não a si própria como algo profano e pecaminoso, enquanto embeleza e dignifica suas mentiras e erros como um porco que veste a melhor das roupas. Em seu esforço de tentar nos impedir de enxergar a realidade, a religião se tornou a realidade que não podemos encarar. Veja o que a religião já nos obrigou e nos obriga a fazer... com nós mesmos e para os outros. A religião roubou nosso amor e lealdade e a deu para um livro, para um pai telepático que diz às suas crianças que o amor significa se curvar diante dele. Eu não sou pai, mas posso dizer que essas crianças vão crescer perturbadas. Não pode ser saudável para uma criança ou para uma… espécie.

A concepção veiculada é a de uma religião aos moldes ocidentais cristãos. O deus cristão exige obediência e amor cego de seus fiéis. Numa inversão de papéis, a salvação desse domínio pelo medo só é alcançada pela conversão à ciência.

> Foi-nos dito há muito tempo que só havia a Terra, que éramos o centro do universo. Isso se mostrou uma mentira. Nós ainda não conseguimos nos ajustar a isso... ainda estamos em choque. O universo não é o que nós esperávamos que fosse, não é o que eles nos disseram que seria. Esse entendimento cósmico é novo para nós, mas não há nada a temer. Nós ainda somos especiais, ainda somos privilegiados... Pode haver um paraíso, mas ele não será perfeito e nós mesmos é que teremos que construí-lo. Se eu tenho algo que pode ser chamado de alma que precisa ser salva... então a ciência a salvou da religião.

Concluída a análise do vídeo, constatamos como principais eixos temáticos a superação da crença religiosa e seu estágio primitivo e mágico pelos conhecimentos científicos, capazes de oferecer o esteio necessário para o deslumbramento diante da imensidão do universo.

Com base na conclusão dessa etapa, partiremos para a análise documental dos comentários postados, priorizando os indicados entre os vinte mais recentes. Essa seleção é considerada suficiente para dar conta das principais características dos participantes em

reação aos temas analisados no vídeo *A ciência salvou a minha vida*. Com a análise, procuramos compreender as reações ao movimento neoateu nas redes, considerando principalmente a relação entre Ciência e Religião.

Os comentários indicam um *maravilhamento* sobre o vídeo como se o que foi dito fosse uma chave para a abertura de suas ideias. O seguidor Ricardo Tristão expressou há nove anos esse sentimento de forma emotiva, descrevendo-o em caixa alta: "MARAVILHOSO". Outro seguidor, Diogo Gomes Channel, também há nove anos, disse: "UAU que incrível! Muito lindo mesmo!" O uso da caixa alta e da expressão gráfica indica o envolvimento emocional com o vídeo. O professor de Física André Vieira, dono do canal *D-Dimensões*, expressa para os seguidores, em respostas aos comentários, que a religião é uma maneira de entender o mundo, mas uma maneira errada.[41] Concluímos que a principal reação ao vídeo é de certo deslumbramento ateu, com muitas respostas sinalizando uma certa descoberta interior despertada como efeito direto do vídeo.

As postagens no *YouTube* configuram esse domínio como um local de encontro para um grupo disperso geograficamente. O canal torna-se um território de compartilhamento e de reunião. Todos os comentaristas dão a impressão de que suas ideias antes não eram ouvidas e que o vídeo demonstra exatamente o que eles pensam. O virtual torna-se um local de sociabilidade e de expressão, como uma extensão do nosso mundo real e vice-versa (LÉVY, 1996). Portanto, é comum nos movimentos ateu e neoateu o receio de a manifestação de suas posições migrar do mundo real para o virtual e do virtual para o real.

O vídeo *A Ciência Salvou a minha alma* possui 353 comentários dos seguidores, com 69.140 visualizações. Como comentário temos o exemplo de Diego de Freitas Ferreira, feito há sete anos, quando escreve: "Eu não canso de ver!!! Queria que toda a minha família e amigos pudessem compreender o quão belo é esse vídeo...". Em outro comentário, feito há nove anos, percebemos o uso de pseudônimo por um dos seguidores, *Ambient Zero*:

> @ddimensoes (*resposta ao autor*), concordo totalmente com o vídeo, porém eu não tive tanta sorte, pois, eu vim de uma família cristã... maldita religião, nem me lembro quando foi a primeira vez q contaram essa mentira pra mim, mas a verdade me libertou... a verdade da ciência.

O dono do canal, com o pseudônimo @ddimensoes, interagiu muito com os seguidores. Não raro também é possível observar interações com teístas cristãos nos

[41] O canal D-Dimensões é um canal de divulgação científica. Alguns vídeos falam sobre criacionismo. O principal autor é Daniel Vieira Lopes, professor doutor em Física. Segundo ele, as imagens, vídeos e músicas que não sejam de autoria própria são utilizados para fins educativos, não comerciais. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ddimensoes/about>. Acesso em: 5 nov. 2020.

comentários do vídeo. Comprovamos ainda a presença de cristãos questionando os posicionamentos do dono da página, dos inscritos e do vídeo, como é o caso de Daniel SM:

> @arabelloo (*resposta a um seguidor*), primeiro, por não se contradizer em momento algum (estou me referindo à Bíblia evangélica), e caso não concorde com isso, faça uma pesquisa detalhada, profunda, e você verá que é verdade! Segundo, por ser válida até os dias de hoje, e em todos os possíveis contextos. Terceiro, por ter sido escrita por várias pessoas, por mais de mil anos, e ainda assim se "encaixar" perfeitamente. Bom, sobre a força tendenciosa, entendo o que quer dizer, e acho que Deus na verdade TEM essa força.

Entre os teístas destacam-se dois grupos. O primeiro é composto pelos que se manifestam contra as ideias dos canais. Não é raro, nos comentários, verificar discussões acaloradas. Muitos comentários que discordam da percepção negativa da religião geralmente são de teístas cristãos. A maioria desses comentários não tem *feedback*, demonstrando uma estratégia de desinteresse e isolamento por parte dos ateus.

O segundo grupo, comparativamente menor que o primeiro, reúne os que apoiam as ideias dos canais. Observamos nos comentários próprios dessa categoria o inesperado apoio dos teístas às ideias ateias.

Em seguida, iniciamos as análises de outros vídeos; nesse caso com perfis mais autorais. A implementação do método com a técnica da análise documental segue por meio do questionário proposto aplicado ao segundo vídeo selecionado, o do *youtuber* Pirulla.

3.1.2. Doutor Pirulla: ateu, acadêmico e *youtuber*

Pirulla, cujo nome é Paulo Miranda Nascimento, é paleontólogo. Formou-se em Biologia na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003) e é mestre (2008) e doutor (2014) em Zoologia pela Universidade de São Paulo. Sua notoriedade, porém, não resulta apenas dessa formação acadêmica, mas principalmente da sua militância ateísta no *YouTube*. Podemos dizer que sua trajetória é paradigmática para esse movimento. O início da sua militância ateísta é com um *vlog*. Logo, ele se torna um *youtuber* profissional, convidado para palestras e *shows* que misturam humor e conhecimento científico.

O *YouTube* é um meio de conseguir fama, visibilidade e, quem sabe, fortuna em alguns casos. Todavia, poucos conseguem superar as bolhas identitárias. O rompimento dessa bolha também serve para marcar a profissionalização de alguns *youtubers* em relação aos vlogueiros. Com o crescimento e a popularidade, os temas tornam-se mais abrangentes e de fácil entendimento para um público mais amplo, mas não parece ser o caso de muitos vlogueiros ateus, visto que muitos deles deixaram de produzir conteúdo.

Figura 7. Pirulla em seu quarto/estúdio[42]

Pirulla não se contenta em divulgar e discutir questões da sua própria área de especialidade. Procura variar seus temas, desde polêmicas do momento até assuntos históricos e políticos. Paulo Miranda, dessa maneira, conseguiu romper a bolha identitária inicial e atrair um público diversificado, mesmo se afirmando ateu e já tendo gravado vídeos sobre o ateísmo. Com habilidade para lidar com temas polêmicos, em várias produções o autor emite desculpas sobre os seus posicionamentos, pensando talvez em cativar a sua audiência.

O primeiro vídeo de Pirulla no *YouTube* sobre o papel da religião segue a perspectiva naturalista e evolutiva. Defende, na sua apresentação, a religião como um fenômeno natural afeito ao processo evolutivo.

3.1.2.1. Análise do vídeo *Ateísmo – origem do pensamento religioso*

[42] A foto foi retirada de um *site* no momento em que Pirulla conversa sobre religião em vídeo. Aliás, o primeiro vídeo do *youtuber* foi sobre religião e seu sentido para a Arqueologia. Disponível em: <https://slonik.com.br/pirulla-sobre-religiao-e-falta-dela/>. Acesso em: 24 abr. 2018.

Figura 8. A primeira aparição de Pirulla no YouTube

O vídeo do Pirulla (Figura 8) tem 94.191 visualizações e 672 comentários.[43] A imagem do vídeo e sua edição são indicativos da falta de experiência do *youtuber*. Percebemos nos comentários tratar-se de uma segunda edição do vídeo, na tentativa de corrigir problemas com a edição anterior. Mesmo assim, percebem-se problemas na iluminação que seguem no discurso, transmitido de forma truncada e com partes de difícil entendimento.

Os vídeos seguintes corrigem essas falhas básicas, favorecendo a qualidade argumentativa do discurso, com edições que o tornam mais inteligível. Pirulla é um personagem de Paulo Miranda Nascimento, e como tal ainda está numa fase inicial de composição. A Figura 9 retrata uma pessoa ainda insegura, que adota como estratégia de discurso contemporizar as suas posições com outros modos de pensar, de modo a não dividir e desagradar a sua audiência.

Esse posicionamento ambivalente e, por vezes, ambíguo assumido pelo *youtuber* nos seus vídeos constitui uma marca da sua personalidade. Recorrentemente, a sua fala é recheada de antíteses (veremos isso nas citações de seu diálogo do vídeo em questão), de maneira a contemplar os lados opostos no debate. Essa estratégia argumentativa é responsável pela atração de comentários recorrentes e elogiosos de cristãos numa proporção desconhecida nos

[43] Dados obtidos em 23 fev. 2020.

outros vídeos considerados nesta pesquisa. No vídeo em análise, é apresentado como tema central o desenvolvimento da religião, dividido em três subtemas. No primeiro, ele mostra a visão reducionista do fenômeno religioso; no segundo, a visão da religião como poder social; o último, ele reserva para a sua confissão como ateu.

Seu posicionamento como ateu se justifica devido à campanha da ATEA conclamando os ateus a saírem "do armário". A menção à sua posição ateísta ocorre, no entanto, apenas no encerramento do vídeo, em consideração, mais uma vez, ao seu tom contemporizador na polêmica com os religiosos.

> Né... né... A religião por uma questão de sobrevivência. Essas pessoas, elas não têm estabilidade psicológica para sobreviver sem isso. Elas acham que a vida não vale a pena se elas não acreditarem nisso. Mas nós temos que respeitar isso, mas o problema é que a contrapartida nem sempre é verdadeira. E eu acho que ela tem que ser. Eu acho que as pessoas têm que respeitar também o ponto de vista daquelas pessoas que, ainda que seja uma minoria, não precisam do sobrenatural para sobreviver; que não precisam acreditar numa divindade [...]; que conseguem viver suas vidas sem acreditar em nada desse tipo. É por esse respeito mútuo que gravei este vídeo, porque é dessa maneira que eu entendo [...]. Que algumas pessoas têm que crer, outras não precisam. Eu, por exemplo, não preciso. E eu estou bem assim. Bom, gravei este vídeo também por causa da campanha [campanha da ATEA para que os ateus saiam "do armário"]. Me avisaram e me pediram para participar, dizendo que eu deveria mostrar minha cara. Então, este vídeo. Sendo assim, bem, pessoas, obrigado por terem me ouvido. E eu sou ateu!

Há, indubitavelmente, um tom conciliador na mensagem, de modo que ele se isenta de empregar o termo neoateísmo, que só seria explicitado no próximo vídeo apresentado. Na época, o termo nem era muito divulgado no Brasil. Para o autor, a Ciência é capaz de explicar perfeitamente a Religião. O sentimento do medo da morte explica, para ele, a origem das religiões. A religião corresponde à necessidade humana de ter um líder. Então, um subtema do vídeo é a ideia de que a Religião e o poder estão interligados.

> Olá, pessoas (*sua frase de apresentação em todos os vídeos*), eu estou aqui neste meu primeiro vídeo na internet apenas para falar um pouquinho sobre a origem das religiões. Bom, não vou entrar muito aqui no conceito arqueológico da coisa, mas temos boas evidências arqueológicas que mostram um *boom* de grande criatividade nos seres humanos a partir de 45 mil anos atrás. O ser humano existe, na verdade, como se sabe, existe há cerca de 200 mil anos. São encontrados registros fósseis [...] desde cerca de 200 mil anos atrás, mas só a partir de 45 mil anos atrás você começa a ver registros de criatividade e de modificação tecnológica, de cultura, digamos assim, de cerâmica, de arte e de rituais funerários. [...] E tudo aquilo que ele acumulou durante sua vida; todas aquelas coisas que ele fez, ele sabe que não tem o menor valor quando ele morrer. Não é difícil imaginar que a primeira saída para isso tenha sido... eeeeh! esticar a vida para depois da morte, ou seja, acreditar que vai haver uma vida depois [...]. Que vivem num outro mundo. Isso tanto é verdade que as religiões mais antigas de que a

> gente tem notícia hoje são de algumas regiões da África, de algumas tribos africanas – elas não têm deus ou qualquer tipo de divindade. Elas [têm] apenas culto aos antepassados. Ou seja, aquelas pessoas muito importantes que simplesmente morrem. E eles acreditam que essa morte, ela não quer dizer senão a morte física. O Espírito dela prossegue [...] por ali mesmo [...]. Então, digamos assim: surge primeiro o sacerdote, um xamã, qualquer um que se dizia capaz de entrar em contato com essas pessoas que morreram. Uma vez que ele pode entrar em contato com pessoas que morreram, isso faz dele a pessoa mais importante do que o resto da tribo. Às vezes, ele pode até usar algum alucinógeno. Enfim, não importa, o que importa é que ele passa a ser uma pessoa mais importante e de maior destaque da tribo. Daí para ele se tornar um líder é muito rápido. É um passo muito simples. Claro, não? Cara, o ser humano quer ser líder. [...]. Homem com mais destreza.

Na mensagem principal do vídeo, ele recorre a uma simplificação do pensamento religioso. Em certo momento, Pirulla fala de significação e gera um grande lapso no pensamento para falar da origem da religião. Percebemos que nesse momento o *youtuber* compara de maneira inusitada a religião com o xamanismo, afirmando que o xamã se tornará o antigo rei.

> O outro exemplo clássico de que o pessoal fala é a vaca na Índia. A vaca na Índia é sagrada, e nenhuma pessoa pode matar uma vaca, mesmo que esteja morrendo de fome. Claro, muito louvável dessas pessoas respeitarem as vacas, mas não é muito inteligente do ponto de vista de sobrevivência. [...] Respeitam a significação que ela trouxe. Então, alguns desses problemas é uma dessas... Aaaaah... dessas diferenças, junto com as vantagens que ela oferece, mas eu acho, [...]. Imagina uma primeira pessoa olhando os seus entes queridos, pai, avô, para o tio, todos morrendo e isso não era novidade e finalmente entendendo que... opa, peraí, eu também vou morrer, eu vou dormir, o assunto também sou eu [*expressão irônica de perplexidade*]. [...] Então, ele viu o primeiro líder religioso, é o primeiro passo da monarquia. A monarquia surge dessa forma, não? E aí você pode ter, e obviamente terá, muito sucesso nesse tipo de vida de agrupamento social. Com o tempo obviamente as coisas foram se desdobrando cada vez mais, não? Aqueles antepassados muito antigos, não que fossem sempre lembrados pelos seus feitos, com o passar de várias e várias gerações poderão ter adquirido o caráter de divindade.

Dentre os 672 comentários incluídos nesse primeiro vídeo, o seguidor de pseudônimo *El Quasar* postou há três anos o seguinte *feedback*:

> Fico aqui imaginando homens primitivos de milhares de anos atrás com conflitos existenciais! Rsrsrs! As religiões foram de grande ajuda para a evolução humana e isso é um fato inegável! Mas é visível que muitas já não têm mais serventia alguma diante de toda informação que temos hoje, e o ser humano, que é tradicionalista hereditário, ainda reluta na necessidade de mudar e aceitar novos conhecimentos! Sem religiões a raça humana nunca teria se organizado e se desenvolvido!!!

Esse comentário obteve dez curtidas, revelando que, apesar de antigo, o vídeo ainda desperta interesse, confirmado não pela total negação das religiões, mas com a convicção de

que pode ser retomado o seu antigo papel positivo. Afinal de contas, elas contribuíram para a evolução humana e, se muitas não têm mais serventia, não se conclui pela total ausência de interesse que elas ainda podem despertar. Além disso, o politeísmo manifesto no comentário não é surpreendido com críticas, sendo mais nuclear o sentimento religioso do que qualquer pertencimento dogmático.

Mais antigo do que o comentário anterior, Carlos D'Aguape há dez anos manifestou a seguinte opinião sobre a origem da religião:

> Sugestões para próxima edição. Além do fato de que a visão de um deus para as civilizações da Antiguidade era uma relação com a sua própria imagem, com sua própria tradição/cultura que alicerçava a própria existência, quando afirmavam "nosso deus" afirmavam sentido da vida. Visão de deus contemporâneo como transferência de poder civil.

D'Aguape concorda com a visão do Pirulla sobre a origem antiga da religião. Ela visava responder sobre o significado da existência e, no mesmo padrão adotado pelo *youtuber*, ele destaca a sua relação com o poder, neste caso, o civil, na sociedade moderna. Também se percebe que a interação indicou ao autor a possibilidade de um novo vídeo (que não foi feito).

Nos comentários da seguidora Ana Cranes, ela de fato reage às intenções centrais do vídeo no sentido de mitigar o preconceito sofrido pelos ateus:

> Tirei a tarde para ver seus vídeos. Do início para o fim; ou seja, espere mais comentários meus por aqui (gostaria de saber sua reação a isso...). Falta de estabilidade psicológica é um termo um tanto quanto pesado, convenhamos... Claro que não chega ao mesmo nível que as barbaridades ditas sobre os ateus. Mas foi uma colocação um tanto exagerada. Talvez sim, as pessoas PRECISAM acreditar em algo e confesso ser meu caso, mas não creio que seja o de todos os teístas.

No entanto, é perceptível o seu incômodo com a maneira como a linguagem do *youtuber* se refere aos que procuram a religião como uma forma de compensar uma instabilidade psicológica. Destaca que não apoia as ofensas contra os ateus, mas desacredita do revide como forma de defesa. Pirulla não respondeu ao comentário da seguidora em questão.

Outro comentário sobre o preconceito sofrido pelos ateus é digitado por Marcello Portari, que, no caso, se manifesta como ateu.

> Existe um problema intrínseco quando pedimos respeito à nossa descrença. O simples fato de não acreditarmos em deus é uma afronta à fé dessas pessoas. Ao negar a existência de deus, estamos (na cabeça delas, é claro) negando tudo o que elas creem ser o bem, e inclusive elas próprias que se identificam tão fortemente com a ideia de deus.

No comentário em destaque, a relação entre a crença e a moral se mostra o principal fundamento das ofensas sofridas pelos ateus confessos. A ausência da fé na existência divina é considerada uma falha moral que justificaria a suspensão de juízos de valor e, consequentemente, autorizando e permitindo qualquer tipo de comportamento. Uma versão do tipo tudo ou nada, considerando ou a existência da fé ou o caos total.

Nota-se que, mesmo sendo requisitado e provocado a opinar, há pouca interação por parte de Pirulla. No próximo tópico, continuaremos a análise de outro vídeo do autor, de modo a compreender mudanças no seu processo de interação.

3.1.2.2. Análise do vídeo do Pirulla: *Ateu, neoateu ou antiteísta? (ou exemplo de intolerância ao ateísmo?)*

Podemos notar que há uma diferença entre a qualidade da imagem e do som no vídeo da Figura 9, se comparado ao primeiro, da Figura 8. O autor muda o seu visual, a qualidade do áudio não muda muito e adota recursos de iluminação mais profissionais, utilizando luz artificial direta (possivelmente dos refletores). A profissionalização do *youtuber* acompanha o crescimento de sua popularidade.

Figura 9. O novo visual de Pirulla

No novo vídeo, a mensagem é menos truncada; reparamos mais coesão na fala do Pirulla devido aos recursos de edição. Comparado ao primeiro vídeo, nota-se uma evolução de recursos. A sua imagem intencionalmente o faz parecer mais à vontade, com o cabelo solto, e a cena iluminada no quarto acrescenta ao vídeo um tom mais intimista. A iluminação está melhorada: no primeiro vídeo, a imagem é escura, com pouca visibilidade. De início, o autor cita o ateísmo como o tema central do vídeo, na chamada para a diferenciação entre ateus e neoateus.

> Mais um vídeo aqui para a *internet* (apresentação usada por ele), [...] eu já tava cozinhando esse tema faz um tempo, e resolvi fazer esse vídeo um pouco depois [...]. Então, vou eu, vou eu... Acho que era uma boa já desovar isso aqui logo [...]. Muito tem sido dito sobre os neoateus. Quem são os neoateus? Qual é a diferença entre neoateu e ateu? Ateu é simplesmente aquele que não acredita em Deus ou deuses.... Sim, teve várias definições (PIRULLA).

Em seguida, ele dissocia o ateísmo dos movimentos políticos totalitários, eximindo os ateus de defenderem práticas ideológicas violentas. A crítica ideológica desses regimes às religiões não foi capaz de consolidar o movimento ateísta. Ao contrário, a religiosidade se preservou ativamente nas relações privadas, mostrando a ineficiência de controles totalitários contra práticas religiosas.

> Um exemplo é dos que foram forçados a deixar de acreditar em Deus por causa de regimes totalitários socialistas como União Soviética, China, Camboja, Vietnã, Cuba, Coreia do Norte. Eu não vou aqui dizer que eles mataram em nome do ateísmo [...]. Para a grande maioria deles, a religião foi proibida [...]. Não é porque foi proibida que as pessoas se transformaram automaticamente em ateias. É claro que não, né? Isso não aconteceu. Um problema aqui, já que eles eram proibidos pelo Estado, é que as pessoas deixaram de professar as religiões publicamente e passaram a professá-la dentro de casa, no cantinho.

Retomando a associação com temas políticos, agora de cunho religioso fundamentalista, ele credita ao 11 de Setembro o recrudescimento do movimento ateu, agora identificado como neoateu.

> O último movimento ateu foi cultivado principalmente pela queda das torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, e foi esse movimento que se convencionou chamar de neoateu. As pessoas dizem que é um movimento ateu, porque tem mobilizado muitas pessoas [...]. Mas não se aumentou o número de ateus na população, não simplesmente porque os ateus escreveram livros (PIRULLA).

Há, de certo modo, um proselitismo ateu considerado no seu posicionamento ideológico e no de seus seguidores. Ou seja, ele procura demarcar uma posição dos ateus na

sociedade brasileira. A ideia divulgada é a de que o ateísmo sempre será minoria, alinhado a outras minorias.

> Outro ponto do neoateísmo é que ele passou também a se utilizar de um discurso de minorias oprimidas, não é?, ou seja, ele passou a se utilizar do discurso usado também no feminismo, no movimento *gay* e nos movimentos negros (PIRULLA).

Em suas considerações, ele também se atenta a uma definição clara de ciência. A partir do vídeo nº 39, Pirulla já havia formado seu público e, cada vez mais, as suas preocupações se voltam para alcançar outros segmentos. Considerando a sua estratégia para aumentar a sua popularidade, ele adota um tom menos combativo contra os religiosos e mais apropriado à defesa da tolerância religiosa. Essa sua nova postura, que não foge às pressões de *marketing*, o faz criticar a página do *Facebook* da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA).

Reclama, principalmente, da recorrência ao humor nas postagens daquela associação, indevido por se associar a mensagens de forte teor ofensivo. Pirulla adere às críticas que nessa época são feitas às postagens da instituição no *Facebook*. Ele adere aos ateus que criticavam a postura adolescente e debochada da *ATEA*. Reivindica outra representatividade para o movimento ateu veiculado, com um tom mais sério propício a uma visão positiva do ateísmo.

> São os posts (do *Facebook*) da ATEA, Associação de Ateus e Agnósticos do Brasil [...]. É importante que exista qualquer outra associação ateísta; é importante ter uma associação que represente os interesses de um grupo; sabe, é sempre importante. Ainda mais quando é uma minoria [...]. Eles têm uma página no *Facebook* com um monte de *posts*. Alguns são muito bons pensamentos; quando eles denunciam práticas religiosas criminosas, [...] denunciam abusos que as religiões praticam [...]; quando eles mostram que a liberdade de expressão está sendo comprometida por causa de uma religião ou várias [...]. Em compensação, tem alguns *posts* que eles fazem que não têm absolutamente nada a ver com o tema. E, muito pelo contrário, são bem prejudiciais, divulgando princípios equivocados (exemplifica mostrando uma postagem). Nem tudo tem graça, como esse vídeo comparando a morte do arcebispo (PIRULLA).

A citação acima é do vídeo que foi postado no dia 23 de fevereiro de 2020, cujo nome é: *Ateu, neoateu ou antiteísta? (ou exemplo de intolerância ao ateísmo?).* Contava com 17.712 visualizações e possuía 2.838 comentários. Números que por si só demonstram maior interação que a alcançada pelo primeiro vídeo. As respostas dos seguidores variam sobre reclamações de não aceitação na família; a necessidade de fingir crenças e testemunhos e a descoberta das redes sociais como meio para expressão de suas ideias e desabafos.

É notável a presença mais enfática do tom confessional na interação com esse novo vídeo de divulgação, um tipo de comportamento associado à imagem descontraída e intimista

do *youtuber*, capaz de provocar reações mais pessoais do que propriamente centralizadas no debate mais conceitual sobre ateísmo e neoateísmo.

A seguidora Luana Felício declarou há três anos: “Conheci seu canal há pouco tempo e todos os dias assisto uns 5 vídeos seus kkkkkk e ainda durmo escutando os que já assisti... Gostei muito do canal, parabéns e obrigada por existir”. Na sua interação, ela destaca um sentimento de conforto em companhia dos vídeos postados pelo *youtuber*. Notamos, na sua interatividade, ausência de referências propriamente ao tema, em prol do destaque a aspectos emotivos e sentimentais. Luana teve 42 curtidas e uma resposta de seguidor do canal.

Na mesma frequência confessional, Marcelo Oliveira faz um comentário com dezoito curtidas, em que admite problemas com a sua família provocadas pela sua postura ateísta.

> Minha família não admite que eu sou ateu. Eles vivem falando que um dia eu vou me arrepender. Minha mãe me obriga a rezar todo dia com ela, como se isso fosse mudar alguma coisa, e ainda acha que certos problemas pessoais acontecem devido à falta de minha crença em Deus. Isso é totalmente ilógico e o que mais parece é que eles estão cegos pela religião...

Além das curtidas, o comentário de Marcelo Oliveira recebeu dois *feedbacks* de apoio, com testemunhos afirmando que passavam por situações semelhantes. Outro comentarista, Diego Mesquita, diz ser ateu, mas finge ser católico para continuar tendo amigos. Diz ele: “Sou ateu e finjo ser católico pra continuar tendo amigos”. Teve 75 curtidas em seu comentário. Os *feedbacks* que recebeu variam em condená-lo por não se assumir e em outros, compreendendo sua situação. Frederico Beal disse, há 4 anos: “Me considero ateu, mas meus pais não me aceitam e o pior é que a minha cidade é toda conservadora e católica. Por causa disso, não tenho com quem conversar e sou reprimido por todos principalmente pelos meus pais”. Dessa vez houve resposta do Pirulla: “+Freds #Contente é foda cara. Procure fóruns de internet, comunidades de Facebook. Elas ajudam a encontrar pessoas parecidas com você. Só cuidado com os fanáticos ‘do lado de cá’”. Freds recebeu 59 curtidas e 31 respostas, inclusive do dono do canal. Frederico Beal parece ter pouca idade, pois seu comentário indica uma dependência forte da família.

Destacamos, além daquelas de tom confessional, interações que testemunham a necessidade do canal como local necessário de expressão dos ateus. O seguidor Rodrigo Sooli, há cinco anos, declarou:

> Sobre se o mundo ficaria melhor sem religião? Eu acho que não ficaria, porque a violência sempre existiu, independente da religião. Mas com a religião (verdadeiro ensinamento da religião) se ensinaria as pessoas a se comportarem melhor. Mas não adianta nada tentar ensinar matemática para uma pessoa que só quer usar português. É natural do ser humano, disputar por algo.

Observamos, nas interações, a motivação confessional dos testemunhos maior que no primeiro vídeo do Pirulla. Talvez porque o autor ainda não era muito conhecido, então o aumento das respostas do vídeo mais novo foi mais efetivo e afetivo.

O comentário de Christian Lorentz Perez é mais longo. Comentários longos não são comuns. O seu testemunho indica maior liberdade de pensamento, comparado com o de Frederico Beal:

> Eu sempre me expressei desde criança. Fui visto como louco, endiabrado, anormal, infeliz por toda a eternidade... Bom, não foi ficando pra baixo e mudando de opinião que conquistei tudo o que tenho na vida. Foi sempre alimentando meus ideais, meus conhecimentos. Eu posso falar sobre ateísmo, Teologia, Ciência, Filosofia etc. E em vários idiomas, pois para se dizer ser uma coisa, é preciso estudar outras, é preciso conhecer todas. EU SOU ATEU, mas, confesso, levei anos para chegar até essa palavra, não por incerteza, por falta de conhecimento e exemplos familiares. Sou de família católica e ninguém imagina o quanto eu odeio ter sido batizado. Meus filhos não serão... eu pensei ser agnóstico, irreligioso ou outras palavras que muitas vezes são sinônimos para a mesma coisa. O ser humano rotula muito as coisas, mas eu não tenho um rótulo, eu tenho um pensamento, uma teoria, e essa é que religião não tem sentido; ela tira a vida de pessoas, não fisicamente, como muitos discutem qual religião mata mais gente... Ela rouba o tempo e os desejos das pessoas, mas isso é um tema muito amplo no qual acredito. Então, descobri a palavra que me define, nunca tive medo de dizer, eu gosto de deixar isso público, pois os modinhas de hoje em dia, escravos da tecnologia e do popular, aparecem em redes sociais se dizendo ateus e usando isso pra ofender de maneira desnecessária os religiosos, como nosso amigo aqui citou no vídeo. Eles são a maioria e rir deles é menos engraçado do que eles rirem de nós, pois eles são a maioria, então eles dizem: “quem são vocês pra rirem da gente?”. Mas eles esquecem que o suposto homem Jesus e seus supostos apóstolos eram a minoria, e deu no que deu, pois a religião é intolerante, eles matam e jogam na fogueira o que eles não gostam e não aceitam, como foi nos primeiros séculos. Esse assunto é delicado demais pra jogar fora na *web*, esperando as críticas virem pra cima de mim, que supostamente acreditam estar me oprimindo, me deixando infeliz, nada do que me digam me ofende, e quem tem a verdade no coração, quem não “acha” que isso ou aquilo existe, quem SENTE que a sua verdade é a verdade, não deveria se ofender. Pois, como no ditado popular: "se serviu o chapéu" é porque tocou na ferida de quem vive uma vida de dores de acordo com aquilo que o afeta.

O comentário de Lorentz recebeu 12 curtidas. E dentre elas nos surpreende o testemunho de Márcia Shildren sobre como a rede social colaborou com a sua decisão existencial, permitindo-lhe se mostrar publicamente, quando confessa ter “saído do armário”. Percebemos na sua interação a convicção da ciência como modelo alternativo para influenciar suas escolhas de vida. A ciência não seria apenas um modelo epistemológico, mas também uma referência moral, o que nos mostra uma perfeita aceitação do processo neoateísta.

> A internet super me ajudou a sair do armário. Sempre tive uma mente crítica; sempre levantava dúvida nas reuniões, e não sabia como pensar, principalmente pq sempre tive uma mente científica. Então, a ideia de ficar quieta e aceitar nunca combinou com meu modo de ver as coisas; e a internet foi fundamental pra discutir essas questões, pra solucionar várias dúvidas, pra me ensinar a fazer perguntas coerentes, e tudo o mais. Sempre soube que eu era agnóstica e de repente me encontrei no ateísmo, me descobri assim. Então também concordo que este é um aspecto positivo da divulgação do ateísmo pelos meios de comunicação... Como local de expressão e encontro.

Os dois últimos testemunhos demonstram problemas de aceitação social e uma **revolta** contra a religião institucionalizada. Continuando com a análise, os comentários apontam que a relação entre os seguidores e o produtor de conteúdo não se processa de modo passivo. O produtor estabelece o vínculo, e os comentários entre si permitem uma troca de experiências comuns, como desejos, medos e esperanças.

O organograma a seguir foi feito pelo auto desta tese para exemplivicar visualmente a proposta de leitura da transmissão do conteúdo baseado nos comentários (*feedbacks*), já que a produção ateísta não consiste apenas de uma via. As respostas servem para fomentar uma identidade dispersa geograficamente, mas unida no espaço virtual acionado como local de encontro. Os comentários são feitos entre os próprios praticantes e com o autor do vídeo. Cada mensagem tem um pouco da história de vida, com seus anseios e ideologias. O autor também pode dar respostas aos inscritos-receptores-comunicadores. Desse modo, todos acabam sendo produtores de conteúdo, já que muitos *feedbacks* possibilitam a criação de ideias para novas produções de vídeos.

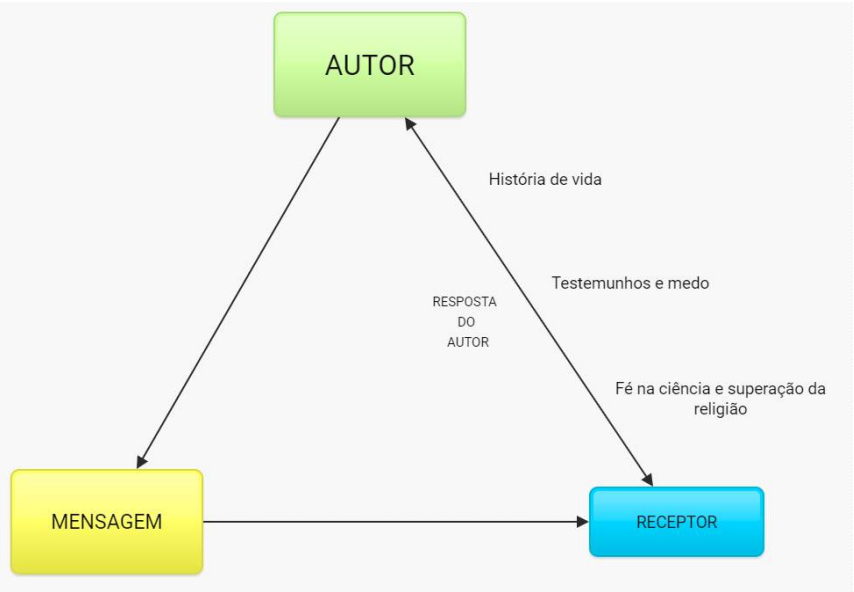


Figura 10. Produção, transmissão e respostas

Prosseguiremos com a análise de outros *youtubers* que contribuíram para o posicionamento ateu brasileiro no *YouTube*. A partir do início da segunda década do século XXI, eles conquistaram popularidade e evidência. Mesmo assim, nem todos se profissionalizaram, a ponto de viver financeiramente do *YouTub*e. É o caso de Clarion de Laffalot.

3.1.3. Vídeo *Como me tornei ateu*, produzido por Clarion de Laffalot

Nessa fase inicial com postagens de jovens com declarações de ateísmo no *YouTube*, Clarion de Laffalot é um *youtuber* de destaque desde agosto de 2010. Nos seus primeiros vídeos, percebemos que ele manifesta um discurso antirreligioso, caracterizando o seu ativismo ateu. Ao lado desse perfil, ele também se apresenta como *nerd*, mineiro e "palpiteiro". O seu canal conta com 107 mil inscritos (no ano de 2020), o que o torna figura recorrente no auge dos debates sobre ateísmo. Clarion nunca revelou seu nome verdadeiro em vídeo, mas sabemos que é formado em Administração e trabalha como bancário. Sua produção tornou-se esporádica, visto que provavelmente o *YouTube* não é sua principal fonte de renda. O vídeo, que é uma síntese de sua trajetória no ateísmo, foi postado no dia 12 de setembro de 2011, contando, no dia em que o referenciamos, 19 de maio de 2020, com 327.938 visualizações.

O visual de Clarion é casual. Ele usa um tipo de roupa despojada, cabelo preso como o de Pirulla. Mas a imagem por detrás da sua pessoa é de planos em cores de tons pastéis. Esse tipo de cor concentra a percepção do espectador na pessoa do comentarista. O autor do vídeo usa a voz de maneira monocórdica, bem pausada, sem variações de humor. O vermelho da camisa contrasta com o azul da tela, indicando mais vivacidade visual. Poderíamos dizer que o visual do Clarion é bem *clean*. Ao dar seu testemunho, ele apresenta sua trajetória para o ateísmo:

> Uma pergunta que todo mundo faz, o que é meio natural, é por que eu sou ateu. A essa pergunta muito simples, direta, a resposta é básica: todo mundo que é ateu considera não ver motivos para acreditar em um deus. Acho que uma pergunta seria mais pertinente: como eu me tornei ateu? Então, eu resolvi fazer um vídeo pra detalhar isso. Nesse vídeo eu vou usar essa barrinha embaixo, que vai ser como uma escala. Ela começa daqui pra lá, e ela representa os anos se passando na minha vida. Os tons de amarelo representam o ateísmo e os tons de cinza representam minha fase religiosa (Figura 11).

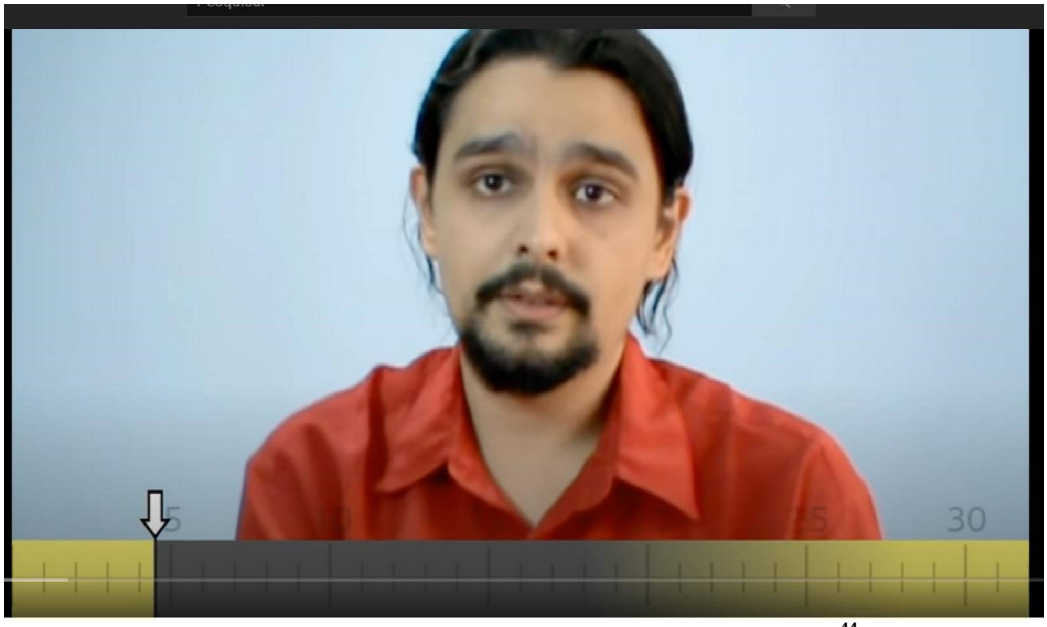


Figura 11. Imagem do vídeo com a barra de graduação de sua conversão[44]

Salientamos que as visualizações superam em mais de três vezes o número de inscritos no canal, além, é claro, da inusitada ilustração de uma barra mostrando em *dégradé* sua caminhada para a falta de fé. Esse recurso visual pode ser dividido em dois grandes momentos: o primeiro corresponde à infância e à adolescência crente; no segundo momento, revela-se o desencantamento com a religião cristã institucionalizada. No vídeo, o *youtuber* considera em detalhes a sua trajetória espiritual.

> Eu destaquei em cinco momentos chave da minha vida em relação à religião. E é baseado em cada um deles que eu vou explicar mais ou menos como foi a história. A primeira marca que você vai ver aí é por volta mais ou menos dos 4 ou 5 anos de idade. Eu escolhi essa data também aleatoriamente, mais ou menos chutando a época em que as crianças começam a fazer esse tipo de pergunta aos pais. E, se você reparar, em algum momento o gráfico tem uma mudança brusca instantânea. Porque a partir do momento que minha mãe falou pela primeira vez que papai do céu existe, eu acreditei instantaneamente, porque é isso que as crianças fazem [...]. Reparei que durante toda a minha infância e adolescência eu fui 100% crente. Essa foi minha fase de doutrinação. É a fase que primeiro os meus pais me ensinaram. Depois eu fui parar em catecismo; primeira comunhão, essas coisas todas. Em nenhum momento, nessa etapa da vida, era maduro o suficiente para questionar [...]. Então, uma segunda marca desse gráfico é aos 16 anos. Aos 16 anos eu participei de uma coisa chamada encontro de jovens com Cristo. Eu não sei se ainda existe; se ainda se pratica ou não [...]. A próxima marca que aparece é entre os 16 e os 18. Esse período entre os 16 e os 18 foi aquela época de segundo grau; com professores diferentes; época em que mais ou menos eu aprendi a dar valor ao pensamento crítico. Para mim, em termos de religiosidade, foi uma época de bastante conflito [...]. Mesmo porque foi mais ou menos

[44] Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ClarionDeLaffalot/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 19 maio 2020.

> nessa época que eu comecei a me permitir muito... muito... Com muita autocensura, mas começo a me permitir questionar as minhas convicções. Aí nessa marca dos 18 acabei me propondo uma coisa que foi a grande virada da minha visão religiosa... Eu propus ler a Bíblia. Se você é cristão não quer deixar de ser. Não lia a Bíblia; até aquele momento eu só conhecia a Bíblia das passagens que eram lidas na igreja; das citações bonitas que as pessoas faziam. Conhecia a Bíblia por meio do que eu era ensinado pelas pessoas e entidades interessadas em divulgar. Só a parte boa da Bíblia, mas quando eu peguei nela por conta própria, o baque foi pesado. Mas como todo bom cristão, me entreguei de primeira. Eu usei todas aquelas ferramentas que todo cristão usa. Chegava na passagem violenta, covarde, começava com aquele papo: não é bem isso; é uma metáfora; você tem que entender o contexto. Você tem que interpretar aos trancos e barrancos. Eu fui até o final. E naquela época, pelo menos, essas desculpas que eu arrumava me serviam. Eu conseguia aceitar as desculpas, mas como você vai notar no gráfico, na metade para frente os tons já começam a se misturar [...]. Já havia uma sementinha de questionamento; já havia pedaços da Bíblia em que eu me dava o direito de não acreditar [...]. Não, essa aqui é um mito, é metáfora; isso aqui não é bem isso. Mas, por mais que eu quisesse acreditar naquilo, eu não conseguia ser desonesto comigo mesmo. Eu gostei, mas admitir pra mim mesmo que eu estava inventando aquelas desculpas na hora, eu não conseguia fingir totalmente para mim mesmo. Eu não percebi que eu tava é pegando literalmente só as partes boas que me interessavam e interpretando o resto.

Nesse longo parágrafo, percebemos a experiência de Clarion com o cristianismo católico, quando da sua participação no Encontro de Jovens com Cristo (EJC), que é um movimento interno da Igreja Católica. Note-se que a Bíblia seria o instrumento para sua crise – possivelmente as passagens do Antigo Testamento. O autor descreve passagens difíceis e cruéis que, para o homem moderno, são problemáticas de digerir. Tal discurso encontra muito paralelo com a mensagem neoateísta. Um dos recursos dos neoateus seria a leitura da própria Bíblia como motivo para fomentar a descrença. Existem páginas no *Facebook* que trabalham esses pontos de difícil interpretação,[45] com discussões sobre passagens herméticas do Antigo e do Novo Testamento.

A influência dessa discussão teológica em torno da mensagem bíblica sugere ser motivo para o ponto de inflexão na trajetória religiosa de Clarion.

> E daí vai para a próxima etapa. Aqui eu marco aos 22. Nesse período, entre 18 e 22, eu entendi que a Bíblia não era o bastante pra mim. Que eu precisava procurar respostas em outros lugares. Que precisava procurar deus em outros lugares. E eu tentei algumas aproximações com outras religiões. Eu fui inclusive atrás do espiritismo, que tem todo aquele ambiente de intelectualidade do espiritismo. A princípio, me atraiu bastante. Mas, na primeira reunião de que eu participei, eu já descartei de cara, porque eu vi que eles usavam como base o cristianismo. E o

[45] Como por exemplo, comunidades ateias chamadas Contradições da Bíblia, Humor ateu sem censura, Destruindo a matrix religiosa, Ateísmo vs religião sem mimimi, Ateus e agnósticos – sociedade ateísta, Ateus de Portugal, Ateus e agnósticos – nossa cosmovisão, Ateísmo em vídeos, Mundo ateu, Mentes livres, Seres pensantes, Ateísmo com liberdade etc.

> cristianismo pra mim não é bastante, então eu procurei um pouco dessas coisas orientais. Enfim, foi um pouco de qualquer outra religião que pudesse me dar, me satisfazer essa necessidade que eu tinha de continuar acreditando em deus [...]. E aí, quando chegou aos 22 anos, que é essa penúltima marca, foi um momento que eu achei a melhor saída; melhor no sentido de que não deixava nenhuma aresta; no sentido de que driblava o meu senso crítico da melhor forma possível. E qual foi a saída: ah, eu acredito em deus; eu só não acredito nas religiões.

Aos 22 anos, Clarion rejeitava as religiões institucionalizadas, continuando, no entanto, a acreditar em Deus. Para ele, mesmo sem admitir, ele já era ateu.

> Enfim, voltando ao gráfico, ou seja, as coisas ainda estão meio misturadas, mas já estão praticamente tomadas por 100% de ateísmo. Porque esse deus amorfo, vago e indefinido em que eu acreditava na verdade era deus nenhum. Ele não tinha regras; ele não tinha lei; ele não cobrava nada. Era só um deus que estava lá para quando alguém me perguntar se eu acredito em deus eu poder responder que sim. Ou para quando eu tivesse com alguma necessidade espiritual, eu me suprir desse deus: não, deus está comigo. E, a partir desse ponto já foi gradual, eu marquei aqui a idade de 28 no gráfico, que foi a idade em que, pela primeira vez, eu disse em voz alta: eu sou ateu eu não acredito em deus! Mas, eu não sei dizer quando realmente eu deixei de acreditar. Foi uma coisa gradual, ao longo do tempo que foi acontecendo.

Um claro conflito se percebe no discurso de Clarion: se desde os 22 anos há sinais da sua descrença, ele só vai se permitir expressar em voz alta que é ateu com a idade de vinte oito anos. Num período de seis anos ainda ele oscila entre a crença e a descrença.

> Mas acredito que muitos dos que são ateus hoje não escolheram ser ateus, por causa do seu lado ruim. A ideia de um deus é consoladora. A ideia de que você não vai morrer e você vai viver para sempre num paraíso é maravilhosa. Ninguém se esquece dela; a sociedade cobra a religiosidade; a imaginação de que há justiça no mundo. Que as pessoas, os aproveitadores e tal vão ter a sua punição também é ótimo; é um consolo você ter conforto num momento de desespero; nesses momentos da vida; é ótimo! É difícil admitir para si mesmo que tudo isso pode não existir; porque é uma coisa que você gostaria muito que existisse. Você vê, eu passei virtualmente dez anos lutando contra o meu ceticismo! Se dependesse da minha vontade, durante todo esse tempo não teria virado ateu, mas, infelizmente ou felizmente, no final das contas eu não consegui mentir pra mim mesmo.

O autor termina declarando que a religião é um sistema de compensação, que traz alívio e conforto, reafirmando que a injustiça não ficará sem seu devido pagamento no além-vida. O tom confessional é considerado predominante na narrativa do *youtuber* sobre o ateísmo. Ele se valeu da sua própria experiência de vida para manifestar como ocorreu sua conversão. Não há nenhum indício, no vídeo, de recursos conceituais e científicos na justificativa para o seu posicionamento.

O vídeo recebeu 7.736 comentários, ou seja, muitos *feedbacks* que demonstram (última visualização foi no ano 2020) claro interesse pelo discurso de Clarion. E não se esgotou o interesse com o passar dos anos, pois há muitos comentários com datas recentes.

No mesmo tom de desabafo do comentário, se expressa a resposta de Sarah de Freitas: “Teve uma mulher que me xingou de vadia uma vez, por ter comentado num vídeo, só porque eu disse que não acredito em deus”. Percebe-se que os ateus reclamam das incompreensões que suas posições causam na sociedade. Uma reclamação recorrente é a hipocrisia dos religiosos que não conseguem tratá-los de forma cordial.

Outra postura interativa com o vídeo posiciona-se a favor da crítica, suposta racional e científica, como desafiadora da crença. A usuária de nome Regiane Cunha declarou: “Basta questionar um pouco que a pessoa se torna ateia”. O seu alto padrão de curtidas, somando 319, confere destaque à aparente simplicidade do seu comentário.

Saul Bezerra, por exemplo, a indaga com o mesmo argumento, porém atingindo resultado invertido. No caso, a trajetória crítica é de o conhecimento, em vez de atingir o ateísmo, solidificar a conversão religiosa. A crítica de Saul a Regiane apresenta figuras luminares do cristianismo em discordância com a sua posição.

> @Regiane Cunha Regiane e Clarion. Interessante é que grandes personalidades do pensamento fizeram o caminho contrário ao de vocês: Paulo, A. Cury, C. S. Lewis (ateu confesso) dentre outros. Vocês não acham que o questionamento de vocês é um "tantim" de nada para quem escreveu algo relevante para a humanidade? Vai lá! Pega a caneta e escreve algo relevante, bota esse "tantim" de questionamento no papel e se apresenta para a humanidade. Qual a de vocês? Marxismo? O socialismo disfarçado do capitalismo, comunismo ou o cientificismo de alguns medíocres que vocês irão seguir? Em um desses buracos vocês cairão; é um cego guiando outro.

Uma das características desses vídeos que são comentados nesta tese é a presença de posicionamentos próximos ao do Saul, caracterizados como de oposição aos argumentos ateus. Entretanto, tais comentários são uma parcela insignificante; a maioria dos comentários é a favor dos posicionamentos dos autores. Nota-se que a divulgação dos *sites* como ateus não deixa de chamar a atenção de religiosos, que visitam e deixam suas opiniões contrárias (às vezes favoráveis também). Nas suas manifestações talvez esteja o ímpeto de combater e transformar as práticas ateias nos seus próprios domínios. Nos vídeos com posicionamentos em favor da religião vemos comentários de ateus, mas, neste caso, são minoria.

Na sua imensa maioria, no entanto, os comentários apoiam as posições de Clarion. Como, por exemplo, o de John Bruce, que, ao contestar a resposta de Saul Bezerra, apoia e complementa o comentário de Regiane.

> @Saul Bezerra... Eu acredito q a imaginação humana é criativa o suficiente para criar seres mitológicos como deuses, monstros, vida pós-morte para agregar uma resposta àquilo q não tem resposta, e vendo os benefícios adquiridos pelos seus líderes, a atitude em advogar a favor de Deus é compreendida... Mas se contabilizarmos o número de deuses "extintos" e existentes, e igualarmos a semelhança entre eles de depender do homem para se manter existentes, com o fator principal usado para manter qualquer coisa q não exista = A CRENÇA... “Usando” o homem, ou o homem a usa, para assim manter a crença com um medo de que a mesma vire mitologia, fica evidente o mantimento e persistência na crença, q por ventura é uma crença.
>
> Aliás.... Fazer uso do aspecto emocional é uma técnica clássica das religiões. Para causar um "curto circuito" na análise racional e emocional, e pôr fim ao sentido crítico dos indivíduos. Além do mais, uma utilização do registro emocional permite abrir a “porta” de acesso ao inconsciente e implantar ou enxertar ideias, desejos, medos e temores, compulsões, ou induzir comportamentos como comer grama, suicídios, e dar tudo q tem no altar, ou seja, qual seria a dificuldade em apenas fazer pessoas acreditarem?

Ressurge nesses comentários a oposição entre ciência e crença, tão cara às posições neoateístas. A crença se manifesta na fraqueza do conhecimento ao apelar para o sentimento humano associado ao medo.

Por fim, um comentário em destaque indica que muitos usuários que postam *feedbacks* no canal do Clarion são vinculados à cultura *nerd*. O usuário utiliza como exemplo a série de televisão norte-americana *Lost* para desenvolver seu argumento: “A Bíblia tem mais aventura do que aquela serie *LOST*. Haja contorcionismo mental pra conectar tudo”. O final da série não deixou os fãs muito satisfeitos com a explicação mágica, carente de sentido. A mesma insatisfação manifesta o comentário com as histórias da Bíblia.

3.1.4. Análise do vídeo de Daniel Fraga: *Religião é pior que crack*

Figura 12. Daniel Fraga no vídeo em questão

Daniel Fraga é um *youtuber* que surgiu em 2010 e talvez seja dos primeiros vlogueiros reconhecidos no país. Originalmente, ele começou com vídeos rápidos de poucos segundos criticando a má administração da cidade de São Paulo. No início, ele não mostrava seu rosto. Porém, depois começou a fazer vídeos de forma mais intimista, revelando a sua aparência. Seus vídeos eram extremamente políticos, com críticas ao prefeito Haddad. Aos poucos, Daniel assumiu uma posição política chamada de anarcocapitalismo[46]. O vídeo demonstra muito das características autorais e espontâneas do Daniel. O autor coloca-se no centro da discussão afirmando ideias próprias. Anos depois, diz que o vídeo foi feito antes de sua conversão ao anarcocapitalismo. Percebe-se que ele utiliza o próprio cenário da casa, sem apelar para os recursos de luzes artificiais de maneira mais profissional. A iluminação parece ser atual. O visual é informal, como os demais *youtubers* analisados nesta tese.

Daniel chamou a atenção muito mais pelas polêmicas no campo político do que propriamente no âmbito do debate religioso e sua defesa do ateísmo. O *youtuber* sofreu, por causa de seus posicionamentos e declarações, perseguições e processos movidos por personalidades políticas. Num dos casos em que foi derrotado processualmente, houve uma

[46] O anarcocapitalismo parece um tema pouco estudado pela academia brasileira. Uma rápida pesquisa mostra poucos estudos, apesar de o tema ter evoluído muito e ter conquistado adeptos, tudo isso na segunda década do século XXI. O anarcocapitalismo acredita que o Estado é desnecessário e que, segundo a frase dos anarcocapitalista, ”imposto é roubo”. O anarcocapitalismo é uma concepção de vida social sem interferência do Estado, mas isso não significa caos, pois sua doutrina crê na organização social de forma voluntária.

mobilização do Estado brasileiro para tentar localizá-lo.[47] Daniel Fraga também ganhou notoriedade pública pela sua verve polêmica no *YouTube*, por ter sido um dos brasileiros que mais fizeram campanha pela moeda *bitcoin*.

Apesar de a explosão de popularidade de Daniel ter acontecido no âmbito das polêmicas políticas, sua verve polêmica é acentuada no debate sobre religião, como assinalou o comentário do usuário Xrey666 (não é um pseudônimo muito comum): "Incrível é ver seu canal tipicamente como crítica ao Estado, mas o tema sobre religião supera todos os seus vídeos... Como o povo é alienado, bitolado com religião, meu Deus! Se você colocasse A CORRUPÇÃO é pior que o *CRAQUE*... ninguém assistia... kkkkk".

Daniel, em resumo, se tornou um polemista no *YouTube* por causa de suas concepções político-econômicas e mantém a fama de ter sido um pioneiro entre os vlogueiros, além de ter abandonado a carreira de *youtuber* para se tornar um investidor em moedas virtuais. Alguns *youtubers*, como Izzy Nobre, comentam que Daniel se tornou milionário, contribuindo ainda mais com a aura de mistério que o cerca.

O vídeo analisado foi postado em 04 de setembro de 2011 e até o dia 20 de novembro de 2020 tinha 199.699 visualizações, com 8,7 mil curtidas e 2,2 mil negativações. O discurso de Daniel difere do dos demais vlogueiros de sua época. Nele, o ateísmo vem acompanhado de uma conotação extremamente política. Demonstra-se essa intenção logo no início do comentário do autor, ao descrever um episódio sobre a intervenção artística utilizando a imagem intitulada como Nossa Senhora do Crack (Figura 13).[48]

> Tempos atrás passou uma reportagem sobre a iniciativa de um artista chamado Zarella Neto que construiu a Nossa Senhora do Crack, nada mais é do que uma estátua, né? Com a inscrição Nossa Senhora do Crack, ele a colocou justamente na Cracolândia, no bairro Santa Cecília, bem apropriado com o nome do bairro. Também eu não sei quase nada sobre esse artista e vou dar a minha interpretação subjetiva sobre esse fato do ponto de vista ateu. O que eu achei mais engraçado foi a reação dos drogados e das pessoas que ali transitavam achar um absurdo. Um desrespeito com a santa.

A análise de Daniel Fraga complementa a narrativa do episódio surpreso com a indignação manifestada pelos drogados. Atentando para o fato de o espaço público ter sido dominado por drogados, o futuro anarcocapitalista já defende a sua ideia de que todos podem ser o que quiserem, desde que não atrapalhem os demais. Os habitantes da Cracolândia

---

[47] Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/132030-justica-federal-proibe-pioneiro-bitcoin-brasil-deixar-pais.htm>. Acesso em: 11 dez. 2020.

[48] A imagem exposta causou indignação nos dependentes químicos. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/07/imagem-de-nossa-senhora-do-crack-causa-polemica-em-sp.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

ocupam um espaço que incomoda os outros; os usuários de *crack* travam o desenvolvimento econômico da região e atraem oportunistas políticos e religiosos.

> A gente percebe claramente um raciocínio infantil e completamente idiotizado, ou seja, o viciado em *crack* ali naquela situação está viciado em duas drogas: no *crack* e na religião. E aí por fim eles acabam quebrando a imagem da estátua, pois não toleram o desrespeito com a sua religião. Apesar de desrespeitarem diariamente e por muito tempo todos os moradores daquele local se apossando, praticamente privatizando aquele espaço público e agindo como verdadeiros ditadores da rua. É claro que eles quebraram aquela estátua porque ela serve como espelho deles próprios. Ela projeta o horror que são eles mesmos e toda a fraqueza e degradação que um homem pode chegar. E, pra completar o desastre, aparece o padre Júlio Lancelotti, que estava sumido depois de ter sido acusado de abusar de interno da Febem. Vejam só o fato: a Cracolândia só existe devido, como eu falo em outro vídeo, à hipocrisia coletiva.

Daniel critica a ação de evangélicos e católicos como inócuas para a mudança de vida dos viciados. O próprio padre Júlio Lancelotti é atingido pela crítica ácida que o *youtuber* dirige às ações paliativas contra os viciados. O combate à religião, neste caso, não vem da ciência, mas da sua fraqueza moral. Ela é vista como incapaz de transformar as vidas dos viciados. Incompetência que, segundo o *youtuber*, é simbolizada na escultura de uma santa dos drogados. A acusação do fracasso religioso rebate a visão religiosa que incrimina o ateu.

> Nada, absolutamente nada, vai mudar, por isso achei genial essa iniciativa desse artista que tocou na ferida dos drogados, e ainda digo mais, coloquem a Nossa Senhora do Crack em todas as Cracolândias, no Brasil inteiro. Vai ser um verdadeiro dedo na ferida da religião. A mesma religião que promete o paraíso na Terra e na verdade não é capaz nem de recuperar um drogado ou evitar que o sujeito se torne criminoso. E depois tem gente dizendo que é o ateu que é criminoso. A minha conclusão é que a sociedade está intoxicada de religião e aí as outras drogas viram acessórias. A arte dessa estátua demonstra o fracasso total e absoluto da religião em atingir os seus objetivos.

Figura 13. Imagem de nossa Senhora do Crack[49]

Mesmo que o artista não tenha as pretensões reveladas por Fraga, as reações violentas diante da imagem da santa denunciam a religião como uma dependência análoga à provocada pela droga. Para o *youtuber*, a intervenção age como um autêntico "dedo na ferida", apontando para o claro do fracasso da religião, incapaz de remover os viciados do vício e do espaço público. Para o vlogueiro, que nesse momento estava em ascensão, a religião não poderia salvar os habitantes da região; pelo contrário, lhes servia como uma droga.

Em apoio ao *youtuber*, são elogiosos os comentários a favor da analogia entre o vício e a crença. Ambos seriam responsáveis pela fuga da realidade, como defende Tiago Barbosa, numa postagem que já tem seis anos.

> Daniel, super pertinente seu comentário, a questão nesse contexto. Aliás, em ambos os contextos, tanto do usuário de drogas quanto do religioso, se dá exatamente pela fuga de uma realidade, como um processo extremamente infantilizado e imaturo de sua própria personalidade, portanto, sim, algumas pessoas precisam disso para lidar com uma realidade alienante, e emburrecedora tanto no uso das drogas ou da religião, e claro em ambos os casos, defendem seu uso como benéfico a ponto de matar milhões se for preciso provar, claro também que ambos os usuários ainda se acham no direito de coagir e seduzir para ter mais usuários dessa droga tão destrutiva e maligna em todas as épocas, a religião que de fato é mais prejudicial que qualquer droga, já que quem sai perdendo no uso do *crack* é só o usuário, mas quem sai perdendo na religião são todos... Parabéns (Tiago Barbosa).

Na sequência dos comentários com modelos argumentativos analógicos entre o vício e a religião, surpreende o usuário Ivo Reis, com texto postado há sete anos. Ao concordar com

[49] Disponível em: <https://jornaleirotalisandrade.wordpress.com/tag/zarella-neto/>. Acesso em: 23 set. 2020.

Daniel Fraga, o usuário se aproveita da visibilidade do *youtuber* para promover sua própria página.

> Parabéns pelo excelente vídeo. Vc abordou um aspecto interessantíssimo que poucas pessoas têm a coragem de considerar. Convido-o a ler a matéria "Será que a doença da fé religiosa é mais perigosa que a dos vícios das drogas?", por mim publicada na comunidade "Irreligiosos" ('agattp://irreligiosos.ning.com/fórum-/topics/sera-que-a-doenca-da-fe-religiosa-e-mais-perigosa-do-que-a-dos-vi'). Será uma honra vê-lo por lá. Partilhamos as mesmas opiniões. Abs!

Nesse vídeo, Daniel fez mais de 100 comentários e acabou interagindo muito mais que os demais *youtubers* aqui comentados. Daniel é polemista e expõe mais suas ideias. Na cura do vício e da crença, o *youtuber* aconselha o uso da razão contra os vícios ilusórios da crença e das drogas.

> Então, na verdade não é uma recuperação de fato. Usem sempre a razão, é a razão que vai impedir você de usar droga; é a razão que vai evitar que você caia nas garras da religião, pois entre uma Nossa Senhora do Crack e Nossa Senhora de Fátima, ou o que for, não há diferença nenhuma; tudo é apenas produto da fértil imaginação humana. E o seu deus, o que você venera todos os dias, foi criado à imagem e semelhança do homem com todos os seus defeitos e problemas. Então, deixe de ser burro e comece a usar o que a natureza te deu: o seu cérebro. Se é que ainda resta um neurônio [Aplausos].

Daniel, no seu comentário, se assume como um entusiasta da Razão. Só ela seria capaz de servir como método para o conhecimento do mundo. Podemos dizer que Daniel Fraga se comporta como um herdeiro popular das ideias iluministas, opondo a luz da Razão às trevas da crença.

A crença na Razão é um tema recorrente no discurso ateísta, mostrando-se, no de Daniel, extremamente evidenciado. É perceptível no seu discurso que o termo Ciência é substituído pelo termo Razão. Na sutileza dessa substituição se mostra a diferença do ateísmo clássico para o neoateísmo, que defende o papel preponderante da Ciência em vez da plena crença na Razão.

No comentário de Paulo Alencar, de quatro anos atrás, é explicitada a associação entre ateísmo e ciência, típica do neoateísmo. Em resposta ao embate entre razão e fé, ele esclarece: “Os homens inventaram a religião, mas a ciência existe para servir ao homem, enquanto a religião quer que o homem sirva aos seus dogmas, ameaçando com punição eterna a quem não se submete”.

O vídeo recebeu vários comentários. Numa dessas interações, o seguidor vai em defesa do *youtuber* alegando que virtudes como a generosidade independem da religiosidade do praticante. Repete-se aqui, no argumento de Tiburcius Van der Leeuwen, provavelmente

um pseudônimo, o argumento que se aproveita da dualidade entre o bem e o mal para separar os crentes dos ateus. O uso de pseudônimos é comum nos comentários de todos os vídeos mencionados, como se fosse evidente a impossibilidade de os ateus serem praticantes de atos virtuosos. Nesse argumento, deduz-se, com uma lógica infalível, que todo ateu é imoral.

> Pessoas criticando o Daniel Fraga por ser ateu... dizendo o que seria dos menos favorecidos se não fossem os evangélicos, católicos etc... Bem, em primeiro lugar, para ajudar uma pessoa menos favorecida, não é necessário crer em um deus. Você pode ser bom, ajudar os outros, independente de uma crença em uma religião. Se tem evangélicos, espíritas, católicos etc. que ajudam o seu semelhante, que bom, mas quantos que creem nestas religiões não ajudam? Em segundo lugar, algumas religiões se beneficiam da existência de menos favorecidos, porque não atacam a raiz do problema. São contra camisinha, são contra contracepção, aí depois quando o miserável está cheio de filhos igualmente miseráveis vem dizer que ajuda essas pessoas. Por que não deu instrução e educação para que a pessoa miserável não fosse compelida a ter filhos sem poder criar? Aí, depois vem dizer que "ajudam"... amenizar o sofrimento de alguém quando poderia ter evitado não é ajuda, e sim hipocrisia.

Nos comentários do perfil do *youtuber* Daniel, evidenciamos uma característica que lhe é muito peculiar: a mistura de ateísmo com militância política. No próximo subtítulo foi analisado o vídeo do PC Siqueira. Infelizmente não foi possível encontrar os comentários, já que o canal foi retirado.

3.1.5. Vídeo de PC Siqueira: *Por que sou ateu?*

Paulo César Siqueira carrega a fama de pioneiro, polêmico e o mais popular entre os *youtubers*. Reconhecido pelos seus vídeos com mensagem antirreligiosa, o seu canal no YouTube, "Mas Poxa Vida", aborda temas os mais variados.

> Paulo César Siqueira, 25 anos, é o criador do canal do YouTube "Mas Poxa Vida", que, até a finalização deste artigo, já tinha sido visto mais de 93 milhões de vezes. PC Siqueira, como ficou conhecido na rede, foi um dos primeiros nomes brasileiros a se destacar na nova mídia e precedeu uma leva significativa de pessoas que, cansadas de escrever em *blogs*, decidiram gravar suas ideias (JESUS, 2011, p. 11).

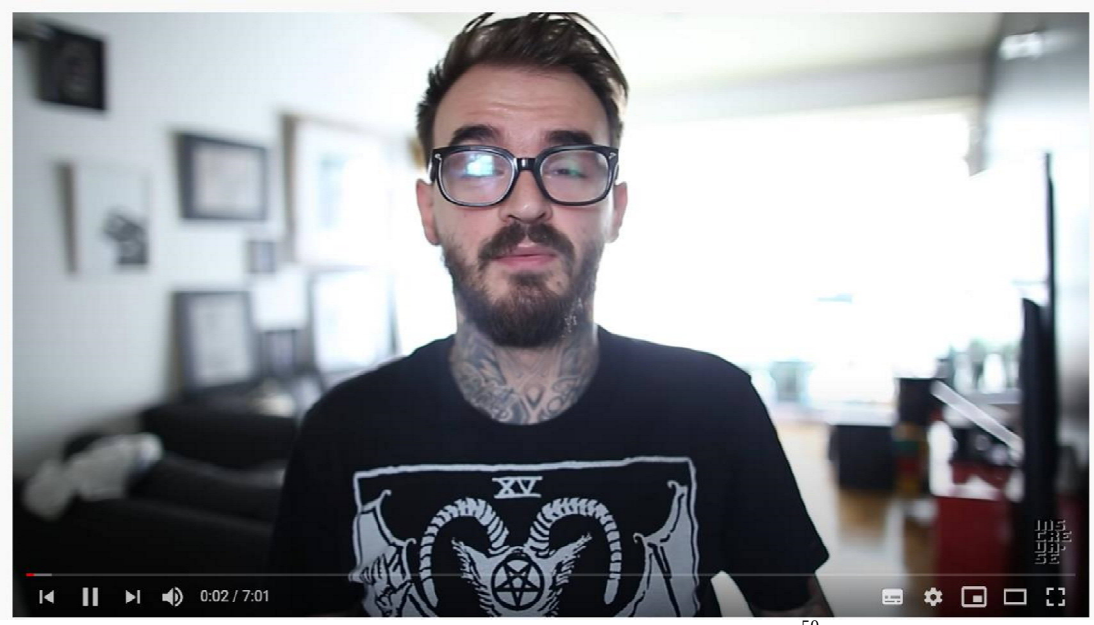


Figura 14. Imagem do vídeo do PC Siqueira[50]

Das posições ateias vistas até o momento, a sua se caracteriza por ser mais combativa e ativista. Sua linguagem antirreligiosa se pronuncia de forma mais ofensiva, o que explica o seu destaque. Além de ativista militante, PC Siqueira também trabalhou na MTV brasileira, além de ser colorista de histórias em quadrinhos. O vídeo selecionado para análise possui 2.078.119 visualizações, 110 mil curtidas e 46 mil negativações. É importante salientar que esse vídeo, dentre os analisados nesta tese, foi o que gerou maior recepção negativa.

> O vídeo de hoje é um daqueles dos polêmicos. Tudo mais porque vou falar sobre religião. Na verdade, porque eu vi um vídeo no Facebook. Eu vou colocar até o *link*[51] aqui embaixo de um cara falando, né?, daqueles ataques que tiveram ali na França, por causa daquele jornal com os quadrinhos que não lembro o nome [...]. O vídeo de hoje vai mesmo ser uma réplica do vídeo do cara em versão em português que já estava traduzido, mas eu quis realmente fazer um vídeo com as minhas perspectivas sobre o mesmo assunto, que na verdade é muito parecido com o outro. Porque sim, e o que eu quero é que no canal eu possa fazer o que quiser, foda-se. Comentou um *tweet* do outro *brother* que era muçulmano. Assim como é que as pessoas não podem entender o fato de que o Islã é uma religião sagrada e ninguém pode fazer piadas sobre isso, e que coisas erradas vão acontecer com as pessoas que fizerem isso, e tudo mais! Como se fosse assim, tipo feriu a honra da minha religião. Então, vai ter, feriu a honra do meu profeta, então vão ter consequências muito graves para as pessoas que fizerem isso. Que teve até 12 pessoas que morreram por causa disso; que tiveram milhares de pessoas que morrem todos os dias por causa disso [...]. Primeiro ponto é o

[50] A imagem está disponível em: <https://diversao.r7.com/pop/pc-siqueira-aparece-pela-primeira-vez-depois-de-cirurgia-para-corrigir-estrabismo-10072017>. Acesso em: 25 abr. 2018.

[51] Vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=895607187130439>. Acesso em: 20 maio 2020.

[3] O vídeo faz clara referência ao atentado contra o jornal francês *Charlie Hebdo*, em 7 de janeiro de 2015.

> seguinte: o cara crer muito no profeta dele, e acha que ele tem que defender com armas quando alguém fere a honra do seu próprio profeta, seja Jesus, seja Maomé, seja dinheiro no caso dos judeus (brincadeira, gente!). Porque eles podem querer machucar as pessoas, porque a honra foi ferida.

O *youtuber* declara que a gravação do vídeo interage com um comentário no Facebook sobre o atentado terrorista contra o jornal *Charlie Hebdo*, ocorrido no dia 7 de janeiro de 2015. O comentário, acessível pelo *link* que ele faz questão de postar no vídeo, numa certa dose retórica do "só vendo para crer", o deixa indignado por usar a honra religiosa como escudo para a violência dos assassinos de doze jornalistas. Na sua indignação, no entanto, ele não enfatiza o fato de o incidente ter sido motivado por radicais islâmicos. Pelo contrário, o endereço da sua revolta atinge genericamente qualquer religião.

Nesses anos de observação das páginas ateístas nas redes sociais, vídeos e comentários semelhantes são mais procurados nesses momentos de comoção social. O que de fato explica a repercussão desse vídeo à época. Isso ocorreu no período observado, de 2011 a 2015, com temas sobre laicidade, feminismo, direitos de minorias etc. Provavelmente o interesse era muito motivado pela conjuntura política e a manifestação de novos atores sociais dentro do país.

Podemos dividir o vídeo em quatro partes principais. Logo no início, é apresentado o tema; em seguida, a inutilidade da honra; o terceiro momento corresponde à inutilidade do código moral das religiões; e, por fim, o desafio da crença em Deus pela ciência. Todas as partes possuem uma linguagem popular, desafiadora, provocativa e desbocada.

> Isso quer dizer que na verdade a pessoa acredita muito bem no que ela está dizendo; não acreditar que o profeta é todo-poderoso e que ele pode me mandar pro inferno; me queimar o resto da eternidade. Ele acha que se de repente ofender este profeta que vai mandar para o inferno com as atividades... *o seu filho da puta* (olhando para o teto). Ele acha que deve ser punido por causa disso; ele acha que ele mesmo deve punir por causa disso; é porque ele não acredita no poder deste profeta. Todo o tempo você acredita na força onipresente, onipotente e você mesmo vai lá e dá um soco na cara ou atira na cabeça de alguém que ofendeu a sua intimidade, é porque você não acredita no que está falando. Se você acreditar em você, deixava pro relento, deixa acontecer, mas não tem problema que porra de profeta de deus [...] que tem uma honra e se fere tão fácil; e não foi ele que deu livre arbítrio para as pessoas falarem o que elas quiserem; tudo o mais é tão legal, falar o que a gente quer não é! De repente falar o que a gente quer, mesmo que for contra. [...] Não, ele vai ter que *fuder*, vai colocar você no inferno prá sempre por esta atividade: que você ofendeu a honra dele, que é uma honra. Meu, é uma honra de bosta! A honra é a pior coisa que existe; se a sua honra for o seu orgulho, todo mundo fica morrendo, se matando por honra e orgulho todos os dias.

A linguagem do *youtuber* é muito mais agressiva do que, por exemplo, a empregada pela militância de um Clarion. Talvez a sua atividade profissionalizada na rede e o público

jovem que o segue expliquem os atrativos performados com a sua linguagem coloquial repleta de palavrões e o seu aspecto *nerd*.

> Tem um ditado que diz que o orgulho é um defeito que levamos com virtudes; é muito verdade. E se aplica totalmente na religião, porque as pessoas têm muito orgulho da religião que têm e de repente isso pode se tornar um poder; se tornar um defeito que geralmente era prá ser uma virtude. Seu deus provavelmente; ele não é capaz de fazer nada do que você está falando. É incapaz, porque nessas pessoas você vê as pessoas condenando os outros por vários motivos: não pode ser *viado*, se você for *viado* pode ser apedrejado. Se não pode cometer adultério, não tem que matar a mulher ou você não pode comer comidas com couro. Você não pode lá cantar o *Bohemian Rhapsody*, não pode ter TVs, não pode cortar o cabelo, cada uma dessas coisas. Vão ter algum tipo de punição; nem foi uma punição física, mas uma punição social. Se você estiver dentro da igreja e faz coisa errada, as pessoas vão tratar de forma diferente. Aí não é aquela pessoa que cortou o cabelo. Olha só quantas usando minissaia. O seu deus não foi capaz de punir diretamente as pessoas com esses pequenos delitos, que de fato deveriam ser punidos de acordo com as religiões; mas se ele não foi capaz de fazer por ele mesmo, é porque ele é um bosta. Se ele não consegue punir elas por pequenos delitos [...] é porque se esse deus existe de verdade, as pessoas seriam impedidas de fazer aquilo. Então, seu deus não foi capaz de punir essas pessoas para coisas que não deviam estar fazendo é porque ele é bosta e você outro bosta por adorar esse deus. Não, é sério, estou falando isso para o seu bem, cara! É você, é você que tem que tomar as rédeas. Se esse seu deus não está ali para desmoralizar as outras pessoas ou punir elas, é porque o seu deus é um merda, não consegue fazer nada por ele mesmo. Você está perdendo seu tempo e perdeu o tempo com seu deus. Mesmo porque talvez seja outra coisa, talvez seu deus não exista, seja uma grande mentira. O que muito provável é, e eu não vou entrar naquele fato não; se você acha que deus existe, então prova que ele existe porque [...]. Eu não vou precisar explicar prá você; tem um link aqui embaixo e explica por que é que você não pode provar alguma coisa que não existe, da mesma forma que não posso provar que a mula sem cabeça não existe ou que qualquer outro senhor que inventar na minha cabeça algo que não existe, por exemplo, existe um ser que é azul gigantesco e tem um tamanho inteiro da sua casa; só que não consegue ver nem cheirar e nem ter nenhum rastro dele; é só porque eu acredito. Agora provar que ele não existe, então, é meio essa ideia.

Em destaque, portanto, no último quarto do vídeo, como indicado anteriormente, o tema da ciência em oposição à crença. O experimento é o rigor para definir a ciência. O que não se pode experimentar não é passível de ser uma tese científica. O que não existe e é puro fruto da imaginação não pode se dar ao luxo da certeza científica. Dessas proposições de método, é dedutível a inexistência de Deus, ainda mais quando o ser divino se mostra incompetente para agir por si mesmo para punir ou desmoralizar quem se desviou do caminho. Não há como depositar confiança no divino que só é capaz de agir por intermédio de quem o segue. No argumento de PC Siqueira contra a crença religiosa, ele mobiliza valores morais e científicos. A desmoralização do divino é complementada por sua incapacidade de provar pelo teste científico a sua existência.

Na sequência, o *youtuber* continua a detalhar ainda mais a sua crença na ciência e nos poderes superiores do divino. Note-se que não é uma ciência específica, mas "a ciência". Para ele a ciência é certa porque funciona e lhe dá os benefícios do mundo moderno como os aparelhos eletrônicos. Seu Deus, diz ele, é a ciência, ou seja, ele defende que a ciência ocupe o local de culto e devoção. Tal atitude parece não ter motivação racional, mas funciona por oposição à religião institucionalizada. O argumento é extremamente emocional e busca uma resposta também emocional do seguidor.

> Então, vamos entrar por esse caminho, vamos supor que eu acredito muito na ciência, que é verdade. Eu acredito na ciência e vamos supor que prá você entender melhor que seja o *meu deus a ciência*, certo. Eu vou explicar *por que o meu deus funciona* e o seu não. Primeiro, eu tô gravando numa câmera que é feita pela ciência. [...]. Então, as pessoas souberam que a luz se reflete de forma diferente, se você pode colocar eletrodos [...] e depois gravar um cartão. [...] Já a partir desse princípio, o computador digital usado por você também foi feito pela ciência, não por deus, e a ciência não é alguém, uma entidade ciência. Só o fato de você conseguir saber as coisas testando e provando ela. [...] O meu deus, seja a ciência, a minha religião a ciência, e o (meu) messias seja a gravidade. Se você desafiar as leis do messias as consequências não são imediatas e eu não preciso provar para ninguém que existe. Se você chegar e pular de uma ponte e cair no chão; se você desafiar esse meu messias que se chama gravidade, você sempre vai morrer! Vem cá, eu não vou fazer absolutamente nada, inclusive eu vou tentar provar prá você que você está errado, não deixando você pular. Não deixando você pular, não vai lá, vai ver o que acontece com você. Ver como o meu deus é todo-poderoso, não vai ficar num pulo desse, pois você só tem uma chance: você vai morrer. Vem cá, e se você quiser insistir na sua na sua ignorância, você vai lá e vai pular e vai morrer invariavelmente; quer dizer, a não ser que seja uma ponte muito rasa. Então, é por isso que eu não acredito em deus. Eu acredito na gravidade, porque a gravidade ou pular da ponte, eu vou morrer. Eu xingar deus 100 vezes nada vai acontecer. Porque primeiro deus não existe, e segundo, alguma coisa boa vai acontecer. Se eu morrer é porque um fanático veio atrás de mim e quis me matar, porque ofendeu essa honra [...]. Então, é isso, cara, foda-se a sua honra, foda-se o seu deus. Pule de uma ponte e tchau!

A crença no poder supremo da ciência ultrapassa as invenções tecnológicas para alcançar maior autoridade com a lei da gravidade. Sua ideia consiste em propor testes desafiadores. Ele desafia o interlocutor para que se jogue da ponte e o estimula a xingar deus. As consequências mais graves do pulo da ponte do que contra os xingamentos ao ser divino comprovam a eficiência do poder científico em relação ao clamado pelas religiões. O teste poderá ser repetido diversas vezes e o resultado será o mesmo. O autor procura, de maneira simplificada, seguir os padrões do método científico. No final, há a atitude emocional que busca respostas no mesmo nível, o que resulta em visibilidade.

A imagem de PC Siqueira merece atenção (ver Figura 14). A estampa demoníaca na sua camiseta é, com certeza, uma estratégia discursiva de enfrentamento e humor do *youtuber*. O seu uso foi intencional, para, de forma irônica e agressiva, sublinhar ainda mais o tom elevado da sua mensagem. Ela lhe trouxe como resposta mensagens positivas e negativas; de apoio ou de ofensa. Outros comentários coincidiram com a intenção de PC e entenderam a ironia agressiva do autor, como o de Talisson Vinicius: "O povo tá falando da blusa do cara! Falando que é satanista e tal. Gente, kkkk isso é apenas ironia! O cara está sendo debochado, para bugar as mentes suas".

Em resposta às provocações e ofensas de cristãos contra PC, a seguidora do seu canal Isadora Pompeo há quatro anos escreveu um comentário que lhe rendeu 2.400 curtidas. Em vez de evocar os argumentos de PC para lhe apoiar, a seguidora recorre ao perdão divino para proteger a liberdade de expressão do *youtuber*. No caso, observam-se as virtudes cristãs confortando a ira contra discursos ateístas.

> Ei, cristão! Ao invés de ficar comentando maldades e insultando a vida dele, faça seu papel de Cristo na terra e abençoe a sua vida, ore por ele. Não esqueçam que nosso Deus não é Deus de confusão e contenda, e que o papel de convencer não é nosso, e sim do Espírito Santo. Seja luz, espalhe amor!

A interatividade nos canais de vídeos ateus mais uma vez conta com a participação de praticantes religiosos. Nesse caso, o comentário se dirige a cristãos que porventura assistam ao vídeo postado por um ateu confesso em seu próprio canal. A seguidora não dialoga diretamente com o *youtuber*, mas conclama os cristãos que assistem a orar por ele e reagir de acordo com a virtude pacífica alheia a contendas. Sinaliza também que o convencimento não resulta da prática argumentativa, mas é um atributo da fé (o canal foi retirado do ar recentemente).

Os comentários ao vídeo, na sua maioria, são curtos, e ele também não motivou quantidade significativa de depoimentos. Ao contrário desses aspectos quantitativos irrelevantes, ressalta-se nos comentários a sua marcante característica irônica, debochando do ateísmo como uma nova moda do momento e passageira. Em resposta a tais provocações, Pedro Henrique, há cinco anos, reagiu em sua postagem:

> Para os pseudomoralistas de plantão dizendo que ser "ateu virou modinha", já vou adiantando que eu sou de uma família católica e sou ateu. Porém eu nunca digo que sou ateu, pois o preconceito é gigante para com um ateu nos dias de hoje. O único lugar em que posso dizer isso abertamente é na internet. Então, não generalizem dizendo que virar ateu virou modinha. Do mesmo jeito que eu não generalizo dizendo que todos os crentes são ignorantes. Vlw, flw.

Em relação à oposição marcante que PC elabora entre Ciência e Religião, poucos comentários são notados. A maioria, ao contrário, reclama dos religiosos e da religião, sem chegar a mencionar qualquer consideração sobre a Ciência. A preocupação não se direciona em firmar a posição ateia frente às convicções religiosas, mas, pelo contrário, defender a liberdade de crença religiosa independente do credo seguido. A postagem de André Palacio Braga Tivo confirma essa tendência.

> Não venho aqui gerar treta nem nada, mas o conceito da maioria das religiões é você ser uma pessoa boa. Fanáticos religiosos geralmente não estão em total acordo com suas doutrinas. Não importa se você acredita em Buda, Deus, Maomé etc. O objetivo é ser uma pessoa boa. Nesse vídeo ele é totalmente preconceituoso. Sou agnóstico.

A provocação da postagem de André não reage opondo o ateísmo como opção às violências praticadas em nome da religião, tampouco por conceder maior importância à ciência. O que se mostra na resposta à postagem anterior, com 93 respostas, é um desafio inter-religioso, como o que evoca, por exemplo, Giovana Rivas.

> Andre Palacio Braga Tivo, a maioria das religiões prega o preconceito. A Bíblia que, erroneamente, dizem ter sido escrita por um profeta, prega o pior dos preconceitos, coisa que um Deus que se preze não aprovaria de modo algum. A única religião que prega amor realmente é o budismo, mas ainda assim podemos dizer que há alguma coisa errada, até porque Buda era um monge, muito sábio por sinal. Mas seus ensinamentos estão muito acima da capacidade humana, que, ao invés de seguir a própria consciência como deveria ser e espalhar a paz e o amor, apenas gera ódio e violência, usando como desculpa palavras de ódio e fúria de um mero mortal que ousou escrevê-las em um livro e dizer que ensinava a amar o próximo.

A diferença entre PC Siqueira e os demais até então analisados é a sua segurança ao usar como estratégia de comunicação uma linguagem mais agressiva, apoiada num visual que segue a mesma tendência. Aparenta, nas suas intervenções midiáticas, não se importar com a opinião alheia, mantendo-se firme na atitude iconoclasta que lhe reserva apoio fidelizado dos seus seguidores.

No ano de 2020, PC Siqueira retirou o seu canal do ar, após ter sido acusado de pedofilia com a divulgação de áudios gravados.

3.1.6. O canal “Eu, ateu” de Yuri Grecco: *E se eu estiver errado?*

Figura 15. Yuri Grecco

Outro canal ateu importante é o extinto “Eu, ateu”, que hoje tem o nome de “Eu, Ciência”; essa mudança foi devida às experiências que o *youtuber* teve na vida. Indica certo amadurecimento e mesmo certa melancolia. O ateísmo do autor não ficará mais evidenciado nos próximos vídeos. O primeiro canal foi desativado por causa de uma mudança de paradigma pessoal do autor. Tanto o antigo canal como o atual contam com pouco escritos. No entanto, a trajetória dele impressiona porque mostra que o trauma do divórcio mudou um pouco a perspectiva do vlogueiro Yuri Grecco, formado em Biologia e residindo no Canadá.

Na época da crise, Yuri questionou seu próprio ateísmo. Ele chegou ao extremo de pedir publicamente por ajuda divina. Entretanto, o vídeo que analiso não é do antigo canal, mas uma repostagem de um fã que achou que o vídeo dele era relevante. Ou seja, anos depois do fim do canal, alguém teve a preocupação de arquivar e julgar em sua mensagem a relevância do vídeo.

> Pois é, e se eu estiver errado? Bom, gente, não deve ser nenhuma surpresa para vocês o fato de constantemente me perguntarem e se eu estiver errado sobre se [...] realmente existe um deus. Quando eu morrer o que acontece? Sim, vamos supor que existe um deus contra toda lógica, contra toda racionalidade, contra toda falta de evidências. Vamos fazer esse exercício mental e supor que eu esteja errado. Eu costumo dar essa resposta explicando para a pessoa [...] [que] só não acredito no deus que ela acredita. Por causa da inserção cultural dela. Se ela tivesse nascido em outro continente, em outra cultura, ela teria um outro deus, com a mesma certeza

> que ela tem nesse deus dela atual [...]. Bom, se eu estiver errado, quando eu morrer vou ser confrontado com deus, e aí eu consigo pensar em duas possibilidades. Claro que existem virtualmente infinitas possibilidades de deuses. Mas consigo pensar em duas possibilidades categóricas. Primeiro, é o deus bíblico. Se eu for confrontado com o deus bíblico, certamente inferno é o meu destino, [na direção] pois eu não acredito em deus. Não acredito em deus em vida, só que se for deus bíblico eu vou pro inferno feliz, é prá lá que eu quero ir com certeza. Considerando deus bíblico, repito, ele é facínora, um assassino, um infanticida e inescrupuloso, que gosta de fazer joguinhos de terror psicológico com as pessoas.

O discurso de Yuri recuperado na repostagem segue um tom muito pessoal. É praticamente um diálogo com Deus, de um confesso livre-pensador em pleno desabafo. Para Yuri, a religião é o discurso vitorioso de um grupo, e o deus bíblico é comparado a facínoras históricos, como Hitler.

> Obviamente todos os livres-pensadores não estão no inferno. Essa visão do deus bíblico, se ele existisse, a impressão que eu tenho – eu vou desenvolver essa ideia melhor em outro vídeo... Mas imagina que Hitler [...] que o Eixo liderado por Hitler tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial. Se Hitler tivesse conquistado tudo o que ele realmente queria, o mundo inteiro. E que o mundo inteiro caísse então sob domínio do Terceiro Reich. Dez anos depois, Hitler ou os historiadores escrevem um livro para contar a história. Como você acha que vai ser esse livro? Como você acha que vai ser essa história, de um facínora tomando conta, de um livro escrito pelo vitorioso? É óbvio que Hitler vai ser um cara legal, o bonzinho que unificou o mundo, que salvou o mundo das suas mazelas. Esta é a visão que eu tenho do deus bíblico: de um facínora que ganhou a guerra e escreveu o livro do vitorioso, portanto, e para o lado do perdedor, nesse caso, o inferno seria melhor coisa que poderia acontecer comigo. E eu estaria muito feliz por ter certeza, porque obviamente o inferno seria nada daquilo descrito no livro do vencedor. Vamos supor que não seja o deus bíblico; vamos supor que seja o deus alegado pelas pessoas que me fazem esse questionamento, um deus misericordioso, um deus bondoso, um deus inteligente, um deus que cria e cuida, que não é o deus bíblico.

Após divagar sobre a história contada pelos vencedores ser comparável ao que se conta na Bíblia, portanto não se ater aos fatos, mas aos elogios dos conquistadores, Yuri chega às raias de conclamar por reconhecimento e salvação. Para tal, ele demonstra que isso se justificaria com as suas boas obras. Notam-se duas concepções de Deus: na primeira parte o deus bíblico é comparado a Hitler. Na segunda parte, as ações benéficas de sua vida indicariam uma espécie de salvação pelas obras.

> Não entendo essa discrepância. Ora, nesse caso, eu nem precisaria dizer nada, mas se eu fosse dizer alguma coisa eu diria algo do tipo: é, deus, beleza, eu vivi da melhor forma possível. Eu procurei não prejudicar ninguém, eu sempre ajudei as pessoas quando estava ao meu alcance e quando eu julguei que essas pessoas mereciam ser ajudadas. Eu fiz um melhor uso das minhas faculdades mentais. Eu tentei combater todo o preconceito que eu carrego, e tentei divulgar combate ao preconceito [...]. Há

> ideias que devemos derrubar, os nossos preconceitos e as nossas discriminações, e se você é realmente um deus criador, você que me deu essa racionalidade, imagino que você esperava que eu a usasse. Eu não encontrei nenhum motivo para acreditar que você existe, sim, enquanto tal livro não tinha nenhuma evidência. Todos os fenômenos que a gente observava lá embaixo, na Terra, podiam ser explicados por leis naturais. Do pouco que a gente não sabia, ou as coisas que a gente não sabia, não havia motivo nenhum para inferir alguma coisa sobrenatural. Por isso que eu nunca acreditei em você. Se você, se o seu objetivo era camuflar a sua existência, você fez um excelente trabalho. E, realmente, não havia nenhum motivo para acreditar em você. E é isso que eu diria, é assim que eu confrontaria esse personagem deus. E se ele é realmente misericordioso, bondoso, e se mostrou inteligente, [...]. Uma vida decente ia me mandar para o paraíso. Imagina que um paraíso bem diferente do que as pessoas cristãs idealizam. Um paraíso pra mim seria um paraíso pessoal, cada um teria a sua própria ideia de paraíso, do que é o ideal para ela, com o que ela gosta e o que ela ama. E é isso, gente, eu tentei tornar isso o mais simples possível, mas, bah! Espero não ter falhado ao tentar tornar isso simples, ou seja, deixar elementos muito importantes de fora. Isso aí, pessoal, abraço pra vocês até o próximo!

Num vídeo[52] recente do novo canal, Yuri faz uma reflexão sobre a vida antiga no *YouTube*. Ele declara que seu canal era especificamente para falar de ateísmo e evolução. Também se considera um dos primeiros divulgadores de pesquisa científica na plataforma. Ele diz que o cenário de divulgação científica no *YouTube* está bem servido. Há algumas coisas desmotivaram sua permanência no *YouTube*, além das que já foram ditas, como a questão das desmonetização. Nota-se amadurecimento e grau de decepção com os rumos da plataforma. Yuri Grecco observa que sua atuação tinha maior resposta quando era sarcástico e que seus vídeos com tal atitude tinham mais visualizações. Apesar da crise de anos atrás, Yuri ainda se considera ateu.

3.2. SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Ao refletir sobre os vídeos apresentados, várias questões vêm à mente, como as características de cada *youtuber* e os processos sócio-históricos de suas produções. Sua produção marca as transformações da sociedade brasileira nas últimas duas décadas: o país passou a ter uma população significativa de sem religião e ateus, que aparecem nos levantamentos do IBGE. Também deve-se levar em conta o fator *internet*, que introduziu novas formas de comunicação mais interativas e que evoluiu rapidamente com a Web 2.0. O movimento neoateu aproveita essas novas formas de comunicação e sociabilidade e divulga com mais rapidez suas ideias.

[52] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uhhwE1Dbqhw>. Aceso em 29 set. 2020.

Sobre a produção de conteúdo que foi disponibilizada aqui, vale lembrar que é um recorte diante de várias produções que apareceram no período. Esta pesquisa de doutorado não tem objetivo de ser exaustiva na coleta de dados, mesmo porque eles estão em constantes transformações. Dois produtores de conteúdo aqui apresentados são/foram estudantes de Biologia, Pirulla e Yuri Grecco. Temos também um doutor em Física, que não teve muito sucesso, fora o vídeo cuja tradução ele fez, D-dimensões.

Como exemplo das constantes transformações, temos dois exemplos: Yuri Grecco, que de certa forma abandonou a linha mais agressiva, e PC Siqueira, que foi acusado de pedofilia e por isso sofreu severas críticas dos seguidores, tendo que retirar seu canal da plataforma.

Podemos perceber a construção da identidade dos *youtubers* nos discursos: o elemento antirreligioso é presente como forma de identidade e que atrai uma parcela significativa de seguidores. Essa identidade virtual é importante na demanda e apresentação dos produtores de conteúdo. Nos discursos presentes nos vídeos e nos comentários dos seguidores, a questão do conflito entre Ciência e Religião está presente. Essa construção identitária vale-se do conflito de uma suposta divulgação da ciência, como eles entendem ser a ciência. Por último, mesmo nos vídeos mais sérios, encontramos traços de humor. Esse humor pode ter implicação e suavizar a mensagem e atrair seguidores. Porém, consideramos importante também salientar que esse humor apresenta outra relevante característica: atuar como uma vingança contra as camadas sociais que comandam a sociedade.

A luta pelo Estado laico nos últimos anos tem se intensificado conforme o avanço do crescimento de evangélicos, seja no número de adeptos, seja na política. O humor pode ser uma estratégia também para desestabilizar e ridicularizar o adversário. Na conclusão desta tese é oportuno discutirmos, de maneira breve, a presença do humor como arma política. O humor seria um tema latente desta pesquisa de doutorado, não menos importante, já que faz parte de um tripé da forma de produzir conteúdo dos *youtubers* brasileiros.

Esta tese pretendeu discutir a irreligiosidade nos meios virtuais e contribuir com uma pesquisa empírica para o conhecimento do campo religioso brasileiro recente. Esse campo mostra-se dinâmico; mesmo que para alguns esse fenômeno pareça insuficiente e tangente, o papel da irreligiosiosidade ainda influencia muito o meio virtual. E visamos demonstrar que ainda atinge muitos brasileiros, dentro e fora dos meios virtuais, como demonstra a pesquisa do instituto norte-americano Pew Research Center.

Na sistematização proposta, o tema do humor não pode se ausentar. Todos youtubers analisados, impreterivelmente, o praticam. Mas, que tipo de humor lhes está associado e como o humor relaciona-se com o ateísmo são questões que passamos a tratar.

3. 3. RISOS DO HUMOR ATEU

Como mostra a variação do IBGE, nestes 20 anos houve modificações dentro da sociedade brasileira; ela se tornou mais plural. Uma das coisas percebidas na tese é o papel do humor na causa dos primeiros *youtubers* ateus. O humor atraiu mais inscritos, cunhou identidades e criou laços. Porém o humor nascido desse desenvolvimento inicial é claramente punitivo, identitário e, por vezes, político.

Se a tese do conflito entre ciência e religião foi atuante na presença teórica do movimento neoateu, ela também se confirma nas posturas assumidas na divulgação virtual. E nos parece, que tal postura conflitiva insinua-se sobre outra prática comum na divulgação ateísta, que é a difusão de suas ideias associadas com o humor.

Considerado em análises anteriores, o humor cumprira um papel estratégico para os *blogs* ateístas suavizarem a mensagem, que, pela sua dimensão, opunha ou se apresentava com a dimensão de proselitismo para atrair principalmente os jovens, resistência como observado pela autora Desideria Cempaka Wijaya Murti, em dissertação feita nos EUA (SILVA, 2015). No entanto, nesta tese, pretendemos confirmar que a já constatada litigância assumida entre ciência e religião implica diretamente na verificação da mudança de natureza do riso. Tanto na sua vertente teórica ou na divulgação dos *youtubers*, essa característica que lhes é comum, a influência da tese da separação entre ciência e religião, modifica sensivelmente o modo de fazer e se aproveitar do humor.

3. 3.1. O riso conciliador

O humor no *YouTube* é importante. Uma pesquisa feita por uma consultoria de mercado, apesar de especializada neste segmento da *internet*, revela aspectos importantes sobre a tendência da crítica religiosa no meio virtual.[53] Ela indica que as páginas de humor do tipo escrachado eram mais atrativas para o perfil dos jovens consumidores. O humor acaba atraindo um público entre 18 e 28 anos para as páginas e, quanto mais debochado, mais escatológico, mais identificação por parte do público jovem. Então, o humor e o riso permitem conhecer o momento atual, entender a dinâmica de como eles podem ser críticos à religião institucionalizada. O riso e o humor atuais como crítica à religião não são uma

[53] As faces do Facebook. Disponível em: <http://www.gauge.com.br/alemdasfacesdofacebook/>. Acesso em: 24 abr. 2014.

novidade. Dentro das próprias religiões, os críticos internos recorriam aos seus apelos. Segundo o sociólogo Peter Berger,

> Em meio à variedade de experiências humanas da realidade, ou o que parece ser a realidade, a experiência do cômico ocupa um lugar distinto. Por outro lado, ela é onipresente. A vida cotidiana está cheia de interlúdios cômicos, de ocasiões para o humor; de pequenas piadas, assim como das mais elaboradas. Mais ainda, a experiência do cômico é universal. Embora sua expressão seja muito distinta de uma cultura para outra, não há cultura sem ela (BERGER, 2017, p. 17).

Não há comunidade humana sem humor. Na civilização ocidental que nasce a partir da Renascença, o humor se tornou componente muito mais crítico à religião institucionalizada. Esse humor nasceu no seio das sociedades cristãs europeias, nas festas populares da Idade Média, e se consolidou na Renascença. Hoje parece ser um produto exclusivo de grupos antirreligiosos que apelam para os risos blasfemos. O presente trabalho não se propõe a analisar de forma exaustiva a história do riso ou do humor. Entretanto, ambos, nas redes sociais, são pensados como uma estratégia proselitista; grupos antirreligiosos nas redes sociais, quando usam o humor, não pensam somente em suavizar seu discurso como também é um atrativo para uma população jovem. O humor é, antes de tudo, uma forma tanto de proselitismo quanto para se desvencilhar da imagem de fanático.

3.3.2 O riso punitivo

A ideia do riso como punição, no entanto, parece mais adequada para a análise dos vídeos; o riso pode ser redentor, mas também punitivo. Nesse caso, poderíamos fazer um paralelo do riso que os *youtubers* querem causar. Por que esse riso é buscado? O humor, além de ser uma estratégia proselitista, às vezes libertadora, permite ao participante se entregar em seu testemunho e tem caráter de punir e desestabilizar a ordem social.

O riso já foi estudado por vários pensadores importantes; não cabe aqui fazer uma análise exaustiva do riso desde os primórdios da humanidade. Um dos pensadores em que iremos nos basear é o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941); seu *Ensaio sobre o significado do cômico* nos dá alguns *insights* para esta tese. A chave de entendimento, para Bergson, está em falar numa filosofia do movimento. Fazer do movente o centro do pensamento que implica procurar racionalidade e desconstruir nossas maneiras de pensar (PINTO, 2018, p. 8).

Para Bergson, o que há de risível no outro é por causa da existência da rigidez mecânica em que deveríamos encontrar flexibilidade (BERGSON, 2018, p. 41). Por isso, ele

diz que nosso riso é sempre um riso em grupo, ou seja, o risível se manifesta diante de uma perspectiva de sociabilidade, mas entrando na ideia do risível como forma punitiva:

> Certamente deve ter sido o cômico que sugeriu a alguns filósofos, em particular Alexander Bain, a ideia de definir o cômico em geral pela *degradação*. O risível nasceria "quando nós representamos algo, anteriormente respeitável, como medíocre e vil". Mas, se nossa análise é correta, a degradação é apenas uma das formas da transposição, e a própria transposição é apenas um dos meios de obter o riso. Há muitos outros, e a fonte do riso deve ser procurada em lugar mais elevado. De resto, sem ir muito longe, é fácil perceber que, se a transposição do solene para o trivial, do melhor para o pior, é cômica, a transposição inversa pode ser muito mais (BERGSON, 2018, p. 40).

Ao citar a degradação como uma transposição para obter o riso, ele discorda de alguns filósofos. A concepção de degradação é importante dentro do seu pensamento, pois transmite a ideia do riso como correção, como veículo para humilhar. No seu conceito, o riso expressa um modo da ordem social vingar-se das liberdades que os indivíduos lhe impõem (BERGSON, 2018, p. 122). Acreditamos que, neste sentido, Bergson reflete nos parâmetros impostos por uma sociedade com estrutura conservadora. Entretanto, podemos utilizar isso para grupos sociais diferentes, em que o outro é passível do risível diante das concepções próprias do seu segmento. O riso não é, então, propriamente justo, ele também tem a função de intimidar e humilhar (BERGSON, 2018, p. 123).

O movimento neoateu também utilizou o humor como forma de questionar os valores das religiões tradicionais. Dawkins diversas vezes pediu que ridicularizassem a religião em público. Daniel Dennett, Sam Harris e o falecido Christopher Hitchens muitas vezes eram irônicos em suas abordagens. Contudo, um dos problemas desse movimento é seu caráter ocidental e culturalmente anglo-saxão. Tal atitude belicista acabou esgotando o movimento para o público mais afastado das redes sociais. A ideia do uso do humor afastou-se da sua inicial intenção de meio para suavizar a mensagem. Defendemos a tese de que a temática no *YouTube* não é a da suavização, mas um tipo de humor com caráter vingativo, pensando na categoria considerada por Bergson.

Quando os vlogueiros começaram a usar vídeos para espalhar suas opiniões, empregaram um humor muito conflituoso, que, no geral, atraía a atenção dos usuários. Um dos produtores de conteúdo, Yuri Grecco, admite que o sucesso inicial de seu canal se devia ao sarcasmo de suas opiniões. Podemos chegar à conclusão de que a produção dos vlogueiros foi importante para entender, em parte, as mudanças no cenário religioso brasileiro. Vemos que é uma microanálise sobre algo que não é muito perceptível na academia, sempre preocupada com temas ao gosto específico dos orientadores. O humor, a divulgação científica

e o conflito entre Ciência e Religião desses grupos formam o tripé de fenômeno social pequeno, mas que deixou marcas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi descrito no Capítulo 1, o recorte temático e temporal buscou pegar o período de 2011 a 2020; a experiência ateísta foi motivada pelo surgimento do movimento neoateu, que teve sua origem na reação aos atentados de 11 de setembro de 2001. Cientistas, como Dawkins, Harris e Dennett, deram origem ao movimento que teve êxito com as vendas bem-sucedidas de seus livros. Uma nova onda de secularismo antirreligioso, que tem como ideia base a substituição e a expulsão da religião do debate e da presença pública. A noção de religião seguiu muito a concepção medieval de Santo Agostinho, como religação do homem com o sagrado. Suas ideias moldaram o pensamento cristão ocidental. Mas, nos debates que seguiram nas duas primeiras décadas do século XXI, a ideia de religião para os adeptos do neoateísmo é bem superficial.

Por isso, observou-se uma introdução ao pensamento científico moderno a partir do século XVII; não é possível sair da superficialidade da análise da religião sem ao menos saber como o pensamento científico se desenvolveu na Modernidade. Claro que datar ou estabelecer o surgimento de pensamentos e traçar metateorias são sempre enfoques dos autores. A Filosofia natural teve forte avanço a partir do século XVII, e o Iluminismo teve grande influência sobre a Europa a partir desse período. No século seguinte, a ciência mecanicista se consolidou. E, no século XIX, houve vários avanços nas ideias científicas e a vulgarização, nem sempre benéfica, dessas ideias, como cientificismo, darwinismo social, eugenia etc. O positivismo também tem seu lugar de destaque neste século. No século XX, podemos colocar em destaque Kuhn e Popper como paradigmáticos das novas formas de ciência.

Sobre a relação entre Ciência e Religião, no capítulo um, ainda foi discutido o avanço da compreensão da religião, que inicialmente foi pensado dentro do modelo cristão, para o estudo laico do fenômeno religioso. Desde o século XI, com o surgimento das universidades, houve um avanço considerável no entendimento das ciências e da religião mediante o avanço da linguagem e pelos escritos de Aristóteles comentados por estudiosos islâmicos. A Idade Média foi uma época de síntese cultural e científica, em que muçulmanos e cristãos contribuíram para o crescimento científico.

Ainda debatemos como o pensamento ateu se desenvolveu; para isso, autores como o francês George Minois e o filosofo Baggini deram suas contribuições. Neste caso, também contribuíram para compreensão Dawkins e Harris na sua crítica a Gould sobre o papel do cientista em relação à ciência, na qual os dois primeiros acham ser de completo afastamento. Harris acredita que padrões morais podem surgir da ciência e Dawkins defende o

reencantamento do mundo pela mesma ciência. Sobre o ateísmo no Brasil, a obra do professor universitário Ricardo de Oliveira nos dá diversas referências. Contudo, apesar deles, fazer pesquisa exaustiva sobre o ateísmo brasileiro chegou ao ponto que nós também concluímos: o ateísmo é algo recente na sociedade brasileira. E a visibilidade do movimento é motivada pelo surgimento das redes sociais. Então isso nos leva a crer que o espaço virtual motivou uma antirreligiosidade nas redes que ainda persiste, e que ainda há o desenvolvimento de grupos ateus dentro das redes – neste caso o YouTube.

No Capítulo 2, temos várias sistematizações históricas sobre a internet, priorizando o YouTube como formação dos *vlogs* e como eles evoluíram para produtores de conteúdo e uma forma de subsistência financeira. Do vlogueiro surge o *youtuber*, profissional que se dedica a produzir conteúdo, inclusive com cursos "profissionalizantes" para produtores de conteúdos de vídeos. Mas as regras de monetização dos conteúdos do Google mudaram e diminuíram o interesse de pequenos produtores. Nem assim deixam de existir aspirantes a celebridades virtuais. Nesse capítulo discutimos o ciberativismo e a cibercultura, inspirando-nos em pensadores como Lévy e Castells. O mundo conectado é de rápida informação e descentralizado na questão de quem detém poder midiático que forma e influencia pessoas. Os produtores virtuais são visados, e sobre eles há enorme pressão por conteúdo novo, por regras de comportamento ou influência política.

Dentro do mundo dos *vlogs* surgiu o subfenômeno dos ateus, que, motivados pelo sucesso dos neoateístas, começaram a divulgar suas ideias no *YouTube*, atraindo a atenção de pessoas de diversas faixas etárias. Vemos que alguns tiveram sucesso, outros não. Entretanto, um subtema está presente no discurso deles: a vertente antirreligiosa. Consideramos o movimento neoateísta um subfenômeno do ateísmo clássico que teve sua divulgação facilitada pela virtualidade. O ciberespaço, com o surgimento da Web 2.0, facilitou a interação de forma mais rápida, algo em que o ateísmo, por ser minoritário, acabou ajudado na comunicação com indivíduos antes isolados e tímidos, a Religião sendo como oposição à Ciência como fenômeno natural ou mesmo conflituoso. No Brasil, o ateísmo se estabelece como um ramo social autônomo graças ao surgimento da internet em nossas terras, isto é, na década de 1990. Antes, o ateísmo brasileiro era muito mais ligado aos grandes ramos políticos, como o comunismo ou o anarquismo.

Duas pesquisas encerram o Capítulo 2, uma de um instituto americano e outra feita por pesquisadoras brasileiras. As duas coroam o que foi descrito na tese, porque descrevem a influência das redes sociais e como os pesquisados se comportam diante delas. A pesquisa norte-americana nos deixa o predicado de que a tese de conflito é bem estabelecida dentro da

sociedade brasileira. Cerca de 70% dos entrevistados acreditam nessa tese de conflito entre a Ciência e a Religião. Já a pesquisa brasileira mostra o poder de comunicação das redes sociais modernas e como o jovem brasileiro se posiciona em relação à ciência. Todavia, também mostra que a religião é uma das principais preocupações dos jovens que estão entrando no mercado de trabalho agora.

Os Capítulos 3 e 4 estão interligados, pois no terceiro analiso as fontes e indico as metodologias usadas. As fontes são os vídeos dos vlogueiros/*youtubers* e os comentários feitos pelos seus seguidores. Os sete vídeos analisados dão um panorama qualitativo das experiências ateístas no YouTube, que tiveram seu auge em meados da década passada. Nos comentários descobrimos apoios, ligações de pertencimentos, medos da perseguição e sentimentos antirreligiosos. Cada *youtuber* tem suas características, mas vemos algo que os une: sua identidade ateísta. Uns mais agressivos, outros menos.

No último capítulo, realizamos uma breve análise do sentimento humorístico nos fenômenos. O próprio Dawkins já havia falado para ridicularizar a religião, mais especificamente as crenças católicas, citando-as como exemplo. O humor que tais *youtubers* têm é muito mais um humor de vingança, por causa da hegemonia religiosa e contra o estigma que o ateu tem na sociedade. Também nesse capítulo pensou-se a relevância do fenômeno ateu/neoateu dentro das redes sociais, seu ciberativismo e o papel dele no momento atual, pois ainda se continua a pensar e militar pelo ateísmo dentro do *YouTube*.

Sem dúvida, o humor aliado à tese de conflito gera simpatia para o movimento ateu nas redes sociais, neste caso o *YouTube*, muitas vezes com alcunha de divulgadores de ciência. Muitos produtores de conteúdo usam do sentimento antirreligioso para gerar seguidores de seus canais. Num período de intensas modificações da sociedade brasileira, o fenômeno ateu é uma parte da visibilidade de nossa pluralidade e de diversidade social, aqui apresentada no cenário religioso brasileiro em que o ateísmo se consolida. Entretanto, muito se pesquisa sobre religiões, pouco sobre o fenômeno de oposição a elas.

Nos diversos caminhos percorridos nesta tese, dialogamos com várias ciências, respeitando o contraditório. As fontes apresentadas são um recorte temático que demonstra parte do cenário religioso brasileiro. A irreligião, com certeza, faz parte desse cenário, mesmo que seja uma opção de confronto, reafirmação e identidade. Ora, os ateus são um grupo minoritário; nem por isso devemos deixar de estudar suas manifestações, porque, apesar do pouco espaço e da discriminação possuem voz ativa, principalmente nas redes sociais

Enfim, como afirmado em diversas ocasiões, com esta tese pretendemos contribuir para a pesquisa empírica acadêmica no país. Neste caso, sobre o papel do ateísmo na configuração do cenário religioso brasileiro. Qual contribuição? Podemos ver várias, como de que a tese de conflito contribui para um sentimento antirreligioso. Tendemos a simpatizar com as minorias e achar que sempre são vítimas de intolerância, mas todas as comunidades, virtuais ou não, têm algum grau de rejeição a ideias contrárias. A ONG ATEA foi um exemplo de sucesso, mas também de certo fracasso, pois a página, que tinha milhares de seguidores ao mesmo tempo que protegia os interesses dos ateus, diversas vezes extrapolou em suas críticas. No fim, acabou atraindo a ação do Ministério Público. Hoje a ATEA não possui mais página no *Facebook* por causa das denúncias.

Então há uma discussão interna da tese sobre tolerância e intolerância. Até onde, em prol de aceitação da sociedade majoritariamente religiosa, ser ateu me permite também ser intolerante? O caminho da tolerância diante das religiões à mensagem ateísta teria grande efeito? Estamos atentos às dinâmicas internas dos fenômenos sociais e religiosos? Ou idealizamos demais?

Nas hipóteses iniciais para sustentar a viabilidade desta tese de doutorado, foram escolhidos vlogueiros como PC Siqueira, Daniel Fraga, Yuri Grecco, Pirulla, Clarion, que não davam amostra de como se desenvolveu, dentro do quadro geral das transformações da sociedade brasileira, o papel do ateísmo no *YouTube*. Como pode ser percebido, eles são um fragmento, um pedaço das inúmeras consequências do aumento da pluralidade social, econômica, política e religiosa. É um grupo heterogêneo, portanto; seus pontos de encontro se estabelecem dentro do que pontualmente chamamos de neoateísmo, visto que, no tocante aos momentos históricos, estavam sendo influenciados pelo movimento neoateu.

Contudo, a heterogeneidade é apresentada nas características de cada indivíduo. Clarion é um funcionário público; Pirulla é um acadêmico com doutorado em Paleontologia; PC Siqueira era VJ da MTV brasileira e ilustrador; Grecco é formado em Biologia e imigrante no Canadá; Daniel Fraga é um anarcocapitalista etc.[54]

Do ponto de vista da teoria clássica de classes sociais, esses indivíduos não parecem ter nada em comum. Isso em um imediato olhar superficial. O que temos é um grupo que acumulou certo capital intelectual; a maioria é de jovens de classe média que adentrou a universidade. A experiência desses jovens (por assim dizer) valeu para que tivessem suas opiniões levadas a sério. Tal acúmulo de capital para a desenvoltura diante das câmeras e dos

[54] Lembrando que são jovens abaixo dos 40 anos, brancos, heterossexuais (apesar de visivelmente ligados à defesa LGBT+) e homens. O perfil é basicamente de classe média urbana e com certo capital cultural formal.

discursos, que teriam receptividade em grupos insatisfeitos com a sociedade *mainstream*, foi determinante para seu sucesso mesmo que dentro de uma subcultura ateísta.

Então, temos o *YouTube* como um espaço para desenvolvimento de uma subcultura antirreligiosa. Obviamente a plataforma não é o único lugar onde essa subcultura se desenvolveu, pois ela perpassa todas as redes sociais. Essa subcultura vê a religião como perigosa, alienante e obstrutora do progresso científico. Podemos achar as raízes desse tipo de pensamento dentro da história brasileira, desde o positivismo que encantou nosso Exército e a classe média nascente no final do século XIX, até no anarquismo e no comunismo dentro dos movimentos operários.

O espírito antirreligioso nunca deixou de ser latente desde então. O problema desse sentimento se encontra em suas próprias concepções – no caso do ateísmo brasileiro, em que julgamos que a principal diferença é que ele nunca antes tinha sido plenamente autônomo, sempre estava inserido nas grandes concepções teóricas do século XIX.

Havia ateus no Brasil querendo seu espaço, mas o ateísmo de forma autônoma não tinha raízes fortes o bastante. O neoateísmo rompe esse espaço; ao ser promover de forma midiática, aproveitando as formas modernas de comunicação, com lideranças carismáticas amplamente conhecidas em seus nichos intelectuais. O neoateísmo veio como uma esperança de ser autônomo. Era possível ser ateu rompendo o isolamento social que a ideia provoca. Talvez não esteja claro o que seria essa autonomia. Explicando: no mundo anglo-saxão, o ateísmo tem uma história consolidada, com diversas associações que pregam o ateísmo e a laicidade do Estado. As pessoas se reúnem como livres-pensadores, sem que a concepção de ateísmo esteja vinculada a alguma teoria. O neoateísmo acredita nessa proposta de ateísmo autônomo.

Entretanto, essa autonomia é aparente, pois os divulgadores da corrente sempre fazem a associação do movimento a uma concepção científica da realidade. Essa concepção é geralmente associada ao método científico das Ciências Naturais, das Ciências da Natureza, rejeitando inclusive outras metodologias científicas que não sejam cartesianas. O que pode fazer um neoateu diante dos problemas metodológicos da História, da Sociologia, da Filosofia?

Aliás, por vezes o ateísmo tem um caráter substitutivo para a religião, com cerimônias que imitam as de outras religiões, mas, sobretudo, a cristã. Na temática da tese, a questão da produção de conteúdos dos *youtubers* não tem essa preocupação. O que resolvemos investigar é como, da primeira geração de vlogueiros, posteriormente alguns viraram *youtubers*, expressaram sua descrença religiosa e como ela está inserida nas transformações sociais

brasileiras das últimas décadas. Essas transformações foram bem rápidas. Esse grupo, dimensionado como uma subcultura, com vários produtores anônimos ou nem tanto, criou um segmento interessante dentro da plataforma *YouTube* e continua a influenciar os que vieram depois.

Figura 16. Grupo Liga Racionalista e o militante Antônio Miranda[55]

Um novo grupo que surgiu no ano de 2017 foi a Liga Racionalista, comandada pelo militante ateu Antônio Miranda. Citamo-la para exemplificar que a atividade ateísta do *YouTube* pode ter seus altos e baixos, mas continua ativa. Os temas do canal são relacionados à ciência, porém, no vídeo de apresentação do canal, Antônio faz uma interpretação da Bíblia que segundo ele é igual à que fazem os defensores do *Design* Inteligente[56]. Tal apresentação indica que a tônica será sempre baseada na tese de conflito entre Ciência e Religião. O produtor de conteúdo não esconde seus interesses ao propor para o canal o perfil de divulgação científica alicerçada na desconstrução de temas religiosos. Antônio não está sozinho, pois conta com a ajuda de colaboradores.

Esse é um exemplo entre muitos. Poderíamos falar de diversos outros pequenos canais, alguns com milhares de visualizações. Ora os produtores de conteúdo publicam com frequência, ora há lapsos de tempo significativos. Uma das coisas que determinaram certo

[55] Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCOSvZpzf5VNppg8g3naxFMQ>. Acesso em: 01 fev. 2021.

[56] O movimento do *Design* Inteligente é uma que retoma diversos argumentos do pensamento filosófico e religioso ocidental, a tese principal do *design* é que, que por vezes se tornar uma teoria oposta a evolução, é a defesa existe uma teoria científica para a criação (ANDRADE; BARBOSA, 2013, p. 709).

desinteresse de ser mais ativo na produção foram as novas regras do *YouTube*, que praticamente tiraram a renda de canais pequenos, mas iniciativas como a do canal "Liga Racionalista", que, apesar de poucos inscritos, possuem boa repercussão, indica que o ateísmo virtual brasileiro se consolidou; mesmo que os grupos iniciais, dos primeiros anos do *YouTube* tenham perdido o interesse, sempre haverá aqueles que vão levantar a bandeira.

Não estamos querendo dizer que os divulgadores de ciência são necessariamente ateus. Entretanto, parece que a associação se dá num nível identitário: para alguns, a ciência leva necessariamente à tese de conflito, o elemento-chave para afirmar sua descrença. A Liga Racionalista lembra o *blog* da tropa dos Lanternas Verdes, que trabalhava com diversos temas, inclusive filosóficos, e foi retirado do ar. Apesar de eles não terem sido um canal fortemente ateísta, o tema era recorrente.

Concluindo, o fenômeno do ateísmo do sentimento antirreligioso nas redes sociais é multifacetado. A antirreligiosidade é algo inerente à sociedade moderna, e o neoateísmo surge como subproduto das demandas contra aquilo que geralmente é visto como ameaça ao Estado laico. Também pesa sobre isso a tese de conflito que acredita no pressuposto, verdadeiro ou não, de crise secular entre a Ciência e a Religião.

Esse embate, opondo Ciência e Religião, talvez possa fundamentar a popularização nas últimas décadas de teses anticientíficas, divulgadas nos meios de comunicação por grupos conservadores e religiosos; como, por exemplo, a teoria da terra plana e o movimento antivacinas.

A radicalização neoateísta, ao considerar a ciência um substituto à altura da religião, pode ser parte de um processo de polarização que motiva os religiosos e conservadores a se oporem, por sua vez, à ciência. O neoateísmo atenta para os avanços de certos problemas manifestados nos interesses de grupos radicais, mas, ao trazer consigo críticas baseadas num materialismo científico cheio de um cientificismo oitocentistas anacrônico, também integra uma das faces do radicalismo.

Os pesquisadores perceberam que uma parte significativa da população, principalmente jovem, se informa através do *YouTube, Facebook, WhatsApp, podcast* (talvez o meio menos influente no momento). A academia parece preocupada com a produção científica que se manipula nesse meio. Por isso, há iniciativas tanto institucionais ou de particulares para a divulgação da ciência. O *Youtube* tem sido um espaço para a democratização do conhecimento, persistindo o problema de como adaptar a linguagem para a acessibilidade deste conteúdo.

Promovem-se, nesses meios, com altos índices de seguidores, como vimos nos vídeos analisados, divulgações científicas em defesa do movimento neoateísta. Adere-se à tese de conflito entre ciência e religião, com forte impacto no senso comum, sem os devidos cuidados com a precisão das teorias divulgadas.

As posturas antirreligiosa e anticientificista, tão contundente no atual cenário político nacional, podem ser promovidas e estimuladas pela própria necessidade antagônica exigida pelo modo como se estabelece o debate nas mídias sociais, organizados em bolhas identitárias. O humor punitivo, ingrediente necessário do movimento neoateu nos vídeos que analisamos, nada mais é do que um sintoma das grandes tensões que hoje permeiam nosso tempo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Adone. **História das religiões**: Perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.

AMARAL, Bruno. Internet na América Latina cresce, mas preocupa, diz ONU. **exame.abril.com.br**, 2017. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/internet-na-america-latina-cresce-mas-preocupa-diz-onu/>. Acesso em: 04 jun. 2017.

ANDRADE, Roney de Seixas; BARBOSA, Wilmar do Valle. Teoria do *Design* Inteligente: teoria científica ou discurso religioso? Apontamentos sobre uma controvérsia atual. In: Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 709-736, abr./jun. 2013.

ANDRADE, Roney de Seixas. **Ciência moderna, religião e os novos ateístas.** 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

APARICI, Roberto (Org.). **Conectados no ciberespaço.** São Paulo: Paulinas, 2012.

ARRUDA, Byanka da Silva; TEIXEIRA, Mizuko Koga; BASTOS, Nayra Bezerra; ABREU, Paulo; VIEIRA, Victor Yúuk. A exposição do jovem na internet: um estudo sobre o caso Felipe Neto. **Bocc.ubi.pt**, 2016. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/arruda-et-al-a-exposicao-do-jovem-na-internet.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

BAIMA, Cesar. Série de TV 'Cosmos' volta ao ar e promete viagem pelo Universo. **O Globo *(online)***, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/serie-de-tv-cosmos-volta-ao-ar-promete-viagem-pelo-universo-11853588>. Acesso em: 30 set. 2017.

BALLOUSSIE, Anna Virginia; MOURA Eduardo. Evangélicos apostam nas redes sociais para amplificar mensagem da religião Marcha para Jesus 2017. **Folha.uol.com.br**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/10/1924706-evangelicos-apostam-nas-redes-sociais-para-amplificar-mensagem-da-religiao.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2018.

BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião.** Trad. Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Trad. Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAGGINI, Julian. **Ateísmo:** uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BBC. O que se sabe sobre mulher apontada como responsável por ataque na sede do YouTube. **Bbc.com**, 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-43640286?ocid=socialflow_facebook>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BERGER, Peter. **Riso redentor:** a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis: Vozes, 2017.

BURGUESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMPOS, Marcio Antônio. Nicolau Copérnico e a "fake history". **Gazetadopovo.com.br**, 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/tubo-de-ensaio/nicolau-copernico-e-a-fake-history/>. Acesso em: 16 jul. 2018.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança.** 2006. 239f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Trad. Roneide Venâncio Majer. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Redes de indignação e esperança:** movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CHALMERS, A. F. **O que é a ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHIBENI, Silvio Seno. Algumas observações sobre o "método científico". **Unicamp.br**, 2018. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/metodocientifico.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

CORUJA, Paula. Vlog como gênero no YouTube: a profissionalização do conteúdo gerado por usuário. **Comunicologia**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 46-66, jan./jun. 2017.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A religião entre os gregos e o ateísmo prático à luz do Salmo 14. **Fides Reformata**, XVI, n. 2, p. 119-149, 2011.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Dossiê: Neoateísmo: questões e desafios. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, jul./set. 2010.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Ateísmo, evolução e cognição: bases conceituais. De sustentação do neodarwinismo de Richard Dawkins. In: VALLE, Edênio. **Ateísmos e irreligiosidades: t**endências e comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2018.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998

_____. **Depois da teoria:** um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERREIRA, Maria Helena Azevedo. **Ateísmo, neoateísmo e o "problema" da religião no século XXI: uma análise da obra Deus, um delírio de Richard Dawkins**. 2017. 191f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

FILHO, Robson R. Gomes. Teoria e religião em perspectiva: um balanço do conceito de Religião/Sagrado em seus excessos e equilíbrios nas Ciências Humanas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. III, n. 9, jan. 2011.

FIRMINO, Danilo Monteiro. **Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) x Estado brasileiro: ateísmo, laicidade e conflitos jurídicos na formação do primeiro movimento social ateísta do Brasil.** 2018. 184f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

FOLHA. Google ainda não conseguiu fazer o YouTube dar lucro. **Folha.uol.com.br**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/02/1595688-google-ainda-nao-conseguiu-fazer-o-youtube-dar-lucro.shtml>. Acesso em: 02 abr. 2017.

FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto. **A internet na América Latina.** São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre: Sulina, 2008.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 3, p. 26-34, set./dez. 2004.

FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum.** 2014. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FRANKEL, Todd C. Entenda por que quase ninguém está ganhando a vida no YouTube. **Link.estadao.com.br**, 2018. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,entenda-porque-quase-ninguem-esta-ganhando-a-vida-no-youtube,70002216498>. Acesso em: 27 mar. 2018.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da Sociologia.** São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada. **Observatoriodaimprensa.com.br,** 2017. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-revolucao-nao-sera-tuitada/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GOGONI, Ronaldo. YouTube corta monetização de canais com menos de 10 mil visualizações. **meiobit.com**, 2017. Disponível em: <http://meiobit.com/363571/youtube-muda-regras-partner-program-apenas-canais-com-mais-de-10-mil-visualizacoes-poderao-

monetizar-seus-videos-medida-visa-eliminar-imitadores-e-ladroes-de-conteudo-alheio/>. Acesso em: 17 out. 2017.

GORDON, Flávio. **A Cidade dos Brights: religião, política e ciência no movimento neoateísta**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GOULD, Stephen Jay. **Pilares do tempo:** ciência e religião na plenitude da vida. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

G1.GLOBO. YouTube não exibirá anúncio em canais com menos de 10 mil visualizações. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/youtube-nao-exibira-anuncio-em-videos-com-menos-de-10-mil-visualizacoes.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2017.

HARRIS, Sam. **Carta a uma nação cristã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARRISON, Peter. **Os territórios da ciência e da religião**. Viçosa: Ultimato, 2017.

HENEGHAN, Tom. 'Sem religião' são o 3º maior grupo do mundo, após cristãos e muçulmanos. **Ciencia.estadao.com.br**, 2018. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,sem-religiao-sao-o-3-maior-grupo-do-mundo-apos-cristaos-e-muculmanos,975282>. Acesso em: 12 abr. 2018.

HEWITT, Hugh. **Blog:** entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

JARA, Antonio de la. Acesso à internet na América Latina quase dobra entre 2010 e 2015, diz Cepal. **Extra.globo.com**, 2017. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/celular-e-tecnologia/acesso-internet-na-america-latina-quase-dobra-entre-2010-2015-diz-cepal-20094980.html>. Acesso em: 30 jul. 2017.

JESUS, Marina Oliveira de. **Videologs: uma nova mídia e seu efeito construtor de emocionalidade**. Monografia (Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura) - CELACC/Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

JUNIOR, Reginaldo José dos Santos. O caminho para Deus na filosofia de Immanuel Kant e Martin Heidegger. **Teologica.net**, 2018. Disponível em: <http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/106/112.>. Acesso em: 12 jul. 2018.

KOYRÉ, Alexandre. **Estudos de História do Pensamento Científico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, Eliomar. IBGE – Em 10 anos, número de computadores triplica nos domicílios do Brasil. **Blog.opovo.com.br**, 2017. Disponível em: <http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/ibge-em-10-anos-numero-de-computadores-triplicam-nos-domicilios-do-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

LUCKMANN, Thomas. **A religião invisível.** São Paulo: Loyola, 2014.

MACHADO, Jónatas E. M. **Estado Constitucional e neutralidade religiosa:** entre o teísmo e o neoateísmo. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013.

MAGALHÃES, Gildo. Ciências e Filosofia da Natureza no Século XIX: eletromagnetismo, evolução e ideias. **Fisica.seed.pr.gov.br**, 2018. Disponível em: <http://www.fisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Homem_Lua/CI_NCIAS_E_FILOSOFIA_DA_NATUREZA_NO_SEC_XIX.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

MANOEL Ivan Ap. Seria a religião uma filosofia da História? Ou seria inverso? In: MANOEL, Ivan; FREITAS, Naimora M. B. (Orgs.). **História das religiões**: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARTIN, Sérgio Luís. **Comunicação e ateísmo: novas contexturas no Brasil**. 2014. 92f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2014.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yurij; FAGUNDES, Vanessa; MOREIRA, Ildeu (Coords.). **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia:** pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021.

MATA, Sérgio. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MENEGON, Érika Nogueira. **Imagens e narrativas midiáticas: análise dos vídeos do YouTube**. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista, 2013.

MINOIS, George. **História do ateísmo:** os descrentes no mundo ocidental das origens aos nossos dias. Lisboa: Teorema, 1998.

_____. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MIRANDA, Ana; FERREIRA, Anabela; SANTOS, Isabel; EYCKMAN, Janaina; PONTE, Vânia; OLIVEIRA, Lia. Voluntariado em rede - formação à distância com recurso às aplicações Google+. **Ticeduca.ie.ul.pt**, 2014. Disponível em: <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/102.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

MOREIRA, Leonardo Vasconcelos de Castro. **Ainda encantados? Neoateísmo e desencantamento do mundo**. 2014. 253f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MÜLLER, Leonardo. Presidente Dilma promete internet rápida, segura e barata [vídeo]. **Tecmundo.com.br**, 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/politica/58934-video-presidente-dilma-promete-internet-rapida-segura-barata.htm>. Acesso em: 04 jun. 2017.

MURTI, Desideria Cempaka Wijaya. **The new atheist movement in the blogosphere: Burlesque and carnivalesque as rhetorical strategies in visual productions**. 2013. 96f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Colorado State University, 2013.

NOGUEIRA, Octaviano**. Vocabulário de Política.** Brasília: Senado Federal, 2015.

NOVO, Bruna. Tudo que você precisa saber sobre monetização de canais e produção de conteúdo para o YouTube. **Marketingegames.com.br**, 2017. Disponível em: <http://www.marketingegames.com.br/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-monetizacao-de-canais-e-producao-de-conteudo-para-o-youtube/>. Acesso em: 17 out. 2017.

PACETE, Luiz Gustavo. Quem são os usuários do YouTube no Brasil? **Meioemensagem.com.br**, 2019. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/07/24/quem-sao-os-usuarios-do-youtube-no-brasil.html>. Acesso em: 16 jan. 2019.

_____. O “novo” ateísmo em discussão. **Revista Unisinos**, São Leopoldo, n. 245, nov. 2007.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – conceitos e metodologia(s)**. VI CONGRESSO SOPCOM, abr. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

PEREIRA, Ana Cláudia Barreiro Gomes. **Blog, mais um gênero do discurso digital?** s/d. Disponível em: <https://www.academia.edu/29880955/BLOG_MAIS_UM_G%C3%8ANERO_DO_DISCURSO_DIGITAL>. Acesso em: 06 out. 2020.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. **Ateísmo e revolta:** os manuscritos do padre Jean Meslier. São Paulo: Alameda, 2006.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica.** São Paulo: Cultrix, 2013.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais *online*: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, ago. 2008.

_____. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

PRIMO, Marcelo de Sant’Anna Alves. **O ateísmo virtuoso: experiência e moral em Pierre Bayle.** 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PRINCIPE, Laurence. Os católicos não contribuíram para a produção científica. In: NUMBERS, Ronald L. (Org.). **Galileu na prisão e outros mitos sobre ciência e Religião**. Lisboa: Gradiva, 2012.

PORTUGAL, Agnaldo Cuoco; COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. O ateísmo francês contemporâneo: uma comparação crítica entre Michel Onfray e André Comte-Sponville. **Horizonte,** Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p.127-144, jul./set. 2010.

RAYNAUD, Dominique. Cientificismo metodológico. In: ANDRADE, G. (Ed.). **Elogio del cientificismo.** Pamplona: Laetoli, 2015.

RIES, Julien. **O sagrado na história religiosa da humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência:** da Antiguidade ao Renascimento científico. 2. ed. Brasília: Funag, 2012.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Tratado sobre Economia Política. **academia.edu**, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/8245452/Tratado_sobre_Economia_Pol%C3%ADtica._J.J._Rousseau>. Acesso em: 21 maio 2019.

SANTOS, Valmor Ferreira. **Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metáteses.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SCRUTON, Roger**. A alma do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SIBILA, Paula. **O show do Eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Ricardo Oliveira da. Será que chegou a vez do ateísmo na Historiografia brasileira? **REHR**, Dourados, v. 12. n. 24. p. 280-308, jul./dez. 2018.

_____. **O ateísmo no Brasil:** os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI. Jundiaí: Paco, 2020.

SILVA, Rogério Fernandes da. **Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 219-230, dez. 1996.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 28-39, jun./ago. 2010.

THROWER, James. **Breve história do ateísmo ocidental**. Lisboa: Edições 70, 1971.

TORRES, Camila Mendonça. **Aproximações entre o crer e o não crer: avaliação de qualidade de vida em jovens evangélicos, ateus e sem religião**. 2011. Dissertação

(Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

TREVISANI, Fabrício. Vloguer e youtuber, qual a diferença? **Rendaextra.one**, 2017. Disponível em: <http://www.rendaextra.one/vloguer-e-youtuber-qual-diferenca-saiba-mais-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 25 jul. 2017.

VALLE, Edênio. **Ateísmos e irreligiosidades**: tendências e comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2018.

VILLELA, Flávia. Celular é principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE. **Agenciabrasil.ebc.com.br**, 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares/>. Acesso em: 10 jan. 2017.

VOGT, Carlos; GOMES, Marina; MUNIZ, Ricardo (Orgs.). **ComCiência e divulgação científica**. Campinas: BCCL/Unicamp, 2018.

WILSON, Edward O. **A conquista social da terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZUCKERMAN, Phil (Org.). **Atheism and Secularity**: issues, concepts, and definitions. Vol. 1. Santa Barbara: ABC-Clio, 2010.